

Exército Brasileiro - EB

Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas - EASA

Seção de Ensino a Distância - SEAD

Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos - CAS 1ª Fase

ORGANIZAÇÃO E EMPREGO DAS ARMAS

**CAS
2012**

Cruz Alta - RS
2011

Copyright © 2011 Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Todos os direitos reservados à Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas.

Esta obra foi adaptada da Publicação Organização e Emprego das Armas e Serviços do Curso de Aperfeiçoamento Militar. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios - eletrônico, mecânico, fotocópia ou gravação, sem autorização da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas.

Créditos

Capa: Rafael Fontenele

Projeto gráfico e diagramação: Guido da Silva Godinho

Revisão: Ana Maria Andrade Araujo
Heloisa Cardoso de Castro

Organização e Emprego das Armas/org.
SÉRGIO RICARDO MARTINS ROSA - Cap
Com. Revisão de **FÉLIX TELES**
MALMACEDO JÚNIOR - Cap Eng - Cruz
Alta: EASA, 2011.
208p. – (Curso de Aperfeiçoamento de
Sargentos).

Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA)
Rua Benjamin Constant 1217, Centro - Cruz Alta - RS
CEP 98025-110
Tel (55) 3322 7824



APROVAÇÃO

O Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, com base no Inciso III do Art. 7, da Port Nr 504 - Regulamento da EASA (R-64), de 19 Set 02, resolve:

- Aprovar para fins escolares, complementando as necessidades de ensino da escola, a publicação Organização e Emprego das Armas, edição 2011.

Cruz Alta, RS, 29 de abril de 2011.



SUMÁRIO

Apresentação	7
Orientações de Estudo	9
1. PLADIS	9
2. Procedimentos	10
3. Tutoria	11
Capítulo 1: Divisão Territorial e Organização do Comando	13
1. Divisão Territorial – visão militar	13
2. Divisão Territorial do Exército	13
3. Divisão Territorial na Marinha e Força Aérea Brasileira	19
4. Divisão Territorial em Tempo de Guerra	20
5. Organização do Comando em Tempo de Guerra	23
Capítulo 2: Grandes Comandos e Grandes Unidades do Exército Brasileiro	25
1. Comandos Operacionais do Exército Brasileiro	25
2. Brigadas de Infantaria	29
3. Brigada de Cavalaria Mecanizada	36
4. Brigadas Blindadas	38
5. Brigada de Operações Especiais	48
6. Brigada de Artilharia Antiaérea	51
7. Comando de Aviação do Exército	54
Capítulo 3: Sistemas Operacionais	61
Introdução	61
Elementos de Combate, de Apoio ao Combate e de Apoio Logístico	63
Outros Elementos	79
Capítulo 4: Fundamentos das Operações	81
Conceitos Operacionais	81
Coordenação do Uso do Espaço Aéreo	91
Poder de Combate	92
Fatores da Decisão	95
Capítulo 5: Fundamentos das Operações Ofensivas	99
Introdução	99
Tipos de Operações Ofensivas	103
Formas de Manobra Tática Ofensiva	111
Planejamento e Execução do Ataque	119

Capítulo 6: Fundamentos das Operações Defensivas	125
Introdução	125
Tipos de Operações Defensivas	130
Formas de Manobra Tática Defensiva	135
Planejamento e Execução da Defesa	143
Conduta da Defesa	146
Capítulo 7: Ações Comuns às Operações Militares, Operações Complementares e com Características Especiais	151
Introdução	151
Ações de Reconhecimento, Vigilância de Combate e Segurança	152
Substituição de Unidades de Combate	156
Segurança da Área de Retaguarda	159
Operações de Assuntos Cíveis	163
Operações de Guerra Eletrônica	165
Operações Aeroterrestres	167
Operações Aeromóveis	169
Capítulo 8: Apoio Logístico nos Grandes Comandos e Grandes Unidades	173
Estrutura do Apoio Logístico na FTTOT e no Exército de Campanha	174
Estrutura do Apoio Logístico na Divisão de Exército e na Brigada	184
Desdobramento Logístico	196
Referências Bibliográficas	208



APRESENTAÇÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Bem-vindo(a) a este módulo do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos.

Você está iniciando a Disciplina Organização e Emprego das Armas

e deve estar se perguntando:

- *Por que estudar a OEA?*
- *Quais são as armas, quadros e serviços e como se integram?*
- *Como são empregados para a obtenção de vantagem nas operações militares?*

Com a leitura deste módulo, você vai adquirir conhecimentos para responder a estas questões, atingindo os seguintes objetivos:

- *descrever os princípios gerais das principais operações militares;*
- *identificar a doutrina básica das operações empregadas pelo Exército Brasileiro;*
- *conhecer a interação entre sistemas operacionais;*
- *identificar o apoio logístico nos grandes comandos e grandes unidades em campanha.*

O módulo está dividido em oito capítulos. A carga horária desta disciplina está prevista para 50 horas e deve ser administrada conforme sua disponibilidade. É importante que você estude regularmente.

Bom estudo!



ORIENTAÇÕES DE ESTUDO

Esta publicação ratifica, complementa e explica muitos dos conceitos e idéias apresentados nos Manuais de Campanha: C 100-5 - Operações; e C 100-10 - Logística Militar Terrestre.

1. PLADIS

Para sua orientação, apresentamos o Plano de Disciplinas (PLADIS). Nele encontram-se os assuntos a serem tratados em cada unidade e respectivos objetivos.

Há também uma previsão de carga horária a dedicar ao estudo.

Unidade 1: Organização Básica do EB

Carga horária: 04h

Assuntos	Objetivos Específicos	Horas
1. Divisão Territorial e Organização dos Grandes Comandos	- Identificar a divisão territorial do Exército Brasileiro, em tempo de paz e em guerra.	01
2. Grandes Comandos e Grandes Unidades do Exército Brasileiro	- Identificar missões, características, organização, possibilidades e limitações dos diferentes tipos de Grandes Comandos e Grandes Unidades do Exército Brasileiro.	03

Unidade 2: Sistemas Operacionais e Operações Militares**Carga horária: 36h**

Assuntos	Objetivos Específicos	Horas
1. Sistemas Operacionais	- Identificar o relacionamento do emprego das armas, quadro e serviços com os sistemas operacionais.	06
2. Fundamento das Operações Militares	a. Descrever os principais conceitos operacionais. b. Descrever os fatores da decisão.	06
3. Fundamentos das operações ofensivas	a. Identificar as finalidades e os tipos de operações ofensivas. b. Explicar os fundamentos das operações ofensivas	10
4. Fundamentos das operações defensivas	a. Identificar as finalidades e os tipos de operações defensivas. b. Explicar os fundamentos das operações defensivas	10
5. Ações comuns às operações básicas	- Descrever as ações comuns às operações básicas.	04

Unidade 3: Apoio Logístico**Carga horária: 10h**

Assuntos	Objetivos Específicos	Horas
1. Apoio logístico em campanha	- Identificar o apoio logístico nos grandes comandos e grandes unidades em campanha.	10

2. Procedimentos

Neste momento você deve estar com a seguinte dúvida:

Qual a melhor forma de estudar a disciplina?

Vamos descrever a sequência de procedimentos que você deve adotar para tornar o estudo mais proveitoso:

- leia atentamente o texto;
- acesse a web aula de OEA disponível no Portal de Educação do Exército;
- resolva as tarefas propostas no Portal de Educação do Exército, verifique se acertou e faça a autocorreção; e
- em caso de dúvidas, consulte o tutor.

3. Tutoria

A tutoria cumpre uma função primordial na modalidade EAD: motiva, estimula, apóia e tira dúvidas dos cursistas.

O tutor, além de desempenhar função em relação à construção do conhecimento pelo aluno, constitui o elemento de ligação deste com o curso. Assim, pode fornecer feedback no sentido de que seja reformulado o que tenha sido considerado de difícil compreensão por parte do grupo.

Entre em contato conosco, lembrando-se sempre de seu tutor local!

EASA/SEAD - CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS

Tel: (0xx55) 3322-7824

Fax: (0xx55) 3322-7824

e-mail: eadeasa@yahoo.com.br

Homepage: www.easa.eb.mil.br

**Contribuições que possam vir a melhorar o módulo
poderão ser encaminhadas diretamente à Seção de Ensino
a Distância (SEAD) desta Escola.**



CAPÍTULO 1

Divisão Territorial e Organização do Comando

Para dar início ao estudo de Organização das Armas e Serviços, é preciso sistematizar noções fundamentais, tais como a divisão do território brasileiro no nível Força Terrestre, enfatizando, ainda, a divisão territorial em tempo de guerra. São estes os elementos que você verá neste capítulo.

1. Divisão Territorial – visão militar

Do ponto de vista militar, a divisão territorial de um país visa, preliminarmente, definir as áreas de responsabilidade dos altos escalões e organizar os respectivos comandos.

Tem em vista facilitar:

- a divisão territorial e a organização do comando em tempo de paz;
- o desdobramento inicial dos meios;
- a expansão adequada dos órgãos existentes no tempo de paz;
- o desenvolvimento imediato das operações; e
- permitir o Ap Log imprescindível às operações planejadas.

2. Divisão Territorial do Exército

No nível FORÇA TERRESTRE, o território de um país é dividido em *Comandos Militares e Regiões Militares*.

Vejamos cada um.

Comando Militar

Trata-se de um grande comando que tem a responsabilidade de dirigir, coordenar e fiscalizar todas as atividades operacionais e administrativas realizadas em sua área de responsabilidade.

Como você provavelmente já sabe, o Exército Brasileiro possui sete Comandos Militares de Área.

Região Militar

É o comando territorial do Comando Militar de Área que, na área sob sua jurisdição, tem os encargos do preparo e da execução do Serviço Militar, da Mobilização, do Apoio Logístico, do Equipamento do Território, bem como da instrução das Unidades e Órgãos que lhe são diretamente subordinados.

O Brasil possui doze Regiões Militares.

a. Representação dos comandos e regiões militares

Observe a composição e abrangência de cada Comando Militar no Brasil.

Comando Militar da Amazônia (CMA)



Compreende o território da 12^a e da 8^a *Regiões Militares*.

A 12^a RM abrange os *Estados do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia, e a 8^a RM abrange Amapá, Pará e partes dos Estados do Maranhão* (municípios de Açailândia, Amarante do Maranhão, Carolina, Estreito, Imperatriz, João Lisboa, Montes Altos, Porto Franco, Sítio Novo, Cidelândia, Davinópolis, Governador Edson Lobão, São Pedro da Água Branca, Vila Nova dos Martírios, Buritirana, Senador La Roque, Campestre do Maranhão, Itinga do Maranhão, Lageado Novo, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, São João do Paraíso e São Pedro dos Crentes) *e Tocantins* (ao N dos municípios de Wanderlândia, Babaçulândia e Xambioá).

Manaus é a sede do CMA e da 12^a RM, enquanto Belém é a sede da 8^a RM.

Comando Militar do Nordeste (CMNE)



A 6^a RM *abrange os territórios da Bahia e Sergipe* e a 7^a RM, por sua vez, os territórios do *Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas*. A 10^a RM inclui os territórios do *Ceará, Piauí e Maranhão*.

Recife é a sede do CMNE e da 7ª RM, enquanto Salvador e Fortaleza são as sedes das 6ª e 10ª RM, respectivamente.

Comando Militar do Oeste (CMO)



Compreende o território da 9ª RM – Estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

Campo Grande é a sede do CMO e da 9ª RM.

Comando Militar do Planalto (CMP)



Território da 11ª Região Militar.

Compreende os Estados de Goiás e Tocantins (menos a parte sob jurisdição da 8ª RM), o Distrito Federal e o Triângulo Mineiro.

Brasília é a sede do CMP e da 11ª RM.

Comando Militar do Leste (CML)



Compreende o território da 1ª RM (Rio de Janeiro e Espírito Santo) e 4ª RM (Minas Gerais, exceto o Triângulo Mineiro).

Fazem parte do CML os Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais (exceto a área do Triângulo Mineiro até a linha definida pelos municípios de Araguari, Indianópolis, Nova Ponte e Uberaba).

A cidade do Rio de Janeiro é a sede do CML e da 1ª RM e Belo Horizonte da 4ª RM.

Comando Militar do Sudeste (CMSE)



Compreende o território da 2ª Região Militar – Estado de São Paulo.

A cidade de São Paulo é a sede do CMSE e da 2ª RM.

Comando Militar do Sul (CMS)



Compreende o território da 3ª RM (Rio Grande do Sul) e da 5ª RM (Paraná e Santa Catarina).

Porto Alegre é a sede do CMS e da 3ª RM e Curitiba é a sede da 5ª RM.

Você sabe como é nas outras Forças?

3. Divisão Territorial na Marinha e Força Aérea Brasileira

a. Marinha do Brasil

O território nacional está dividido em **nove Distritos Navais**, subordinados diretamente ao Comando de Operações Navais, cujas sedes são as seguintes:

- **1º Distrito Naval:** Rio de Janeiro (RJ);
- **2º Distrito Naval:** Salvador (BA);
- **3º Distrito Naval:** Natal (RN);
- **4º Distrito Naval:** Belém (PA);
- **5º Distrito Naval:** Rio Grande (RS);
- **6º Distrito Naval:** Ladário (MS);
- **7º Distrito Naval:** Brasília (DF);
- **8º Distrito Naval:** São Paulo (SP); e
- **9º Distrito Naval:** Manaus (AM).

b. Força Aérea Brasileira

Para a FAB, o território nacional está dividido em **sete Comandos Aéreos Regionais (COMAR)**, cujas sedes são:

- I COMAR:** Belém (PA);
- II COMAR:** Recife (PE);
- III COMAR:** Rio de Janeiro (RJ);
- IV COMAR:** São Paulo (SP);
- V COMAR:** Canoas (RS);
- VI COMAR:** Brasília (DF); e
- VII COMAR:** Manaus (AM).

4. Divisão Territorial em Tempo de Guerra

O espaço geográfico, terrestre, marítimo ou aéreo, nacional ou estrangeiro, considerado necessário para a realização de operações militares ou obtenção de recursos para desencadeamento e manutenção destas operações, é encarado diferentemente por sua posição, extensão, potencialidade em meios e importância política.

a. Divisão

Normalmente, o espaço geográfico envolvido em uma guerra compreende:

- Teatro de Guerra (TG);
- Teatro de Operações (TO) – terrestre ou marítimo; e
- Zona do Interior (ZI).

Teatro de Guerra

É todo **espaço geográfico, terrestre, marítimo e aéreo** que estiver, ou possa ser, diretamente envolvido nas operações militares de uma guerra.

Na eventualidade de qualquer guerra que o BRASIL participe militarmente, nossa atual legislação engloba no TG todo o **território nacional**.

Um TG pode comportar um ou mais TO.

Teatro de Operações

Constitui a **parte do Teatro de Guerra** necessária à **condução de operações militares** para o cumprimento de determinada missão e para seu consequente apoio logístico.

A concepção atual de um TO abrange não apenas a idéia de operações militares realizadas numa determinada área geográfica, mas, também, um escalão de comando com grande autonomia de ação e todas as responsabilidades de ordem operacional e logística e, até mesmo, política e psicossocial.

São da competência do **Presidente da República**, na qualidade de Comandante Supremo das Forças Armadas, a **designação, missão, constituição e delimitação de cada TO**, bem como a **nomeação** do seu respectivo **comandante em chefe**.

Zona do Interior

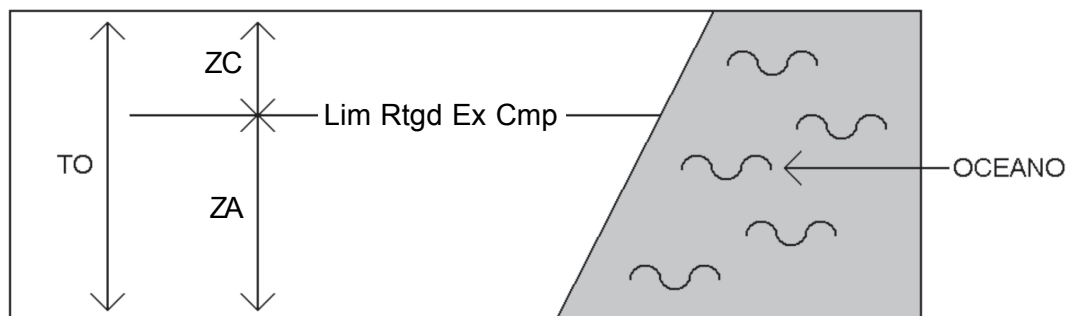
Trata-se da parte do território nacional **não incluída** no teatro de operações.

b. Organização Territorial do Teatro de Operações

Um TO pode ser terrestre ou marítimo. Em determinados casos, é possível um TO terrestre conter uma área marítima e vice-versa.

A organização territorial e a estrutura organizacional no Teatro de Operações são da responsabilidade do *Cmt TO*, que prescreve a organização inicial. A organização e a estrutura subsequentes são baseadas nas necessidades e na experiência adquirida no próprio TO.

Normalmente, o TO terrestre é dividido, no sentido de profundidade, em duas zonas – **Zona de Combate (ZC)** e **Zona de Administração (ZA)**, que têm seus limites fixados pelo comandante do TO, conforme as necessidades operacionais e logísticas.



Exemplo de um TO.

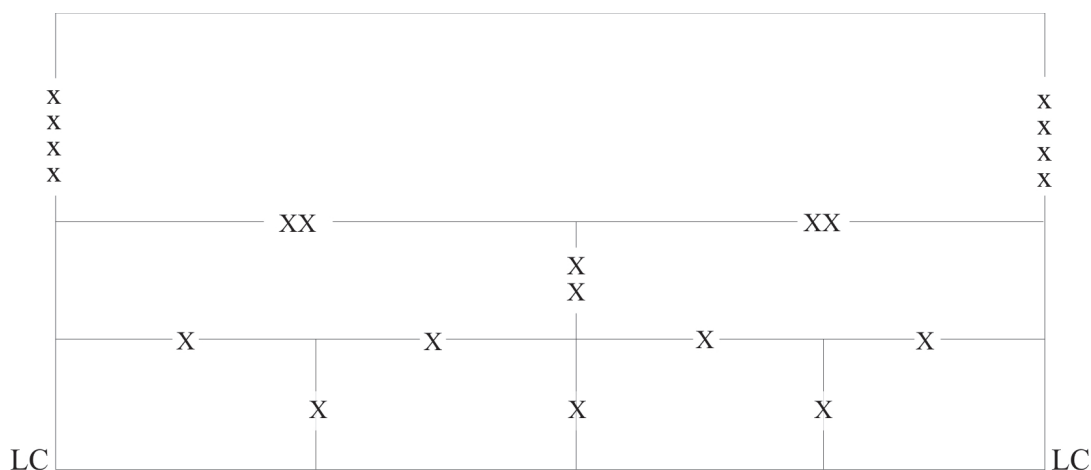
Zona de Combate (ZC)

É a porção do teatro de operações à frente dos limites de retaguarda das forças empregadas na condução das operações. A zona de combate inclui áreas terrestres, marítimas e o espaço aéreo, no interior dos quais os comandos podem influir diretamente na evolução das operações, pela manobra de seus elementos ou pelo emprego do poder de fogo.

A *zona de combate* prolonga-se pelo território controlado pelo inimigo, desde a linha de contato até o alcance máximo das armas pertencentes às forças singulares. No que tange à responsabilidade territorial e aos

principais encargos logísticos, considera-se zona de combate até a linha de contato. Para fins de planejamento, no entanto, leva-se em conta o prosseguimento das operações além daquela linha, que pode evoluir no tempo e no espaço.

A zona de combate pode subdividir-se em **zonas de ação** de *exército de campanha, divisões de exército, brigadas, forças-tarefas* etc. Os limites de retaguarda dos elementos da zona de combate são estabelecidos tão à frente quanto possível, a fim de aliviar as responsabilidades logísticas e territoriais de seus comandantes.



Exemplo de uma ZC, na qual operam 1 Ex Cmp, 2 DE e 4 Bda.

Zona de Administração (ZA)

É a porção do teatro de operações, compreendida entre o(s) limite(s) de retaguarda da(s) força(s) empregada(s) na zona de combate e o limite posterior do teatro de operações.

Nessa área desdobram-se as principais instalações, as unidades e os órgãos de apoio logístico necessários ao conjunto das forças em campanha. Na zona de administração estão também as instalações de comando do teatro de operações e de seus elementos diretamente subordinados.

A zona de administração deve dispor de área suficiente para a localização, sem adensamento, das principais instalações, órgãos e unidades necessários ao apoio logístico.

5. Organização do Comando em Tempo de Guerra

O TO deve ter um comando único que possa, com autoridade, combinar o emprego das forças de terra, mar e ar, e tomar decisões rápidas e oportunas no decorrer das operações em curso.

A estrutura organizacional de um TO é função, basicamente, de fatores de ordem geográfica e militar.

Um **TO** poderá ter subordinado a maioria ou parte dos seguintes comandos:

TERRESTRES

- 1) **FTTOT** (Força Terrestre do Teatro de Operações Terrestre)
- 2) **FNTOT** (Força Naval do Teatro de Operações Terrestre)
- 3) **FATOT** (Força Aérea do Teatro de Operações Terrestre)
- 4) **DATOT** (Defesa Aérea do Teatro de Operações Terrestre)
- 5) **CLTOT** (Comando Logístico do TOT)
- 6) **F Cbn** (Força Combinada)
- 7) **FT Cbn** (Força-Tarefa Combinada)
- 8) **F Ald** (Força Aliada)
- 9) **Bda Op Esp** (Brigada de Operações Especiais)
- 10) **Bda Inf Pqdt** (Brigada de Infantaria Paraquedista)
- 11) **Cmdo Av Ex** (Comando de Aviação do Exército)
- 12) **Bda Inf L** (Brigada de Infantaria Leve)
- 13) Outros

MARÍTIMOS

- 1) **FTTOM** (Força Terrestre do Teatro de Operações Marítimo)
- 2) **FNTOM** (Força Naval do Teatro de Operações Marítimo)
- 3) **FATOM** (Força Aérea do Teatro de Operações Marítimo)
- 4) **CLTOM** (Comando Logístico do TOM)
- 5) **F Cbn** (Força Combinada)
- 6) **FT Cbn** (Força-Tarefa Combinada)
- 7) **F Ald** (Força Aliada)
- 8) Outros



CAPÍTULO 2

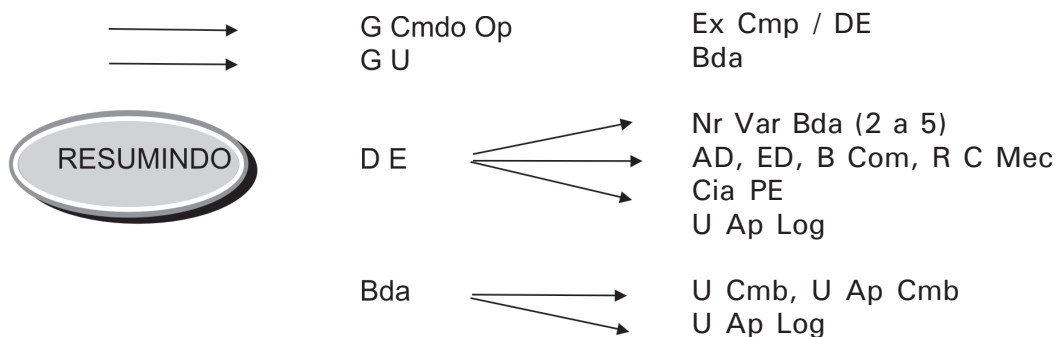
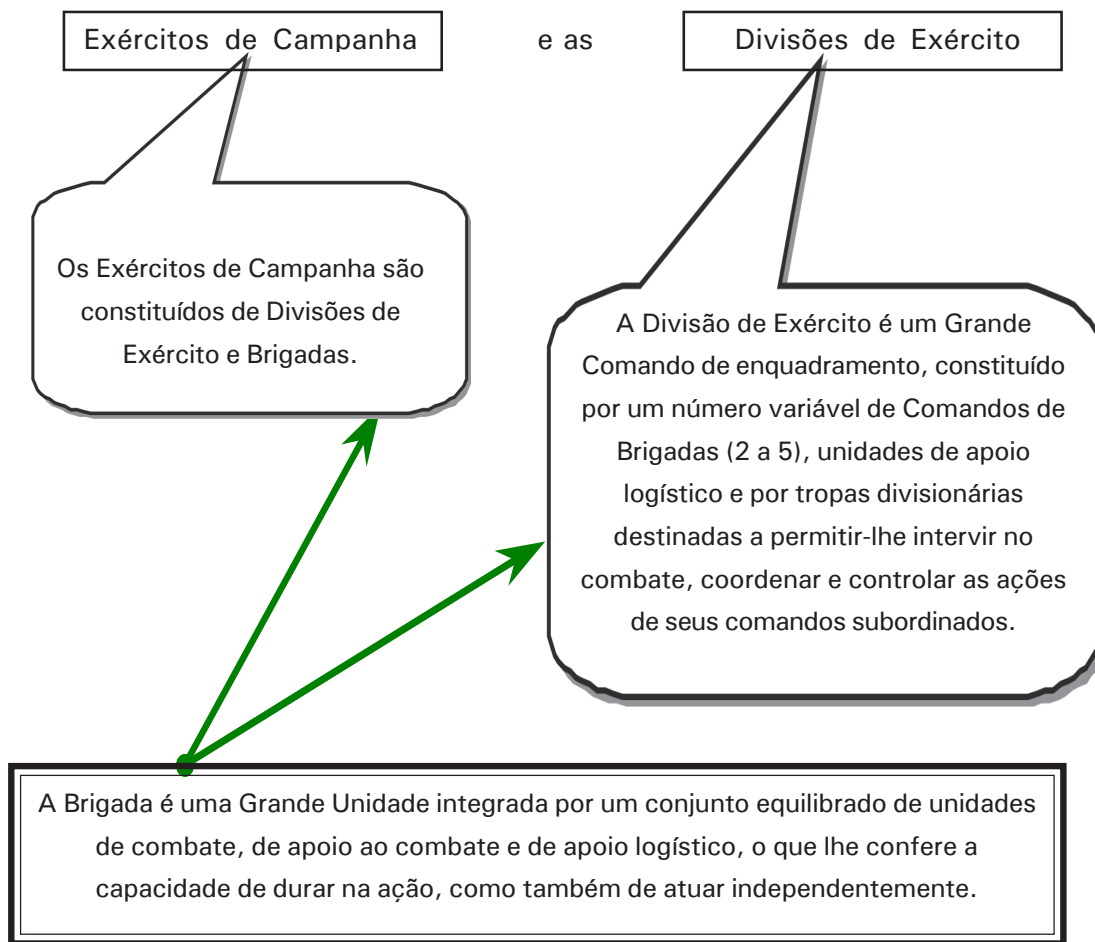
Grandes Comandos e Grandes Unidades do Exército Brasileiro

Pretendemos neste capítulo apresentar noções sobre Exército de Campanha, Divisão de Exército e Brigada, bem como a organização das GU do Exército Brasileiro.

Começamos estes assuntos com idéias básicas.

1. Comandos Operacionais do Exército Brasileiro

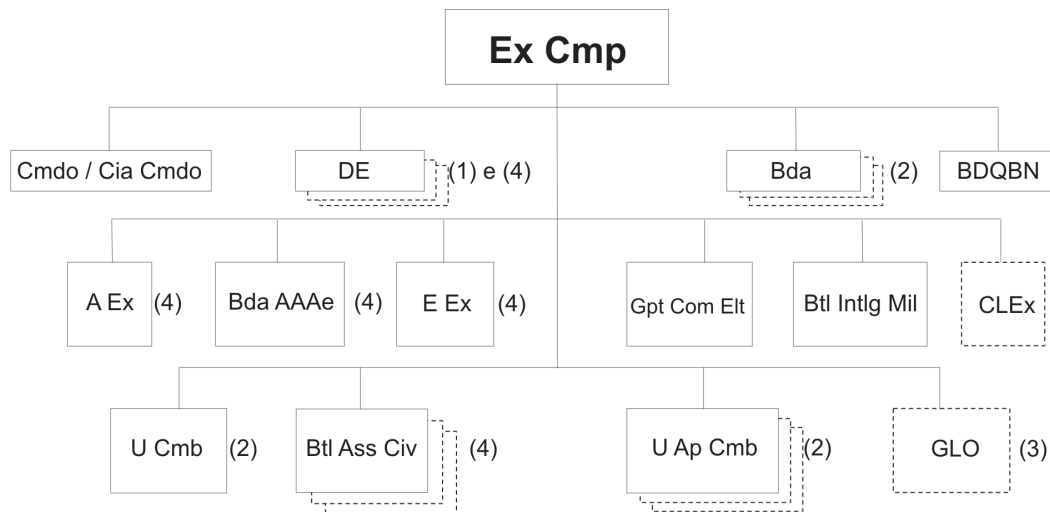
Os Grandes Comandos Operacionais do Exército Brasileiro são: Exércitos de Campanha e as Divisões de Exército.



a. Exército de Campanha

Acompanhe como se organiza o Exército de Campanha, evidenciando sua estrutura, missão e constituição.

Estrutura



- (1) Comando e base divisionária.
- (2) Número variável.
- (3) Efetivo da FAB. Normalmente em operacionalidade empenhada.
- (4) Organização variável.

Missão

Trata-se do grande comando operacional e logístico que executa operações estratégicas; planeja e conduz operações táticas dos seus elementos subordinados e provê o apoio logístico das unidades que lhe são orgânicas ou que o integram.

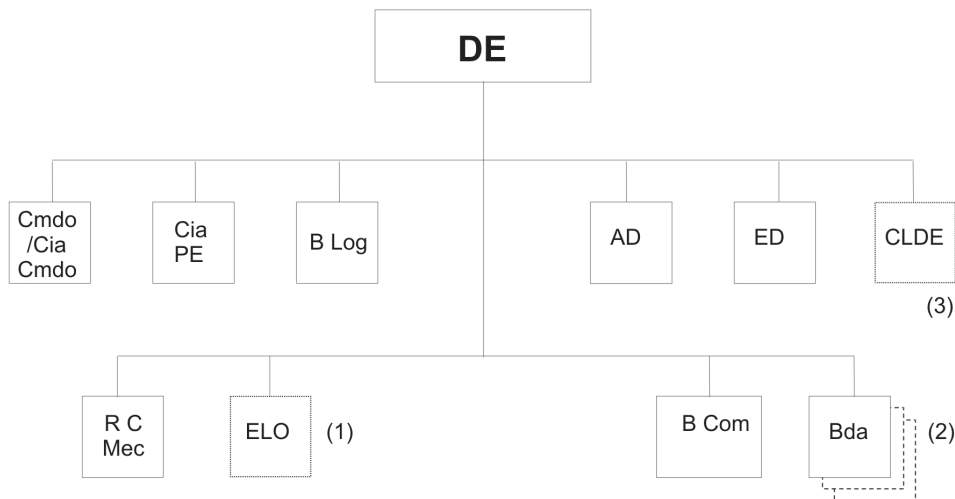
Constituição

É constituído de um comando e de tropas orgânicas. Enquadra um número variável de Divisões de Exército, Brigadas independentes, Unidades de Combate, de Apoio ao Combate e de Apoio Logístico.

b. Divisão de Exército

Acompanhe como se organiza a Divisão de Exército, ou seja, estrutura, missão, constituição, possibilidades e limitações.

Estrutura



- (1) Da Força Aerotática, com a operacionalidade empenhada.
- (2) Número e natureza variáveis (até cinco).
- (3) Quando a DE for elo na cadeia de Ap Log. Organizado em função das necessidades.

Missão

A *Divisão de Exército* (DE) é um Grande Comando Operacional da Força Terrestre constituída de um número variável de Brigadas, não necessariamente idênticas, e por tropas divisionárias – a *Base Divisionária* – que compreende Unidades de Combate, Apoio ao Combate e Apoio Logístico.

A DE coordena o emprego das brigadas que a integram e, quando necessário, as reforça em meios ou em fogos, para intervir no combate ou prolongar sua ação.

No quadro de defesa externa, a missão básica da DE é *destruir as forças militares inimigas e conquistar ou dominar áreas terrestres críticas, suas populações e recursos*.

Complementarmente à sua missão básica, a DE pode ser empregada para:

- participar de ações de defesa interna, contribuindo, em particular, para restauração da ordem;
- cooperar com os esforços de defesa civil; e
- participar de defesa territorial.

Possibilidades e Limitações

A determinação dos tipos e do número de Brigadas atribuídas a uma DE dependerá, fundamentalmente, da missão que lhe for atribuída e do ambiente operacional previsto para o seu emprego.

Considerando que a organização, os efetivos e o equipamento da DE são baseados em missão predeterminada e no ambiente operacional previsto, suas possibilidades e limitações dependerão da sua composição ou, mais precisamente, dos tipos das Brigadas que a integrarem.

De modo geral, uma DE será:

- **forte em Blindados**, quando a maior parte ou a totalidade de suas Brigadas forem blindadas;
- **forte em Infantaria**, quando todas ou a maior parte de suas Brigadas forem de Infantaria; ou
- **forte em Cavalaria**, quando todas ou a maior parte de suas Brigadas forem de Cavalaria.

Após esta parte inicial, passamos a analisar a forma como se organizam as Brigadas de Infantaria: os diferentes tipos, possibilidades comuns e específicas de cada Brigada, como também suas limitações.

2. Brigadas de Infantaria

Antes de detalharmos os tipos de Brigada de Infantaria, apresentamos nove possibilidades de emprego comuns a todas:

- conduzir operações continuadas, ofensivas ou defensivas, como uma força independente ou fazendo parte de uma força maior;
- organizar-se para o combate, adaptando-se à missão e ao terreno no qual tenha que operar;
- executar missões de segurança para uma força maior;
- participar de operações combinadas;
- realizar operações contra forças irregulares;
- receber em reforço, temporariamente, mais uma unidade de manobra sem comprometer sua capacidade de apoio logístico;

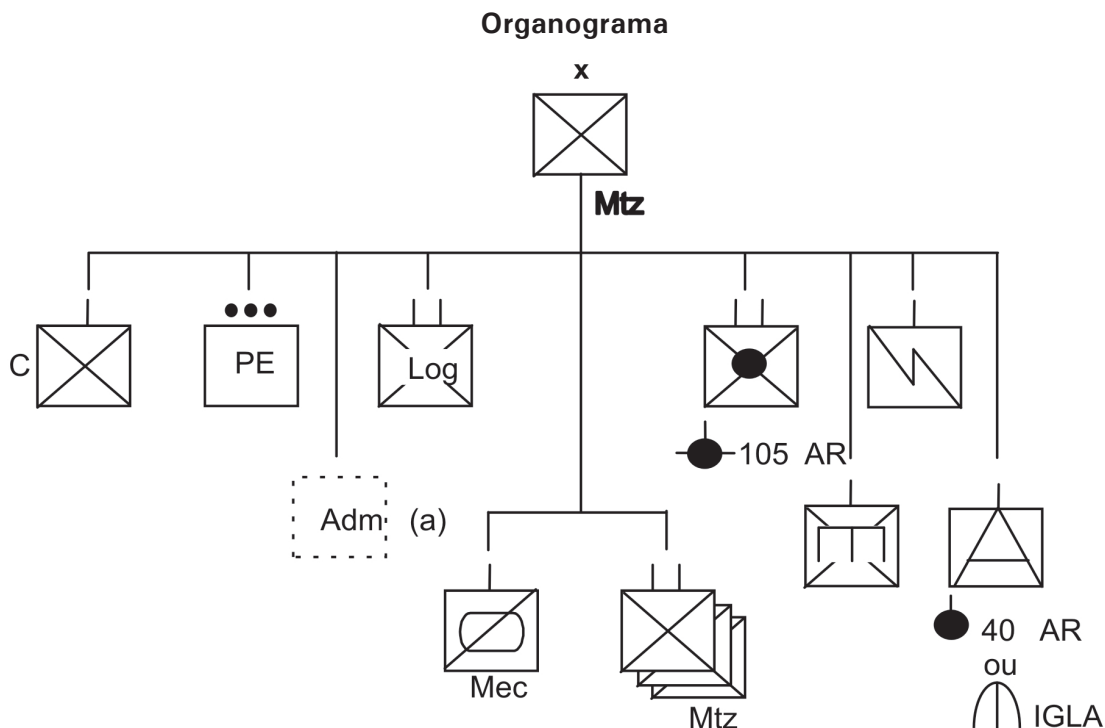
- receber, com operacionalidade empenhada, uma esquadrilha de ligação e observação;
- explorar os efeitos das armas e agentes químicos biológicos e nucleares; e
- cumprir missões no quadro de defesa interna.

Quanto aos tipos de Brigada de Infantaria, podemos dizer que, no Exército Brasileiro, há:

- Brigada de Infantaria Motorizada;
- Brigada de Infantaria Paraquedista;
- Brigada de Infantaria de Selva; e
- Brigada de Infantaria Leve (Amv).

a. Brigada de Infantaria Motorizada

Trata-se de uma GU constituída, basicamente, de Batalhões de Infantaria. É capaz de executar o combate terrestre sob quaisquer condições de tempo e de terreno. Pode realizar, prontamente, operações aeromóveis ou ser aerotransportada. Também pode participar de ações que exijam grande mobilidade.



(a) Ativada em caso de Op

Possibilidades

Além das possibilidades comuns a qualquer brigada, pode ainda:

- executar operações terrestres sob quaisquer condições de tempo, terreno e visibilidade, em ambiente nuclear ou não;
- executar operações ribeirinhas, quando adequadamente apoiada;
- participar de operações aeromóveis ou aerotransportadas, quando dispuser do apoio de aeronaves adequadas; e
- quando motorizada, participar de ações que exijam grande mobilidade, em razão dos seus meios orgânicos de transporte.

Limitações

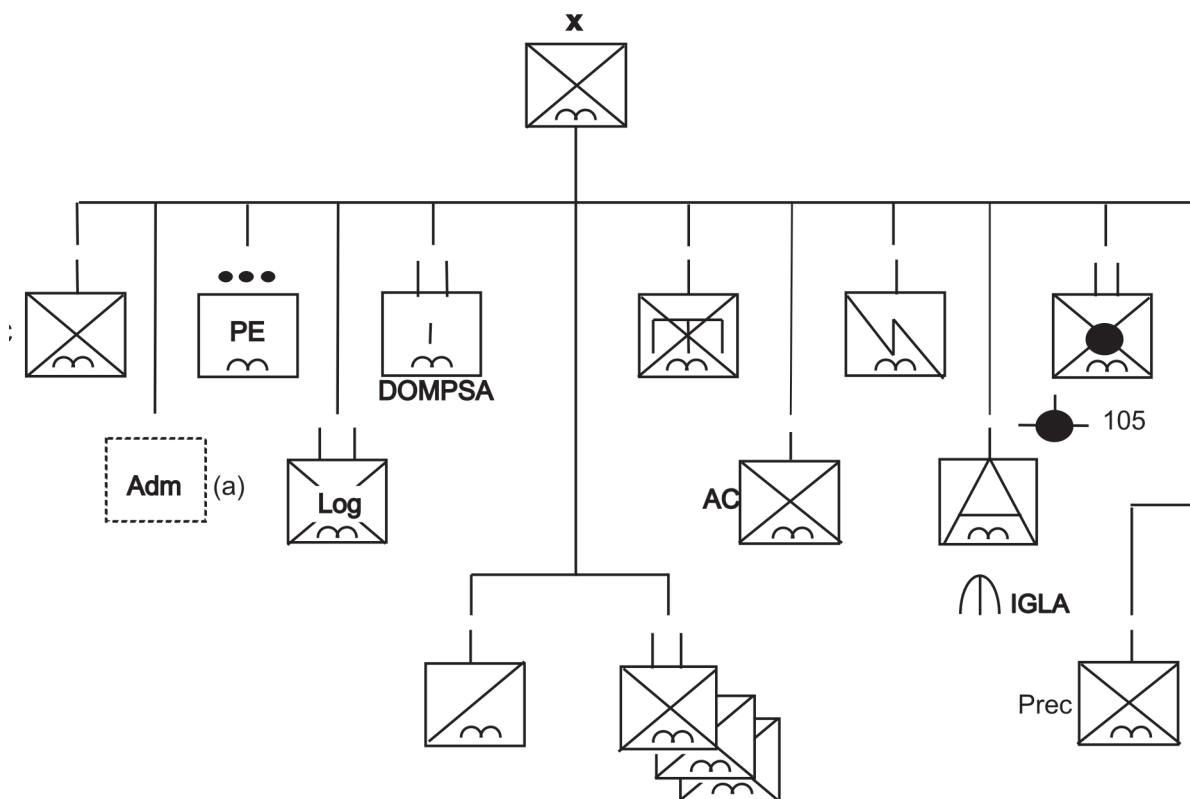
Como fatores a serem considerados, também citamos:

- limitada mobilidade veicular, quando não motorizada;
- limitada proteção contra blindados; e
- limitada proteção contra os efeitos de armas químicas, biológicas e nucleares.

b. Brigada de Infantaria Paraquedista

A principal característica desta GU é a mobilidade estratégica, proporcionada pelo transporte aéreo associado ao assalto aeroterrestre, com a utilização de paraquedas.

Organograma



(a) Ativada em caso de Op

Possibilidades

Além das possibilidades comuns, cabe a uma Brigada de Infantaria Paraquedista:

- constituir uma força de manobra de elevada mobilidade estratégica, que lhe é proporcionada pelo transporte aéreo associado ao assalto aeroterrestre;
- realizar operações aeroterrestres isoladamente ou como parte de uma força combinada;
- operar profundamente na área de retaguarda inimiga, utilizando o envolvimento vertical, a fim de assegurar a posse de objetivos cuja conquista exija surpresa e rapidez; e
- realizar operações aeromóveis e aerotransportadas.

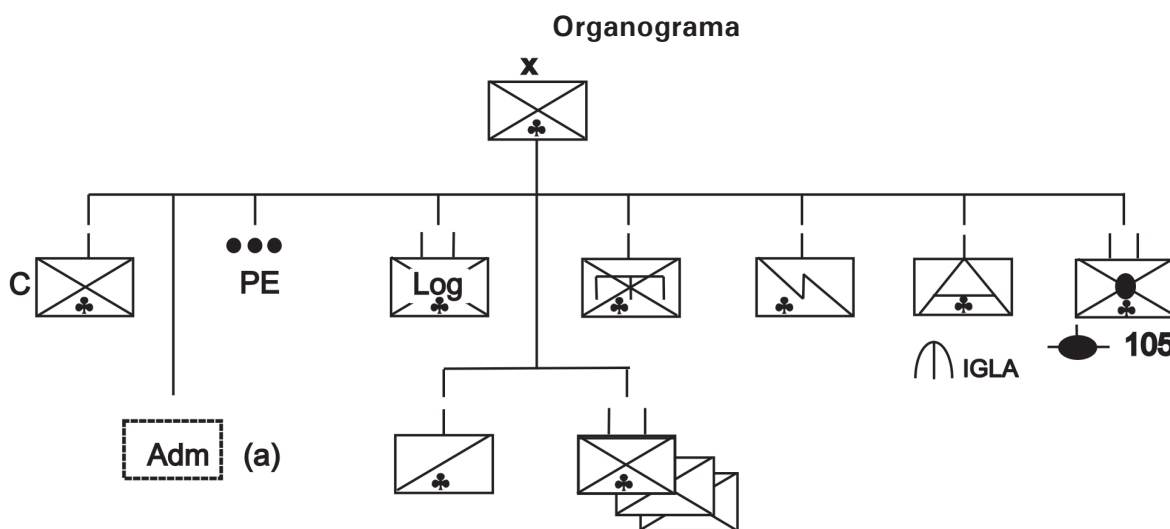
Limitações

Em relação a suas limitações, relacionamos:

- exigência de considerável apoio da Força Aérea, inicial e continuado, quando empregada em missão aeroterrestre;
- limitada mobilidade veicular;
- mobilidade terrestre limitada à velocidade de deslocamento a pé;
- vulnerabilidade aos efeitos das armas e agentes químicos, biológicos e nucleares;
- vulnerabilidade na fase do assalto aeroterrestre;
- limitada proteção e defesa contra blindados;
- dependência quanto à disponibilidade de aeronaves;
- necessidade de suplementação em meios de apoio ao combate e apoio logístico para operações continuadas; e
- sensibilidade às condições climáticas e meteorológicas adversas.

c. Brigada de Infantaria de Selva

Trata-se de uma GU formada, basicamente, por Batalhões de Infantaria de Selva, ou seja, é organizada para atuar na selva. Suas principais características são a fluidez e a capacidade de sobrevivência em ambiente hostil de selva.



(a) Ativada em caso de Op

Possibilidades

Além das possibilidades comuns às demais brigadas, identificamos as seguintes:

- operar em terrenos difíceis, selva em particular, e sob condições climáticas e meteorológicas adversas;
- executar operações ribeirinhas, quando adequadamente apoiada;
- empregar seus batalhões descentralizadamente;
- executar operações aeromóveis ou aerotransportadas, quando dispuser de apoio aéreo adequado; e
- operar com limitado apoio logístico.

Limitações

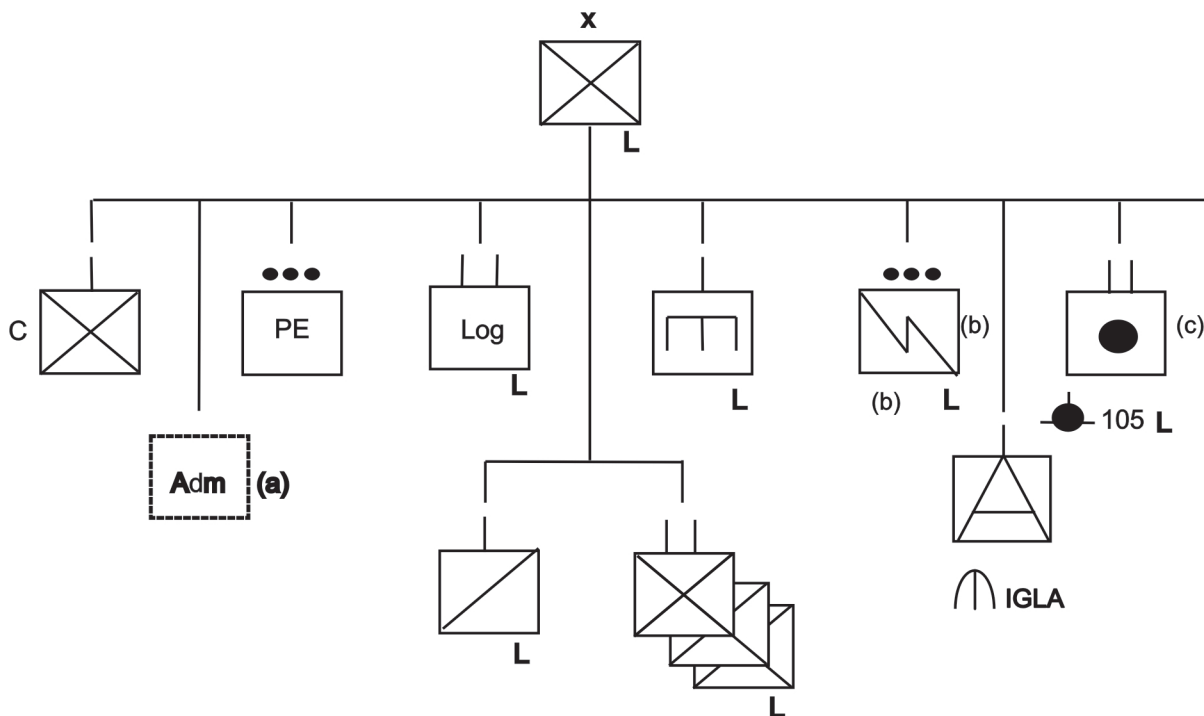
Quanto às limitações, note que esta GU tem:

- limitada mobilidade veicular;
- limitada proteção contra blindados;
- limitada proteção contra os efeitos de armas e agentes químicos, biológicos e nucleares;
- mobilidade limitada à velocidade de deslocamento a pé e dos meios aquáticos disponíveis; e
- reduzida potência de fogo.

d. Brigada de Infantaria Leve (Amv)

Sua principal característica consiste na elevada mobilidade estratégica decorrente de sua estrutura organizacional leve e modular, adequada ao transporte por qualquer meio, principalmente o aéreo.

Organograma



- (a) Ativada em caso de Op
- (b) Atd Nec mínimas da Bda com base nos meios rádio
- (c) Organizado a 3 baterias de obuseiros leves a 4 peças

Possibilidades

As possibilidades da Amv, além das comuns a todos os tipos de brigada, são:

- possui elevada mobilidade estratégica, decorrente de sua estrutura organizacional leve e modular, adequada ao transporte por qualquer meio, principalmente o aéreo;
- realiza operações aeromóveis, prioritariamente assalto aeromóvel, com ênfase para as ações na retaguarda e no flanco do inimigo;
- dada sua estrutura organizacional, material de dotação e adestramento, pode ser empregada nos mais diferentes tipos de operações; e
- como Força de Ação Rápida atua em quaisquer das áreas estratégicas do território nacional onde se configurar uma ameaça de conflito, constituindo-se em importante fator de dissuasão.

Limitações

Como limitações, é necessário levar em conta:

- considerável vulnerabilidade durante o assalto aeromóvel e, posteriormente, à ação dos blindados inimigos;
- limitada ação de choque;
- mobilidade terrestre limitada à velocidade de deslocamento a pé;
- vulnerabilidade aos efeitos das armas e agentes químicos, biológicos e nucleares;
- dependência quanto à disponibilidade de aeronaves; e
- limitada capacidade de durar na ação.

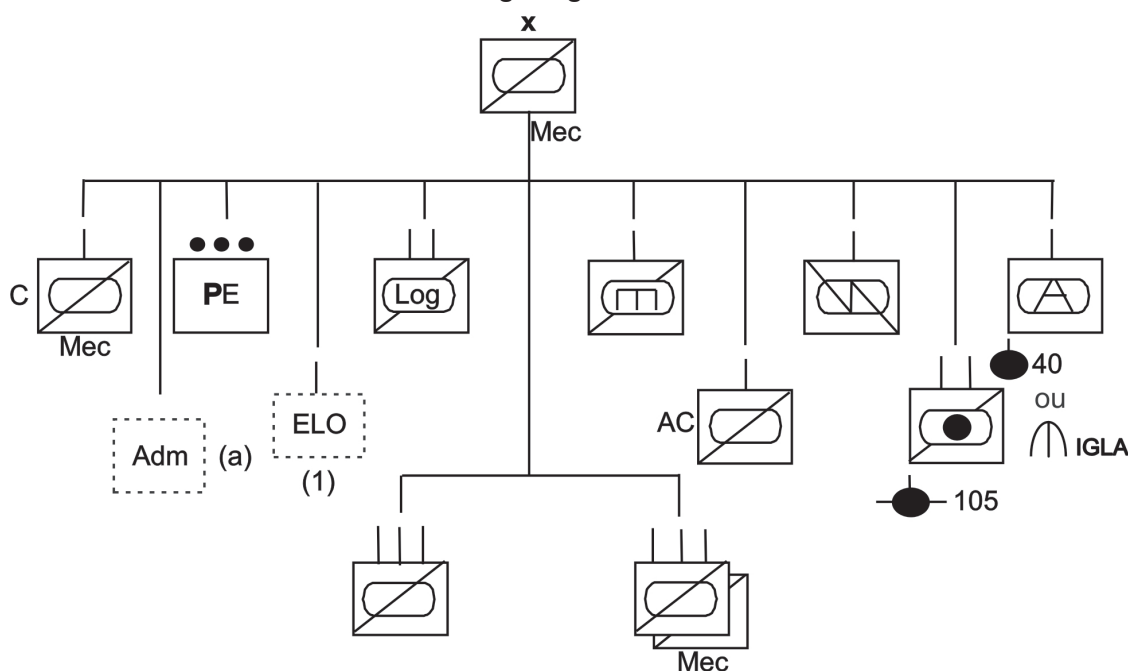
A respeito do último item, note que uma OM da Bda Inf L (Amv) tem *autonomia de 48 horas*. Após esse período, há necessidade de suprir ou resgatar as OM da Bda.

3. Brigada de Cavalaria Mecanizada

No Exército Brasileiro, a Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec) constitui o mais alto escalão de Cavalaria que emprega meios mecanizados.

Trata-se de uma GU, tática e administrativamente auto-suficiente, organizada para o cumprimento de missões em proveito de uma DE ou de um Ex Cmp.

Organograma



- (1) Operacionalidade empenhada
(a) Ativada em caso de Op

Missões

A Bda C Mec é organizada, equipada e instruída para cumprir, principalmente, missões de reconhecimento e segurança. Como parte de uma força maior, a brigada também pode realizar operações ofensivas e defensivas ou, convenientemente reforçada, realizar estas operações atuando como força independente.

Possibilidades

Citamos, como possibilidades de atuação:

- realizar qualquer tipo de reconhecimento, em largas frentes e a grandes profundidades;
- executar missões de segurança, em particular a cobertura, a vigilância e a Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR);
- realizar operações ofensivas e defensivas, como elemento de economia de forças;
- executar missões no quadro de defesa interna;
- executar ações contra forças irregulares;
- realizar ligações de combate; e
- operar como força independente, quando convenientemente reforçada, em ações ofensivas e defensivas.

Limitações

Já como fatores que limitam sua atuação, temos:

- vulnerabilidade a ataques aéreos;
- sensibilidade ao largo emprego de minas e armas AC e aos obstáculos artificiais;
- sensibilidade a terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos;
- sensibilidade às condições meteorológicas adversas que reduzem a sua mobilidade;
- necessidade de rede rodoviária para apoiá-la;
- o ruído e a poeira decorrentes dos deslocamentos não permitem operar com o sigilo muitas vezes desejado;
- limitada capacidade de transposição dos cursos de água pelos carros de combate;

- dificuldade de manutenção do material mecanizado; e
- exigência de volumosos suprimentos de classes III e V (Mun).

Como última limitação: a brigada dispõe de um reduzido efetivo de fuzileiros, o que lhe restringe a capacidade de manter uma posição defensiva por tempo prolongado.

Terminada a análise da estrutura, missão, possibilidades e limitações de uma Bda C Mec, nosso próximo passo é focalizar as Brigadas Blindadas.

4. Brigadas Blindadas

A Brigada Blindada, em razão de sua concepção **quaternária**, não pode ser considerada forte em infantaria ou forte em cavalaria, em razão do equilíbrio (mesma quantidade) dos elementos de combate (Batalhão/Regimento) em sua estrutura (organograma). Entretanto, é importante reconhecer a origem da Brigada Blindada (Bda Inf Bld ou Bda C Bld), para identificar a dotação dos Regimentos de Carros de Combate (RCC), no que se refere a suas viaturas blindadas de combate (Carros de Combate) e à Subunidade de Comando da Brigada. Para facilitar a compreensão, observe o quadro a seguir:

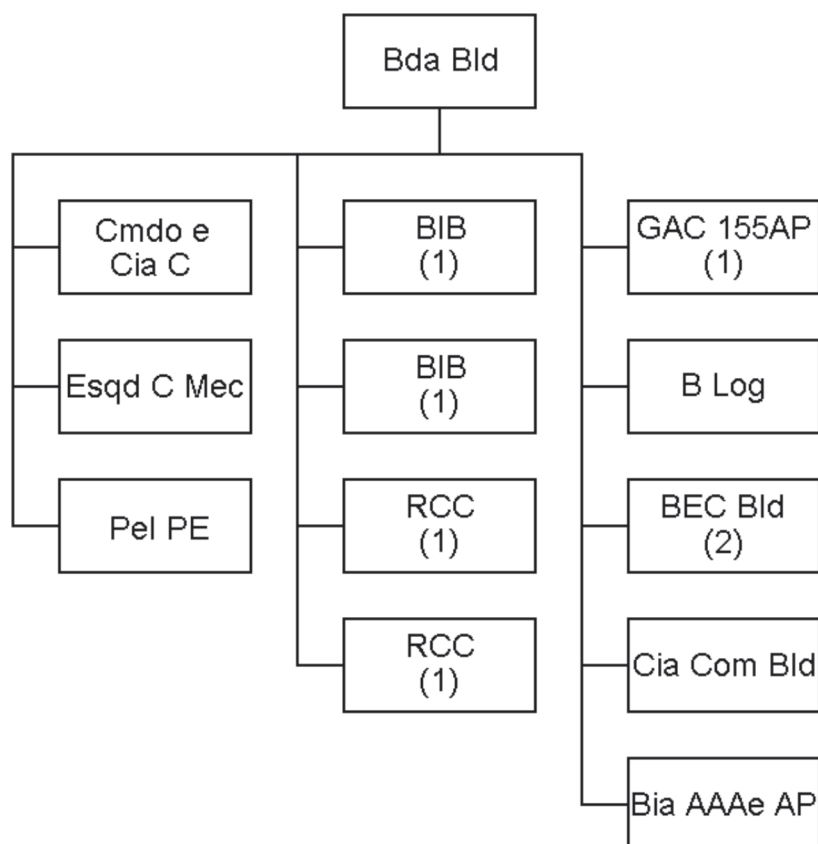
Origem	Designação atual	Carros de Combate dos RCC orgânicos da Bda	SU de Comando da Bda
Bda Inf Bld	Bda Bld	LEOPARD	Companhia de Comando (Cia C)
Bda C Bld	Bda Bld	M-60	Esquadrão de Comando (Esqd C)

Estas informações podem ser analisadas de outra forma:

- RCC de Bda Bld dotado de **LEOPARD** – origem na Brigada de **Infantaria** Blindada;
- RCC de Bda Bld dotado de **M-60** – origem na Brigada de **Cavalaria** Blindada;
- Bda Bld com **Cia de Comando** – origem na Brigada de **Infantaria** Blindada; e
- Bda Bld com **Esqd de Comando** – origem na Brigada de **Cavalaria** Blindada.

As Bda Bld constituem forças altamente móveis e potentes, equipadas e adestradas para conduzir o combate embarcado. Seu poder de combate repousa no emprego combinado dos carros de combate e dos fuzileiros blindados.

Organograma



- (1) unidades quaternárias
(2) unidade a duas Cia Eng

Considerações Básicas

As Bda Bld e suas peças de manobra são organizadas, equipadas e adestradas para o cumprimento de missões altamente móveis, decisivas e caracterizadas pela predominância de ações de combate embarcado, seja em operações ofensivas, seja em operações defensivas.

Em princípio, as Bda Bld organizam suas peças de manobra para o combate sob a forma de forças-tarefas (FT): FT BIB e FT RCC.

Tanto em operações ofensivas como em defensivas, normalmente o objetivo de uma Bda Bld será a destruição de forças blindadas ou mecanizadas do inimigo.

As Brigadas Blindadas podem estar diretamente subordinadas a uma Divisão de Exército ou a um Exército de Campanha.

As forças blindadas são prioritariamente empregadas para:

- realização de manobras desbordantes ou envolventes, buscando atuar à retaguarda do inimigo;
- destruição de forças blindadas inimigas;
- realização do combate continuado;
- aproveitamento do êxito;
- perseguição; e
- movimentos retrógrados.

O comandante de uma Bda Bld deve conhecer a intenção de seu comandante imediatamente superior, a fim de que possa explorar o êxito das ações locais, de acordo com o plano geral das operações.

Missões

Sua missão básica é realizar operações que exijam grande mobilidade, potência de fogo e ação de choque, cerrando sobre o inimigo, a fim de destruí-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, o movimento e o combate aproximado.

A Brigada Blindada é uma GU formada basicamente por Regimentos de Carros de Combate e Batalhões de Infantaria Blindados. Conduz, prioritariamente, operações ofensivas altamente móveis, especialmente as incursões, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

Pode, também, como parte de uma força maior e, na aplicação do princípio de economia de forças, realizar operações defensivas e, particularmente, movimentos retrógrados. Entretanto, mesmo nestas situações, não deve abrir mão de suas características ofensivas.

Características

São características das Brigadas Blindadas: *mobilidade, potência de fogo, proteção blindada, ação de choque, flexibilidade* e um *sistema de comunicações amplo e flexível*. Vejamos cada uma.

Mobilidade – a elevada mobilidade resulta, principalmente, de sua organização, viaturas blindadas e sistema logístico móvel. Esta característica permite grande rapidez nas ações, na dispersão e concentração, no engajamento e desengajamento ou, ainda, no deslocamento de uma área para outra.

Potência de fogo – a elevada potência de fogo é dada pela capacidade de estocar munição e pela quantidade e variedade de seu armamento coletivo: canhões dos carros de combate, morteiros e armas automáticas.

Proteção blindada – a proteção blindada das viaturas contra fogos de armamento leve, fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia permite a realização do combate embarcado.

Ação de choque – a ação de choque decorre, particularmente, da combinação da potência de fogo com o rápido movimento dos carros de combate. Depende, portanto, da surpresa obtida pela mobilidade e pelo emprego do armamento orgânico e do apoio aéreo.

Flexibilidade – a flexibilidade decorre, fundamentalmente, da organização, do sistema de comunicações e da capacidade de seus quadros, cuja formação é motivo de especiais cuidados.

Sistema de comunicações amplo e flexível – assegura ligações rápidas entre os diversos escalões de comando, o que oferece a possibilidade de explorar, convenientemente, suas demais características e a consequente presteza no cumprimento das ordens.

Possibilidades

Como possibilidades das Brigadas Blindadas, está o fato de serem empregadas:

a. em todos os tipos de operações;

Suas características são melhor exploradas no cumprimento de missões de caráter ofensivo, altamente móveis, caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado, seja em operações ofensivas, seja em operações defensivas, particularmente as incursões, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

b. em combates continuados contra qualquer tipo de força terrestre, mesmo sob condições meteorológicas adversas; e

c. em incursões, fintas e demonstrações.

A conjugação da proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e mobilidade dos blindados produz um grande poder de destruição e um significativo grau de segurança às suas guarnições, além de produzir, também, efeitos psicológicos no inimigo. Estes fatores favorecem a condução daquelas operações.

Limitações

Como principais limitações das Brigadas Blindadas, detalhamos:

a. quanto ao inimigo

- 1) vulnerabilidade a ataques aéreos; e
- 2) sensibilidade ao largo emprego de minas AC, de armas AC e aos obstáculos artificiais.

b. quanto ao terreno e condições meteorológicas

- 1) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos; e
- 2) necessidade de rede rodoviária compatível para apoiá-la.

c. quanto aos meios

- 1) dificuldade em assegurar o sigilo desejável, em virtude do ruído e da poeira decorrentes dos deslocamentos das viaturas;

- 2) a capacidade de transposição de cursos d'água dos carros de combate é limitada;
- 3) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente, manutenção e suprimentos de classe III, V e IX;
- 4) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para deslocamentos administrativos a grandes distâncias; e
- 5) limitada mobilidade estratégica, devido ao elevado desgaste nos trens de rolamento dos blindados.

Comando

O **comandante** da brigada é o responsável pelo comando e controle da grande unidade durante o preparo e o emprego e, assessorado pelo estado-maior, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da brigada.

O **estado-maior** da brigada tem como missão assessorar o comandante no exercício do comando. Compreende:

- estado-maior geral;
- estado-maior especial; e
- estado-maior pessoal do comandante.

Obs.: As atribuições de cada um dos membros do estado-maior da brigada constam do Manual de Campanha C 101-5-ESTADO-MAIOR E ORDENS.

Elementos subordinados

Para mais detalhes sobre a organização das unidades e subunidades pertencentes às brigadas blindadas, recomendamos a consulta aos respectivos quadros de organização.

Subunidade (Cia / Esqd) de Comando

Tem como missão apoiar, em pessoal e em material, o comando da brigada e prover sua segurança.

Batalhão de Infantaria Blindado (BIB)

O BIB tem como **missões**:

- operar em *cooperação com os elementos de carros de combate*, precedendo-os na ação ou apoiando-os para facilitar o seu emprego, conquistando ou mantendo o terreno; e
- como unidade de manobra, *cerrar sobre o inimigo*, pelo fogo e movimento, para destruí-lo, capturá-lo ou repelir seu ataque, realizando o combate aproximado ou executando contra-ataques.

Organização sumária

- Comando;
- Companhia de Comando e Apoio; e
- Quatro Companhias de Fuzileiros Blindadas.

Regimento de Carros de Combate (RCC)

O RCC é a unidade tática de emprego de carros de combate nas brigadas blindadas. Em princípio, será empregado sob a forma de *força-tarefa*, recebendo, para isso, uma ou mais Cia Fuz Bld do(s) BIB da brigada.

Os RCC têm por **missão** *cerrar sobre o inimigo* a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque; destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo e de contra-ataques.

Organização sumária

- Comando;
- Esquadrão de Comando e Apoio; e
- Quatro Esquadrões de Carros de Combate.

Grupo de Artilharia de Campanha 155mm Autopropulsado

Tem por *missão apoiar á brigada pelo fogo*, em particular seus elementos de manobra.

Organização sumária

- Comando;
- Bateria de Comando; e
- Quatro Bateria de Obuses.

Esquadrão de Cavalaria Mecanizado

Tem por *missão realizar operações de reconhecimento e segurança*, bem como *participar de operações ofensivas e defensivas* limitadas, no cumprimento daquelas missões ou como elemento de economia de forças, em proveito da brigada.

Bateria de Artilharia Antiaérea

Assegura *defesa antiaérea contra aviação a baixa altura* na área de responsabilidade da brigada, normalmente integrada à defesa aeroespacial. O posto de comando, as posições de artilharia, as instalações de apoio logístico e os pontos críticos devem ser considerados no estabelecimento desta defesa.

Batalhão de Engenharia de Combate Blindado

Tem como *missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e contribuir para a proteção*, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate da brigada.

Organização sumária

- Companhia de Comando e Apoio;
- Companhia de Engenharia de Pontes; e
- duas Companhias de Engenharia de Combate.

Companhia de Comunicações Blindada

Tem como *missão prover o apoio de comunicações* à brigada, assegurando o pleno exercício do comando.

Batalhão Logístico

Proporciona *apoio logístico às unidades e subunidades orgânicas* da brigada, tendo a seu cargo, inclusive, a evacuação do material salvo e capturado.

Pelotão de Polícia do Exército

O Pelotão de Polícia do Exército tem como função proporcionar *apoio de polícia à brigada*.

Organização para o combate

Os fatores da decisão - *missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios* e o *tempo* - orientam a organização para o combate e as relações de comando, tendo em vista o emprego mais eficaz da brigada.

O conceito fundamental de organização para o combate é a formação de um grupamento de vários tipos de unidades de combate e de apoio ao combate, para o cumprimento de missões táticas específicas. Em princípio, as Brigadas Blindadas organizam suas peças de manobra para o combate sob a forma de Forças-Tarefas: FT RCC e FT BIB. O esquadrão de cavalaria mecanizado das brigadas blindadas é normalmente empregado sob o controle do comandante da brigada.

Força-tarefa é um grupamento temporário de forças, com o valor de unidade ou subunidade, sob comando único, integrado por peças de manobra de natureza e/ou tipos diferentes. Trata-se de um grupamento formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate.

Nas brigadas blindadas, as forças-tarefas são constituídas, normalmente, por um batalhão de infantaria blindado reforçado por um esquadrão de carros de combate, ou por um regimento de carros de combate reforçado por uma companhia de fuzileiros blindada. De acordo com as necessidades, elementos de apoio ao combate e de apoio logístico integram as FT.

Não existe regra fixa para determinar o valor e a composição de uma FT. Para isto os fatores da decisão devem ser considerados. A composição da FT pode ser rapidamente modificada e ajustada, a fim de atender a uma mudança de situação.

Normalmente, uma FT organizada em torno de um comando de BIB é forte em fuzileiros ou equilibrada em elementos de fuzileiros e carros de combate. Da mesma forma, quando se emprega o comando de um RCC na constituição de uma FT, ela deve ser forte em carros de combate ou equilibrada em elementos de carros de combate e fuzileiros. *Uma FT é considerada equilibrada quando contém igual número de subunidades de Fuz Bld e Esqd CC.*

Ainda sobre o tema organização para o combate, há uma série de **fatores a considerar**: *condições de emprego, oportunidade, logística, coordenação e comunicações.*

Condições de emprego

A ordem de integração, reforço, comando ou controle operacional deve especificar o prazo de permanência nessa situação e quaisquer limitações ou condições quanto a seu emprego.

Oportunidade

As modificações na organização para o combate devem ser planejadas e reguladas cuidadosamente para evitar a interferência desnecessária nas operações de combate. Um elemento não deve ser retirado enquanto estiver engajado com o inimigo ou quando isso possa prejudicar o cumprimento da missão da unidade à qual está incorporado.

Sempre que possível, as principais modificações exigidas na organização para o combate devem ser efetivadas enquanto a brigada ou os elementos considerados estejam em reserva, em períodos de baixa atividade de combate ou quando for mínima a interferência do inimigo.

Logística

Os elementos designados para integrar, reforçar ou apoiar outra unidade devem preparar-se o mais cedo possível para o cumprimento de suas missões. Esta preparação inclui os repletamentos, bem como a manutenção de equipamentos e armamentos.

Coordenação

O comandante da fração integrante, em reforço ou em apoio, deve ligar-se imediatamente com o comandante da unidade integrada, reforçada ou apoiada para as necessárias ordens e coordenação e,

também, com as seções do estado-maior interessadas para orientação e instruções adicionais, inclusive sobre o apoio logístico necessário.

Comunicações

O sistema de comunicações do elemento integrante, em reforço ou em apoio, precisa estar consoante ao da unidade integrada, reforçada ou apoiada. Em certos casos, são fornecidos equipamentos adicionais para o cumprimento dessa exigência.

Examinamos a formação e outros aspectos de uma Brigada Blindada. O próximo assunto é a Brigada de Operações Especiais (Bda Op Esp).

5. Brigada de Operações Especiais

A Brigada de Operações Especiais (Bda Op Esp) é o escalão responsável pela coordenação e controle das operações especiais, bem como pela elaboração das diretrizes reguladoras de todas as atividades das unidades que o integram.

Como comando de nível Grande Unidade (GU), a Bda Op Esp efetua o levantamento das necessidades relativas ao planejamento, preparo e emprego das suas unidades subordinadas, estabelecendo, via cadeia de comando, as ligações necessárias com todos os comandos, órgãos e/ou agências civis envolvidas, inclusive de outras Forças Singulares, quando for o caso.

a. Estrutura Organizacional da Bda Op Esp

A Bda Op Esp é constituída de Comando e Estado-Maior, uma Base Administrativa (B Adm), um Centro de Instrução de Operações Especiais (C I Op Esp), o 1º Batalhão de Forças Especiais (1º B F Esp), o 1º Batalhão de Ações de Comandos (1º B Aç Cmdos), uma Companhia de Forças Especiais, sediada na área do Comando Militar da Amazônia (3ª Cia F Esp), uma Companhia de Defesa Química, Biológica e Nuclear (Cia DQBN) e um Destacamento de Operações Psicológicas (Dst Op Psc).



b. Missões

Como missões gerais da Bda Op Esp, enumeramos seis.

- Assessorar o Comandante de Operações Terrestres, os Comandantes Militares de Área e, quando determinado, os Comandantes de Grandes Comandos Operacionais, quanto ao emprego das unidades especiais que a integram. Esta assessoria cresce de relevância quando frações de suas unidades subordinadas são empregadas sob Controle Operacional (Ct Op) desses Grandes Comandos.
- Coordenar e controlar as operações especiais das suas unidades, ficando em condições de, quando o ambiente operacional o exigir, conduzir as operações de frações de suas unidades subordinadas que venham a ser empregadas independentemente ou sob Ct Op de Grandes Comandos Operacionais.
- Supervisionar o planejamento, a preparação e o emprego de suas unidades especiais, assegurando-se de que estejam em plenas condições de pronta resposta.
- Apoiar o planejamento e a condução das operações especiais de suas unidades subordinadas, tanto nas situações em que sejam empregadas independentemente, quanto naquelas em que estejam operando sob Controle Operacional de Grandes Comandos Operacionais. Esse apoio inclui o estabelecimento das ligações necessárias com todos os comandos, órgãos e/ou agências (civis) envolvidas e demais Forças Singulares, atuando como elo na cadeia de apoio logístico.
- Integrar, juntamente com suas unidades subordinadas, as Forças de Ação Rápida Estratégicas (FAR E).

- Supervisionar o desenvolvimento da doutrina das operações especiais, assegurando-se da interoperabilidade das unidades subordinadas, bem como o seu eficiente e eficaz emprego em apoio às forças convencionais.

Dentre o grande repertório de missões e possibilidades das unidades especiais que integram a Bda Op Esp, destacamos:

- 1) capacidade de desdobrar-se na retaguarda inimiga;
- 2) coletar informações do campo de batalha;
- 3) realizar busca, destruição, neutralização e interdição de alvos de valor significativo;
- 4) guiar ataques aéreos;
- 5) resgatar pessoal amigo;
- 6) sequestrar pessoal inimigo;
- 7) planejar e conduzir operações de guerra irregular:
 - subversão;
 - sabotagem;
 - fuga e evasão;
 - condução de movimentos de resistência (guerrilha) contra forças invasoras de maior porte, paralelamente às ações regulares conduzidas pelas forças armadas brasileiras; e
 - contraguerrilha.
- 8) operações antiterroristas do tipo:
 - resgate de reféns em aviões, bancos, metrô ou barcos;
 - segurança de pessoal vip e instalações estratégicas;
 - ataque a bases terroristas;
 - desativação de explosivos; e
 - monitoramento de grupos terroristas.

A Bda Op Esp é extremamente flexível, tendo organização pouco rígida e variedade de técnicas, procedimentos e meios disponíveis. Pode conduzir operações profundas com o mínimo de direção e apoio, proporcionando às operações terrestres maiores possibilidades (táticas

e estratégicas) de atacar o inimigo onde e quando ele estiver mais vulnerável.

A Bda Op Esp está efetivamente apta a realizar operações profundas e a intervir com oportunidade, no mais curto prazo, em situações de crise, cumprindo missões de pronta-resposta, dispondo para isto da mobilidade estratégica proporcionada pela disponibilidade de meios adequados, particularmente aéreos, que são providos a nível estratégico principalmente pela FAB, podendo participar também a Aviação do Exército e a Aviação Aeronaval, de acordo com as necessidades.

A Bda Op Esp é capaz de cumprir missões de conquista de superioridade relativa e destruição, neutralização ou interdição de aeródromos, radares de vigilância, baterias antiaéreas, instalações portuárias, diques e represas, pontes e estradas, instalações de comando e controle e outros.

Agora, iremos analisar a Brigada de Artilharia Antiaérea.

6. Brigada de Artilharia Antiaérea

a. Considerações sobre artilharia antiaérea

A artilharia antiaérea é estruturada em sistema de controle e alarme, sistema de armas e rede de comunicações. Tem por missão realizar a defesa antiaérea de forças, instalações ou áreas, desencadeada da superfície contra vetores aeroespaciais inimigos.

Uma defesa antiaérea eficiente exige um elevado grau de coordenação e, quando for o caso, o controle do tiro dos sistemas de armas antiaéreas. As características e possibilidades operacionais do vetor hostil, junto com a necessidade de otimizar a defesa antiaérea, de modo a alocar o menor número de unidades de tiro suficientes a seu combate, induzem a uma maior centralização do controle. O fator espaço, as limitações dos meios de comunicações e a situação existente podem levar a um menor grau de controle.

A defesa antiaérea na ZI e no TOT, embora semelhante na finalidade de combater vetores aéreos hostis, possui diferenças quanto a seu emprego. A artilharia antiaérea da ZI está sob o controle operacional do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (COMDABRA), e a do TOT, sob o comando deste último.

Com a ativação do COMDABRA, desde o tempo de paz, e sua responsabilidade de assegurar o exercício da soberania no espaço aéreo brasileiro, incluindo a ZI e a parcela do TOT em território nacional, haverá situações em que, no TOT, estarão presentes unidades de artilharia antiaérea com subordinações distintas (COMDABRA e TOT). Neste caso, a integração dos dois sistemas será um imperativo para atender aspectos de difusão de alerta antecipado, emprego de armas e integração da defesa, com a finalidade de otimizá-la sem que ocorram interferências indesejáveis.

Os meios antiaéreos orgânicos dos diversos escalões são:

- Bateria, no nível GU;
- Grupo, no nível DE; e
- Brigada de Artilharia Antiaérea, integrando TOT e COMDABRA.

A artilharia antiaérea pode realizar a missão de superfície, que consiste em atuar contra objetivos terrestres ou navais, complementando a ação de outros meios de apoio de fogo. A missão de superfície é eventual, podendo ser adotada em situações especiais, quando as possibilidades de interferência do inimigo aéreo são mínimas e o valor da ameaça terrestre considerável.

A **AAAe** pode ser classificada quanto ao:

- **tipo**: tubo e mísseis;
- **transporte**: portátil (Ptt), auto-rebocada (AR) e autopropulsada (AP); e
- **teto de emprego**: baixa, média e grande altura.

b. Bda AAAe

A **Bda AAAe** constitui um dos sete diferentes **níveis de comando (escalões) da artilharia antiaérea**.

A **Bda AAAe** compõe-se de um comando e EM, bateria de comando, companhia de comunicações, batalhão de manutenção e suprimento de AAAe e, ainda, de um número variável de grupos e de baterias de artilharia antiaérea diretamente subordinadas.

Missão

Sua missão é realizar a defesa antiaérea de zonas de ação, áreas sensíveis, pontos sensíveis e tropas, estacionadas ou em movimento, em sua área de responsabilidade.

Quanto à **base para alocação**, considera-se:-

- uma por Ex Cmp, na ZC;
- uma (subordinada à FTTOT), na ZA; e
- uma por RDA, na ZI.

Possibilidades

São possibilidades da AAAe:

- coordenar seu emprego e fogo, bem como a utilização do espaço aéreo, com as forças aérea e terrestre;
- concentrar seus fogos, quando necessário, sobre um ou mais alvos;
- bater, simultaneamente, diversos alvos com rapidez e precisão;
- possuir mobilidade tática compatível com a natureza da força que defende;
- combinar diversos tipos de material para o cumprimento de determinada missão;
- deslocar-se com rapidez;
- montar um sistema de controle e alerta capaz de integrar-se com os sistemas de controle das forças terrestre, aérea e naval (sfc);
- realizar a vigilância do espaço aéreo, por meio dos sensores de vigilância e postos de vigilância de suas unidades e subunidades;
- realizar a busca, detecção, identificação e destruição de alvos aéreos;
- empregar variados tipos de munição, contra alvos aéreos e de superfície; e
- atuar, ininterruptamente, sob quaisquer condições de tempo, visibilidade e, ainda, dentro de um ambiente de Guerra Eletrônica (GE).

Limitações

Como limitações da AAAe, temos a considerar:

- dificuldade para realizar a defesa aproximada de suas posições;
- exigência de atividades de suprimento e manutenção muito bem estruturadas, em virtude do elevado consumo de suprimentos CI III e V, e da forte dependência de manutenção especializada;
- dificuldade de coordenar, controlar e manter o sigilo das defesas antiaéreas, quando operando em ambiente de GE, face ao largo emprego de equipamentos de detecção eletrônicos e de sistemas de comunicações rádio, que necessitem operar diuturnamente;
- dificuldade de engajar mísseis balísticos e de cruzeiro, bem como demais alvos com pequenas dimensões, com grande velocidade e que empreguem tecnologia furtiva; e
- existência de um alcance mínimo de emprego para os mísseis antiaéreos em função da impossibilidade de guiamento pleno no início da trajetória.

Ainda como limitação, citamos a vulnerabilidade à capacidade de supressão de defesa antiaérea pelo oponente aéreo, devido à rápida e constante evolução tática e tecnológica da ameaça aérea.

A Brigada de Artilharia Antiaérea foi o penúltimo assunto deste capítulo que encerramos com o Comando de Aviação do Exército (Av Ex).

7. Comando de Aviação do Exército

a. Considerações sobre a Aviação do Exército

A Av Ex confere aeromobilidade no nível tático ao conjunto das forças terrestres empregadas, podendo, com restrições, participar de operações no nível estratégico.

A Av Ex, como elemento de múltiplo emprego da Força Terrestre (F Ter), tem participação ativa na guerra de movimento, contribuindo no isolamento do campo de batalha, nas ações em profundidade, na destruição da força inimiga, nas manobras de flanco, no combate continuado, no ataque de oportunidade e no aumento do poder de combate. Assim sendo, os meios aéreos orgânicos permitem aos

comandantes terrestres obter consideráveis efeitos em proveito das operações militares.

Considerando o Teatro de Operações (TO) Amazônico com a exiguidade de vias de comunicações terrestres, vasta cobertura vegetal e extensa rede hidrográfica, fatores que se apresentam como obstáculos de vulto para qualquer tropa, a utilização da mobilidade e da grande velocidade de deslocamento do helicóptero possibilita a atuação da F Ter em qualquer parte da zona de ação (Z Aç).

O emprego da aviação orgânica da F Ter nas operações aeromóveis (Op Amv) proporciona aos comandantes terrestres a possibilidade de explorar decisivamente uma oportunidade surgida, de interferir rapidamente na manobra e de concentrar ou dispersar o poder de combate, obtendo, assim, efeitos significativos em proveito da campanha. Este aspecto veio a dinamizar o conceito de campo de batalha não-linear.

A grande mobilidade da Av Ex, aliada à versatilidade de seus meios aéreos e à letalidade de seus sistemas de armas, lhe confere a possibilidade de emprego na defesa externa e em operações de defesa interna e territorial.

Em qualquer situação de emprego, a logística de aviação é peculiar, porém, sem excluir a estrutura de apoio logístico desdobrada em proveito das forças de superfície.

Missão

Aumentar a capacidade operacional da F Ter, proporcionando-lhe aeromobilidade orgânica, nos níveis tático e estratégico, este último com restrições.

A Aviação do Exército em operações

O Comando de Aviação do Exército é um *Grande Comando* (G Cmdo) constituído desde o tempo de paz, que tem por atribuições:

- assessorar um G Cmdo Op no planejamento, preparo e emprego da Av Ex;
- planejar, coordenar e controlar as atividades logísticas que digam respeito à Av Ex como um todo, particularmente quando da

articulação ou emprego de seus meios aéreos em ambientes operacionais diversos;

- assessorar os Grandes Comandos Logísticos da F Ter no planejamento, coordenação e controle das atividades relacionadas com a logística de Av Ex; e
- planejar e supervisionar, no próprio âmbito, a formação, a especialização e o aperfeiçoamento do pessoal.

Estrutura do Comando de Aviação do Exército

O Comando de Aviação do Exército é constituído, desde tempos de paz, pelos seguintes elementos:

- Comando;
- Companhia de Comando da Bda Av Ex (Cia Cmdo/Bda Av Ex);
- Batalhões de Aviação do Exército (B Av Ex);
- Batalhão de Manutenção e Suprimento de Aviação do Exército (B Mnt Sup Av Ex);
- Parque de Manutenção de Material de Aviação do Exército (Pq Mnt Mat Av Ex);
- Centro de Instrução de Aviação do Exército (C I Av Ex); e
- Base de Aviação de Taubaté (Ba Av T).

b. Brigada de Aviação do Exército (Bda Av Ex)

De forma diversa das brigadas de arma base, a Brigada de Aviação do Exército é uma Grande Unidade (GU) de emprego múltiplo. Pode cumprir simultaneamente missões de combate, apoio ao combate e apoio logístico.

A Bda Av Ex no Teatro de Operações

Sua estrutura organizacional proporciona flexibilidade ao comando para rapidamente reorganizar suas unidades em todo o teatro de operações, o que permite o emprego simultâneo da Aviação do Exército em conjunto com todos os demais elementos de manobra da força terrestre.

O Exército de Campanha, por ser o mais alto escalão a conduzir operações táticas, é normalmente o elemento mais indicado para enquadrar a Bda Av Ex, permitindo que as Unidades dessa GU sejam empregadas de forma mais ampla.

Em campanha, o PC Bda Av Ex é desdobrado junto ao da Força Terrestre do Teatro de Operações Terrestre (FTTOT).

O enquadramento da Bda Av Ex pela FTTOT pode ocorrer quando do seu emprego estratégico ou quando a FTTOT visualizar uma DE empregada isoladamente em uma direção estratégica.

A Bda Av Ex é o *maior escalão de Av Ex presente no TOT*. Esta GU, subordinada à FTTOT, só é ativada para exercer o comando e controle de, no mínimo, duas e, no máximo, seis unidades aéreas orgânicas da F Ter, planejando o emprego destes meios, integrando-os à manobra terrestre e coordenando e controlando as atividades logísticas específicas de aviação.

Não há uma dosagem básica de emprego para as unidades da Av Ex em relação a algum escalão da F Ter.

Já a Divisão de Exército, por suas características, estrutura e meios, é o *menor escalão da F Ter* que tem condições de coordenar e controlar adequadamente o emprego de uma unidade aérea, utilizando, na plenitude, sua capacidade operacional.

Em tempo de paz e até o agravamento da intensidade do conflito para a situação de guerra (conflito armado), a Bda Av Ex funciona como um núcleo, integrando o Comando de Aviação do Exército, dispondo de efetivo necessário ao planejamento e controle das operações, da instrução e do adestramento das Unidades da Av Ex.

Quando da ativação da Estrutura Militar de Guerra, os Batalhões de Aviação do Exército (B Av Ex) comporão a estrutura organizacional da Bda Av Ex para a realização das Op Amv.

O emprego da Bda Av Ex deve sempre levar em conta três premissas básicas:

- sua condição terrestre

A Bda Av Ex, mesmo atuando como elemento de manobra, ainda que possuindo elevada mobilidade e não tendo as restrições do

terreno impostas ao movimento das demais tropas – quer por obstáculos naturais ou artificiais – não constitui um elemento de combate aéreo. Sua manobra é eminentemente terrestre, onde se insere na sua terceira dimensão.

- plena utilização

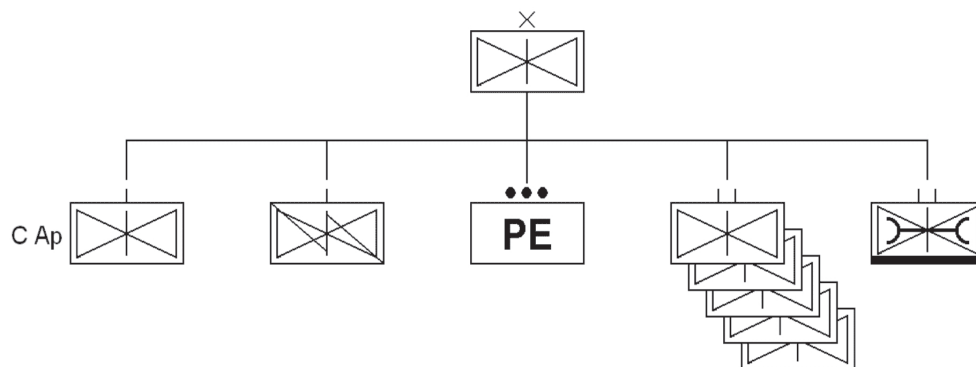
Por também ser um elemento de emprego múltiplo, a Bda Av Ex deve ser empregada ao máximo de suas potencialidades, não sendo normalmente reservada para operações específicas.

- sinergia

Empregada isoladamente, sem composição com outros elementos da Força Terrestre, a Bda Av Ex tem sua eficácia reduzida. O emprego em conjunto com outros elementos da F Ter caracteriza a sinergia, onde o resultado obtido pela combinação dos poderes de combate ultrapassa a simples soma dos poderes de combate das duas tropas.

Organograma

Quando ativada, a Bda Av Ex será constituída pelos seguintes elementos:



Missão

A missão da Bda Av Ex é *prestar aeromobilidade orgânica ao escalão que a enquadra*, cumprindo missões de combate, apoio ao combate e apoio logístico.

O Cmt Bda Av Ex assessora o comando que a enquadra sobre o melhor emprego de seus meios orgânicos, atribuindo-lhes relação de

subordinação que vão lhes conferir maior ou menor centralização de acordo com o que apontarem os fatores da decisão.

Características

Mobilidade

A Bda Av Ex possui, mercê de suas aeronaves e dos meios motorizados, 100% de mobilidade de seu efetivo e material.

Flexibilidade

Devido à sua composição, material e adestramento de suas unidades, a Bda Av Ex pode se reorganizar rapidamente e se articular em toda a zona de combate, de acordo com as novas situações de combate.

Potência de fogo

Caracterizada por sua diversidade de armamentos, incluindo metralhadoras pesadas, foguetes, canhões e mísseis, dos quais são ou podem ser dotados os helicópteros das esquadrilhas de suas unidades aéreas.

Sistema de comunicações amplo e flexível

Proporcionado pelo sistema de comunicações das suas unidades e da própria GU, além de uma gama diversa de equipamentos de comunicações instalados nas aeronaves. Estes permitem o estabelecimento de comunicações em todas as faixas de frequências utilizadas pela F Ter.

Possibilidades

Citamos seis possibilidades:

- enquadrar até seis esquadrões de Aviação do Exército;
- concentrar-se e dispersar-se com grande rapidez;
- mudar o ritmo das operações da força de superfície;
- operar sob condições de visibilidade reduzida, desde que suas tripulações estejam devidamente equipadas e adestradas;
- prestar apoio logístico às suas unidades subordinadas, na logística específica de aviação; e

- obter surpresa tática com maior facilidade, obrigando o inimigo a reagir prematuramente ou de um modo para o qual não estava preparado.

Limitações

Como nas demais brigadas, abordamos também as limitações:

- vulnerabilidade a ataques aéreos, por não contar com artilharia antiaérea orgânica;
- necessidade de uma cadeia de apoio logístico bastante distendida, por ter suas unidades desdobradas em toda a extensão do teatro de operações;
- necessidade de integração ao sistema de comando e controle dos escalões enquadrantes, por não ter meios de desdobrar um sistema de comunicações de comando em todo o TO;
- apoio logístico complexo, envolvendo forte atividade de manutenção e grandes quantidades de suprimento, particularmente suprimento classe III (combustível de aviação);
- vulnerabilidade a condições meteorológicas severas; e
- difícil reacompletamento em relação a material e pessoal, uma vez que requer componentes de valor elevado e pessoal com capacitação técnica crítica e específica.



CAPÍTULO 3

Sistemas Operacionais

O conteúdo deste capítulo contém extratos do capítulo 2 do manual C 100 – 5 Operações.

Introdução

1. Considerações Gerais

- a. Os elementos de combate, apoio ao combate e logísticos interagem, integrando sistemas operacionais, que permitem ao comandante coordenar o emprego oportuno e sincronizado de seus meios no tempo, no espaço e na finalidade. Os sistemas operacionais são: comando e controle; inteligência; manobra; apoio de fogo; defesa antiaérea; mobilidade, contramobilidade e proteção; e logístico.
- b. Esses sistemas aplicam-se tanto ao nível tático quanto ao nível estratégico-operacional do combate e facilitam a integração, coordenação, preparação e execução de operações de armas combinadas bem-sucedidas.

2. Sistemas Operacionais

- a. **Comando e controle** - Esse sistema permite aos comandantes de todos os escalões visualizar o campo de batalha, apreender a situação e dirigir as ações militares necessárias à vitória. Também estabelece as ligações necessárias ao exercício do comando, às comunicações entre os postos de comando e entre os comandantes e seus estados-maiores, quando

aqueles deixam a área do posto de comando. As comunicações são o elemento vital para o exercício do comando e controle em combate.

- b. **Inteligência** - É fundamental para o planejamento eficaz e para a segurança das tropas. As operações de inteligência são esforços organizados para coleta, análise e difusão de informações precisas e oportunas sobre a área de operações e o inimigo. Para fornecer uma visão precisa do campo de batalha, exige direção centralizada, ação simultânea em todos os níveis de comando e difusão oportuna das informações pela cadeia de comando. O comandante, em todos os escalões, dirige as atividades de inteligência. Esse sistema acha-se intimamente ligado ao de comando e controle.
- c. **Manobra** - A manobra é uma ação estratégica militar, um princípio de guerra e um elemento fundamental do poder de combate. É discutida em várias partes deste manual. Resumidamente, consiste na combinação de fogo e movimento para posicionar-se, no campo de batalha, de maneira vantajosa em relação ao inimigo. Ela cria as condições para a conquista dos objetivos táticos, estratégico-operacionais ou estratégicos. Todos os sistemas trabalham para facilitar, orientar e apoiar a manobra, mas sua relação mais imediata é com os sistemas de apoio de fogo, de comando e controle, de mobilidade, contramobilidade, proteção e logístico.
- d. **Apoio de fogo** - A sincronização dos fogos com a manobra é crucial para o sucesso das operações. O sistema de apoio de fogo realiza a sincronização dos fogos orgânico, aéreo e naval com a manobra idealizada. O sistema de apoio de fogo está ligado diretamente aos de manobra, inteligência, logística e comando e controle e proporciona ao comandante a capacidade de tirar o máximo proveito da aplicação de fogos em toda a profundidade do campo de batalha.
- e. **Defesa antiaérea** - O sistema coordena as atividades de defesa antiaérea de todos os elementos envolvidos no combate, embora a parte mais significativa fique a cargo das unidades de artilharia antiaérea. Também estabelece a coordenação com a Força Aérea e a Aviação do Exército, estabelecendo medidas de controle do espaço aéreo e coletando, analisando e difundindo informações sobre o inimigo aéreo. Sua atuação também ajuda a prevenir a ocorrência de baixas e danos provocados pelo fogo amigo terrestre ou aéreo.

- f. **Mobilidade, contramobilidade e proteção** - As operações de mobilidade preservam a liberdade de manobra das forças amigas. Incluem abertura de trilhas e brechas nos obstáculos inimigos, melhoria da circulação no campo de batalha, construção de meios para a transposição de cursos de água obstáculos, medidas para controle de tráfego e circulação, e utilização da Aviação do Exército. As medidas de contramobilidade visam a impedir ou dificultar a mobilidade do inimigo. Incluem nossa manobra e fogos, a construção de obstáculos e o emprego de fumígenos. As operações de proteção procuram proteger nossas tropas dos efeitos dos sistemas de armas inimigos e de fenômenos naturais como tempestades, enchentes e extremos de temperatura. Entre outras, compreendem a fortificação de posições, a simulação e dissimulação, a dispersão e as operações de segurança.
- g. **Logístico** - O sistema incorpora técnicas especializadas e se estrutura para cumprir as funções logísticas. Organiza-se em torno das atividades funcionais, respeitando a interpenetrabilidade entre elas e a melhor funcionalidade e especialização em cada escalão. Apóia-se no máximo aproveitamento da infra-estrutura local e dos meios civis existentes e mobilizáveis. Orienta-se, fundamentalmente, para o apoio ao pessoal e ao material dos elementos de combate e de apoio ao combate. Deve integrar-se perfeitamente ao sistema de manobra. Aplica-se em todo o espectro das operações militares e em todos os escalões. É essencial para o funcionamento das organizações militares em situações de paz ou de combate e precisa operar ininterruptamente.

Elementos de Combate, de Apoio ao Combate e de Apoio Logístico

1. Elementos de Combate

- a. Um elemento de combate caracteriza-se por sua capacidade de combinar fogo e movimento, a fim de cerrar sobre o inimigo. Pode receber as missões de: destruir ou neutralizar o inimigo; conquistar, controlar e interditar acidentes capitais do terreno; cobrir ou proteger a força principal; ou obter informações para o escalão em proveito do qual

opera. Os elementos de combate empregam os tiros diretos e indiretos e são organizados, adestrados e equipados para operar em contato direto com o inimigo.

- b. Os batalhões de infantaria e os regimentos de cavalaria constituem os elementos básicos para a organização das brigadas, de grupamentos e forças-tarefas, que ainda incluem elementos de artilharia, engenharia e comunicações e podem receber, também, elementos de apoio logístico e de aeronaves de diversos tipos.
- c. A missão, o ambiente operacional e as possibilidades do inimigo indicam a organização dos elementos de combate de uma força. Essa deve ser adaptável a vários ambientes sem modificações significativas, podendo incluir elementos de combate de um único tipo ou combinar mais de um deles, como fica caracterizado na constituição básica das Brigadas. No âmbito de uma força maior, a organização dos elementos de combate pode ser modificada pelo reforço ou pela retirada de elementos, de acordo com as necessidades.
- d. Os elementos de combate constituem a base estrutural das forças de combate. Necessitam de chefia adequada, adestramento eficiente, além de disciplina, resistência, tenacidade e espírito de corpo, no mais alto grau. Sobre seu efetivo incidem as maiores perdas em combate e os demais componentes da Força Terrestre existem para apoiá-los.

2. Missões e Características Básicas

- a. Os elementos de combate são organizados para a execução de missões que exijam o contato direto com o inimigo. Algumas dessas missões podem ser comuns à infantaria e à cavalaria, ou, ainda, os elementos de uma arma poderão cumprir uma missão que, normalmente, seria atribuída à outra. Um elemento de combate possui, em combinações e graus variados, determinadas características imprescindíveis ao cumprimento de suas missões.
- b. A mobilidade, como característica básica das ações ofensivas, pode variar desde a mobilidade do homem a pé até a total utilização de meios blindados, mecanizados, aéreos e aquáticos.
- c. A potência de fogo necessária a qualquer tipo de operação pode variar, desde as pequenas armas individuais até as coletivas de diversos portes, o armamento dos carros de combate e os mísseis.

- d. A ação de choque, fundamental à decisão do combate, consiste no efeito resultante da associação entre a mobilidade e a potência de fogo, reforçadas pela proteção blindada. Traduz-se no impacto físico e psicológico exercido sobre o inimigo, mediante fogos diretos potentes, desencadeados a distâncias extremamente curtas. Pode variar desde a ação de choque proporcionada pelo combatente a pé, aplicando os fogos de assalto e o combate corpo a corpo, até a proveniente do emprego em massa de forças-tarefas compostas por carros de combate e fuzileiros blindados, quando atinge seu grau máximo de intensidade. O ruído dos carros de combate, sua silhueta, sua rapidez de progressão e sua invulnerabilidade aos fogos das armas de pequeno calibre potencializam os efeitos psicológicos anteriormente mencionados.

3. Missões da Infantaria

- a. A missão básica da infantaria, no ataque, é cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, o movimento e a ação de choque. Na defensiva, consiste em manter o terreno, detendo e repelindo o ataque inimigo por meio do fogo e do combate aproximado, ou destruindo-o pelo contra-ataque. A característica essencial da infantaria é sua aptidão para combater a pé, em todos os tipos de terreno e sob quaisquer condições meteorológicas, conjugada à capacidade de deslocar-se e de combater utilizando quaisquer meios de transporte que lhe sejam proporcionados. A infantaria, quando dotada de meios de transporte adequados, pode realizar operações ribeirinhas, aeroterrestres ou aeromóveis. É necessário um alto grau de adestramento para a obtenção e manutenção dessas possibilidades.
- b. A infantaria conquista e mantém o terreno ou o controla, por meio da ocupação física ou pelo emprego da potência de fogo. Pode manobrar sob condições meteorológicas desfavoráveis e em terreno impraticável a blindados. A capacidade da infantaria para progredir em pequenas formações, difíceis de serem detectadas em todos os tipos de terrenos, torna-a apta a tirar partido dos itinerários desenhados e da ondulação do terreno para cerrar sobre o inimigo, realizar infiltrações nas linhas inimigas ou para executar ações de patrulha.
- c. A infantaria pode valer-se de meios blindados nas operações ofensivas e defensivas, a fim de aproveitar a capacidade deles para manobrar sobre o inimigo e destruí-lo, ou para aproveitar o êxito próprio ou de outras forças.

- d. A mobilidade da infantaria é consideravelmente aumentada com o emprego de meios aéreos. Seu emprego em operações aeroterrestres ou aeromóveis amplia seu raio de ação e a transforma em elemento decisivo no combate em profundidade.

4. Missões da Cavalaria

- a. As características básicas da cavalaria são definidas pela conjugação harmônica das peculiaridades de seus elementos blindados e mecanizados: mobilidade, potência de fogo, ação de choque, proteção blindada e sistema de comunicações amplo e flexível. Em decorrência dessas peculiaridades, resultam as características de emprego da arma: flexibilidade, capacidade de manobra, capacidade de combater, de durar na ação, de informar e de cobrir-se. Na constituição de suas peças de manobra, integram-se elementos de natureza diversa, organizados de forma a realçar o movimento e o emprego adequado da potência dos meios de que dispõe, assegurando excelentes condições para o combate continuado contra qualquer tipo de força.
- b. A cavalaria blindada constitui importante elemento de decisão, sendo particularmente apta para as ações ofensivas que exijam grande poder de choque e para as ações dinâmicas decisivas de defesa. A cavalaria mecanizada constitui elemento móvel e potente, capaz de conduzir ações de reconhecimento e de segurança, em frentes largas e a grandes profundidades, além de operações ofensivas limitadas. Na defensiva é particularmente adequada a realizar o movimento retrógrado.
- c. No início das operações, a cavalaria é empregada à frente das demais forças terrestres, na busca de informações sobre o inimigo e sobre a região de operações. Nessa oportunidade, concorre para a cobertura da concentração e realiza o reconhecimento de combate e a segurança, podendo, além disso, retardar o inimigo, realizar destruições em seu território e perturbar sua concentração. Para executar tais missões, a cavalaria manobra utilizando os espaços livres existentes na frente das primeiras forças postas em ação pelo inimigo e, aproveitando-se dos intervalos que possam se apresentar, opera atrás de suas linhas. No desempenho dessas missões, trabalha em íntima ligação com a Força Aérea e a Aviação do Exército que, precedendo-a, atuam profundamente na retaguarda do inimigo.

- d. A cavalaria intervém na batalha como força participante de operações ofensivas e defensivas.
 - 1) Na ofensiva, realiza ações desbordantes ou envolventes, aproveitando-se de flancos descobertos ou de intervalos existentes ou criados no dispositivo inimigo, atuando de forma a destruir as forças inimigas e seus sistemas de comando e controle, logística, apoio de fogo e reservas imediatas. Na impossibilidade de realizar manobras de flanco, poderá ser empregada para ultimar ou realizar a ruptura de uma posição defensiva. Após a ruptura do dispositivo adversário, será lançada para aproveitar o êxito obtido e perseguir o inimigo batido, aproveitando as características de força móvel e potente. Antes, durante e após o combate, poderá ser empregada como força de segurança ou força de ligação.
 - 2) Na defensiva, será empregada como reserva móvel e potente na mão do comandante, destinada, normalmente, às ações que objetivem a destruição do inimigo. Na defesa móvel, constituirá a força de fixação ou de choque, graças a mobilidade, potência de fogo e ação de choque. Poderá ser empregada como elemento de aplicação do princípio de economia de forças, seja na vigilância de partes secundárias da frente, seja no tamponamento de brechas durante a conduta das operações, e como elemento de segurança.
- e. Para desempenhar apropriadamente as missões, os elementos de cavalaria devem possuir um grau de mobilidade, no mínimo, igual ao das demais forças amigas ou inimigas presentes no campo de batalha.
- f. O emprego de frações da Aviação do Exército, em apoio a suas ações de reconhecimento e segurança, permite que essas operações sejam executadas com maior profundidade no campo de batalha, com mais eficiência e rapidez.

5. Elementos de Apoio ao Combate

- a. Embora os elementos de manobra sejam a fonte primordial do poder de combate de uma força, os elementos de apoio participam decisivamente do sucesso das operações por meio do apoio de fogo, do apoio ao movimento e da capacidade de coordenação e controle proporcionados à força. O apoio ao combate contribui diretamente para aumentar a eficiência dos elementos de manobra, podendo constituir-se em fator decisivo na avaliação do poder de combate. A

composição de uma força de combate inclui unidades de apoio ao combate, de acordo com suas necessidades.

- b. A atribuição de elementos de apoio ao combate às forças em operações deve ser cuidadosamente dosada, para assegurar seu emprego eficiente e econômico. Tais elementos podem ser orgânicos ou dados em apoio ou em reforço aos elementos de manobra, na dosagem adequada.
- c. Em todo escalão de comando, os planejamentos para emprego dos elementos de manobra e de apoio ao combate devem ser integrados, a fim de assegurar a adequação do apoio às necessidades operacionais.

6. Artilharia de Campanha

- a. A artilharia de campanha, organizada basicamente em Grupos, é o principal meio de apoio de fogo da F Ter, podendo suas unidades serem dotadas de canhões, obuseiros, foguetes ou mísseis.
- b. Tem por missão apoiar a força pelo fogo, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito da operação. Ao cumprir essa missão, a artilharia de campanha realiza as seguintes ações:
 - 1) apóia os elementos de manobra, com fogos sobre os escalões avançados do inimigo;
 - 2) realiza fogos de contrabateria dentro do alcance de suas armas;
 - 3) dá profundidade ao combate, pela aplicação de fogos sobre instalações de comando, logísticas e de comunicações, sobre reservas e outros alvos situados na área de influência da força.
- c. A Artilharia de Exército (A Ex) tem constituição variável, compreendendo um comando, uma bateria de comando e um número variável de comandos de Agrupamentos e de Unidades de artilharia de diversos tipos, além de meios de busca de alvos e de iluminação do campo de batalha. Tem por missão dar profundidade ao combate e aumentar o apoio de fogo proporcionado pela artilharia dos escalões inferiores.
- d. A Artilharia Divisionária (AD) é constituída por um comando, uma bateria de comando, Unidades orgânicas e meios de busca de alvos, podendo receber outros elementos postos em reforço à DE. Tem por missão aprofundar o combate e aumentar o apoio de fogo proporcionado pelos Grupos orgânicos das brigadas.

- e. A Artilharia da Brigada é constituída por um Grupo de Artilharia de Campanha orgânico, que tem por missão apoiar pelo fogo as ações da Grande Unidade, podendo receber meios em reforço para aumentar seu poder de fogo.
- f. A artilharia de campanha é tanto mais eficiente quanto mais centralizado for o controle de seus meios. Com a centralização, obtém-se o máximo de flexibilidade, o que proporciona o melhor apoio à força como um todo e a cada um de seus elementos integrantes.
- g. Nas operações altamente móveis e em outras operações com elevado grau de descentralização, pode ser indicada a descentralização do controle e, até mesmo, dos meios de artilharia de campanha. À medida que o combate se torna mais fluído, surge, naturalmente, a necessidade de colocar elementos da artilharia de campanha reforçando os elementos de manobra.

7. Artilharia Antiaérea

- a. A artilharia antiaérea é estruturada em sistema de controle e alarme, sistema de armas e rede de comunicações, tendo por missão realizar a defesa antiaérea de forças, instalações ou áreas, desencadeada da superfície contra vetores aeroespaciais inimigos.
- b. Uma defesa antiaérea eficiente exige um elevado grau de coordenação e, quando for o caso, o controle do tiro dos sistemas de armas antiaéreas. As características e possibilidades operacionais do vetor hostil, junto com a necessidade de otimizar a defesa antiaérea, de modo a alocar o menor número de unidades de tiro suficientes a seu combate, induzem a uma maior centralização do controle. O fator espaço, as limitações dos meios de comunicações e a situação existente podem levar a um menor grau de controle.
- c. A defesa antiaérea na ZI e no TOT, embora semelhantes na finalidade de combater vetores aéreos hostis, possuem diferenças quanto a seu emprego. A artilharia antiaérea da ZI está sob o controle operacional do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (COMDABRA), e a do TOT, sob o comando deste último.
- d. Com a ativação do COMDABRA, desde o tempo de paz, e sua responsabilidade de assegurar o exercício da soberania no espaço aéreo brasileiro, incluindo a ZI e a parcela do TOT em território nacional,

haverá situações em que, no TOT, estarão presentes unidades de artilharia antiaérea com subordinações distintas (COMDABRA e TOT). Neste caso, a integração dos dois sistemas deverá ser um imperativo para atender aspectos de difusão de alerta antecipado, emprego de armas e integração da defesa, com a finalidade de otimizá-la sem que ocorram interferências indesejáveis.

e. Os meios antiaéreos orgânicos dos diversos escalões são:

- 1) Bateria, no nível GU;
- 2) Grupo, no nível DE; e
- 3) Brigada de Artilharia Antiaérea, integrando TOT e COMDABRA.

f. A artilharia antiaérea pode realizar a missão de superfície, que consiste em atuar contra objetivos terrestres ou navais, complementando a ação de outros meios de apoio de fogo. A missão de superfície é eventual, podendo ser adotada em situações especiais, quando as possibilidades de interferência do inimigo aéreo são mínimas e o valor da ameaça terrestre considerável.

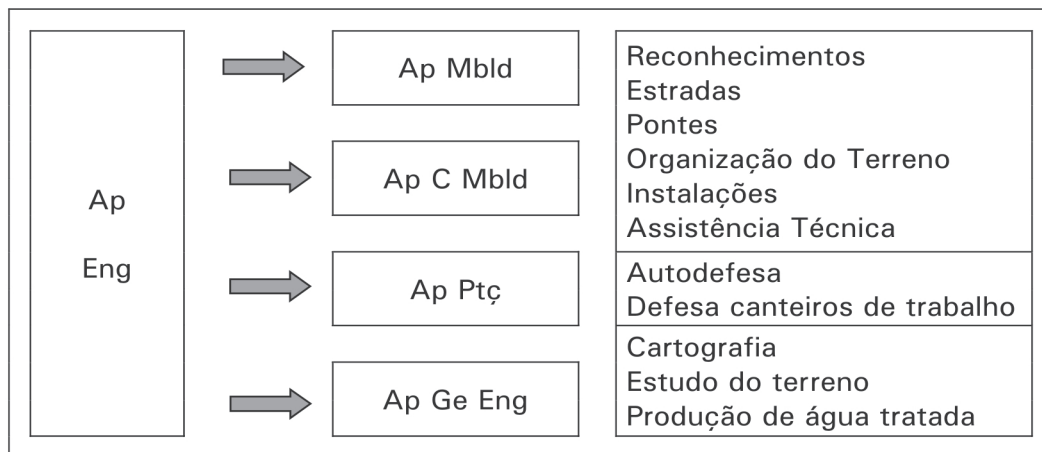
8. Engenharia

a. O sistema de engenharia

- 1) A engenharia caracteriza-se por realizar ações que são, simultaneamente, táticas e técnicas, reunidas em um sistema que engloba todas as suas atribuições.
- 2) Esse sistema consiste no conjunto do pessoal, do material e da doutrina de emprego necessários para o apoio às operações, seja em tempo de paz ou de guerra, tendo como principais características:
 - a) fornecer apoio de engenharia a todos os escalões da ZC e da ZA, englobando as áreas técnica e tática de atuação da engenharia;
 - b) estabelecer a coordenação de todas as atividades de engenharia;
 - c) estabelecer plenamente os canais técnicos de engenharia, integrando todos os escalões, os meios disponíveis e otimizando seu emprego; e
 - d) constituir-se em multiplicador do poder de combate, aproveitando e organizando o terreno em proveito das forças apoiadas.

3) O sistema visa a proporcionar às tropas:

- a) o apoio à mobilidade;
- b) o apoio à contramobilidade;
- c) o apoio à proteção; e
- d) o apoio geral de engenharia.



Visão geral do apoio de engenharia.

b. Missão da Engenharia

- 1) A Engenharia é a arma de apoio ao combate que tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e a proteção, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate.
- 2) O apoio de engenharia destina-se a prover:
 - a) Mobilidade - É o conjunto de trabalhos desenvolvidos para proporcionar as condições necessárias ao movimento contínuo e ininterrupto de uma força amiga. Entre outros, citam-se os trabalhos de abertura de passagens em obstáculos, de transposição de cursos de água, de conservação e reparação de pistas e estradas para o escalão de ataque e de destruição de posições organizadas do inimigo.
 - b) Contramobilidade – É o conjunto de trabalhos que visa a deter, retardar ou canalizar o movimento das forças inimigas para, em princípio, contribuir na destruição dessas forças. São trabalhos que proporcionam maior valor defensivo ao terreno, principalmente pela construção de obstáculos de acordo com a

intenção do comandante tático, restringindo a liberdade de manobra do inimigo.

- c) Proteção - É o conjunto de trabalhos que visa a reduzir ou anular os efeitos das ações do inimigo e das intempéries sobre a tropa e o material, proporcionando abrigo, segurança e bem-estar e ampliando a capacidade de sobrevivência das forças em campanha. A Engenharia presta assistência às tropas em combate ou realiza trabalhos de fortificações, camuflagem e instalações que aumentem o valor defensivo das posições.
 - d) O apoio geral de engenharia engloba as tarefas que – contribuindo ou não para a mobilidade, a contramobilidade e a proteção dos elementos de manobra – proporcionam a infra-estrutura necessária para as operações militares, particularmente quanto ao apoio logístico, ao apoio de fogo e ao sistema de comando e controle. São exemplos, entre outros, o estudo técnico tático do terreno, a produção de cartas e de água tratada, as construções ou reparações de estradas, de instalações logísticas ou de comando, de campos de pouso, de sistemas de abastecimento e de serviços essenciais.
- 3) Para cumprir sua missão, a Engenharia emprega seus meios e missões ligadas ao combate, apoio ao combate, apoio logístico e sistema de comando e controle. Nem sempre será possível estabelecer uma divisão nítida entre as diversas atribuições da Engenharia relacionadas com essas missões.
 - 4) Excepcional e momentaneamente, a Engenharia pode prover sua própria segurança, quando estacionada ou em marcha, ou, ainda, na defesa de seus canteiros de trabalho. Nesse caso, ela perde as características de apoio ao combate e sofre uma reorganização de sua estrutura normal.

c. Princípios de organização

- 1) Uma vez que a engenharia exerce sua atividade sobre um fator sempre presente – o terreno – deve haver, em cada escalão, uma engenharia capaz de modificar as condições do mesmo, de acordo com a manobra prevista.
- 2) À primeira vista, a organização da engenharia, em cada escalão, deveria ser aquela que permitisse atender a todas as necessidades impostas pelo terreno. Como isso não é possível, a organização

tem por base a centralização dos meios nos escalões mais elevados, permitindo que os mesmos possam suprir as deficiências de engenharia dos escalões subordinados, em face das necessidades específicas de cada situação e, ainda, atender ao apoio em profundidade, de modo a liberar os escalões subordinados de encargos na retaguarda.

3) Na ZC encontram-se:

- a) a engenharia orgânica das brigadas, com meios para atender às necessidades mínimas e imediatas do escalão; e
- b) as engenharias de DE e de Ex Cmp, com meios para atender às necessidades desses escalões e aumentar o apoio às brigadas, inclusive assumindo encargos nas áreas de retaguarda das mesmas.

4) Na ZA encontra-se uma engenharia constituída à base de Unidades de Construção, cujo valor e natureza respondem às necessidades desta parte do TOT. Também é possível o emprego, nessa área, de empresas civis de engenharia mobilizadas.

9. Comunicações

- a. O apoio de comunicações proporciona rapidez, confiança e segurança na transmissão de informações de combate e de decisões do comando. Os sistemas de comunicações devem possibilitar o comando e o controle, além de proporcionar ligações eficientes a todos os escalões desdobrados no TOT.
- b. Os meios de comunicações empregados, bem como a maneira de utilizá-los, precisam adaptar-se aos problemas criados pelo esforço para controlar fogos e pelo deslocamento de forças muito dispersas, por vezes em contato com o inimigo. Cada escalão dispõe de tropas e equipamentos orgânicos necessários para instalar, explorar e manter as comunicações indispensáveis à execução de sua missão.

10. Guerra Eletrônica

a. Considerações iniciais

- 1) A guerra moderna exige um extenso uso de equipamentos eletrônicos, para manter o controle sobre as forças em combate e executar reconhecimentos sobre o campo de batalha, além de componentes de sistemas de armas.
- 2) O planejamento e a execução do combate moderno devem considerar as medidas necessárias à interdição do emprego eficiente do espectro eletromagnético pelo inimigo, bem como aquelas que assegurem às forças amigas as melhores condições de utilização de seus próprios equipamentos e sistemas eletrônicos.
- 3) Cabe ao mais alto escalão operacional de nível tático a coordenação das diversas atividades de guerra eletrônica realizadas sob seu controle direto ou por seus elementos subordinados. Para isso, estabelece normas e procedimentos e baixa diretrizes específicas sempre que necessário.

b. Atividades da guerra eletrônica

De acordo com o Manual de Campanha "**C 34 - 1 EMPREGO DA GUERRA ELETRÔNICA**", 2ª Edição - 2009, as atividades de GE dividem-se em ramos, em função dos objetivos que norteiam seu emprego. São eles:

- 1) Medidas de Apoio de Guerra Eletrônica (MAGE) - Ramo da GE, de natureza passiva, que visa obter dados do oponente, a partir das emissões eletromagnéticas de interesse utilizadas pelo oponente;
- 2) Medidas de Ataque Eletrônico (MAE) - Ramo da GE que visa impedir ou dificultar o uso do espectro eletromagnético pelo oponente, pelo uso da irradiação, reirradiação, reflexão, alteração ou absorção intencional de energia eletromagnética; e
- 3) Medidas de Proteção Eletrônica (MPE) - Ramo da GE que busca assegurar a utilização eficaz e segura das próprias emissões eletromagnéticas, a despeito das ações de GE empreendidas pelo oponente ou formas de interferências não-intencionais.

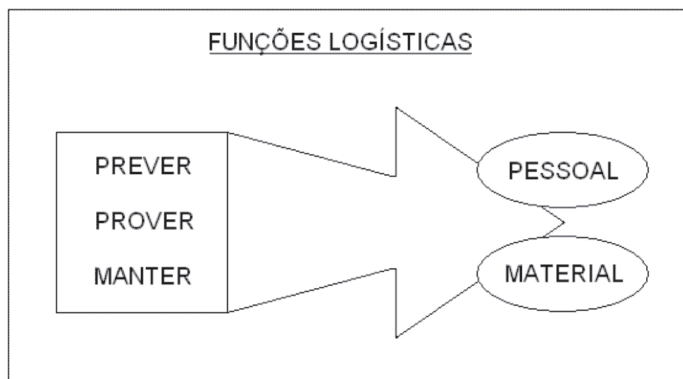
11. Aviação do Exército

- a. A missão básica da Aviação do Exército é o apoio ao combate. Ela confere aeromobilidade à F Ter, por lhe permitir a realização de operações aeromóveis, particularmente o assalto aeromóvel, sua missão principal.
- b. A dosagem básica é de uma Bda Av Ex por TOT. Normalmente o Ex Cmp será integrado por uma Unidade Aérea, cabendo-lhe decidir sobre o grau de centralização de seu emprego.
- c. No cumprimento de sua missão, a Aviação do Exército poderá cumprir missões de combate, apoio ao combate e logísticas, sem prejuízo de sua missão principal – o assalto aeromóvel.
- d. Pela grande flexibilidade conferida por seus meios aéreos, a Aviação do Exército confere nova dimensão ao combate e maior profundidade ao campo de batalha.
- e. A Aviação do Exército é sensível às condições meteorológicas.

12. Apoio Logístico ao Combate

- a. Constitui o conjunto de ações voltadas para preparar e garantir a continuidade do combate, englobando o processo de planejamento e execução do apoio às operações.
- b. Está presente em todas as fases do combate, havendo estreita ligação e sincronização entre o planejamento da manobra operacional e a manobra logística. Seus elementos devem participar desse planejamento e ter perfeito conhecimento e entendimento das operações, para apoiar sua execução.
- c. Deve manter a capacidade de responder às condições dinâmicas do combate de qualquer intensidade. Operações continuadas, ininterruptas ou circunstâncias imprevisíveis não podem ser obstáculos para a logística operacional.
- d. A logística operacional, componente do Sistema Logístico da F Ter, centra-se nas necessidades operacionais da FTTOT. Engloba as funções de prever e prover os meios, em pessoal e material, necessários às operações. Sua outra função é a de manter esses meios, de modo a diminuir a demanda pela entrada de novos meios no subsistema representado pelo prever e prover. É ela que executa o apoio logístico ao combate.

- e. As funções executadas pelo apoio logístico ao combate são as mesmas da logística operacional: prever, prover e manter.
- f. Muitos dos métodos e processos utilizados pelos profissionais de material e de pessoal são semelhantes, afins ou correlatos. Os elementos logísticos se estruturam em torno das atividades que realizam, em proveito dos efetivos ou voltados para os sistemas de combate e de apoio ao combate.
- g. Em seu conjunto, os elementos logísticos devem possuir flexibilidade, criatividade e versatilidade para cumprir sua missão. Ela crescerá em complexidade e importância na mesma medida em que aumentem o vulto e a intensidade das operações.



Funções logísticas.

13. Logística Operacional no TOT

- a. O apoio logístico ao combate se inicia na ZI, perfeitamente integrado ao planejamento estratégico. Nesse nível, prevalecem as funções logísticas de prever e prover, destacando-se as aquisições e a mobilização de pessoal ou material junto à estrutura econômica civil mobilizável. Inversamente, a função logística de manter é maior nos níveis de execução.
- b. Entrarão no TOT as necessidades totais de apoio às operações, reduzidas do que pode ser conseguido no próprio TOT. Os planejamentos logísticos, desde o tempo de paz e sob esses parâmetros, estarão voltados para o apoio às prováveis hipóteses de emprego da F Ter.

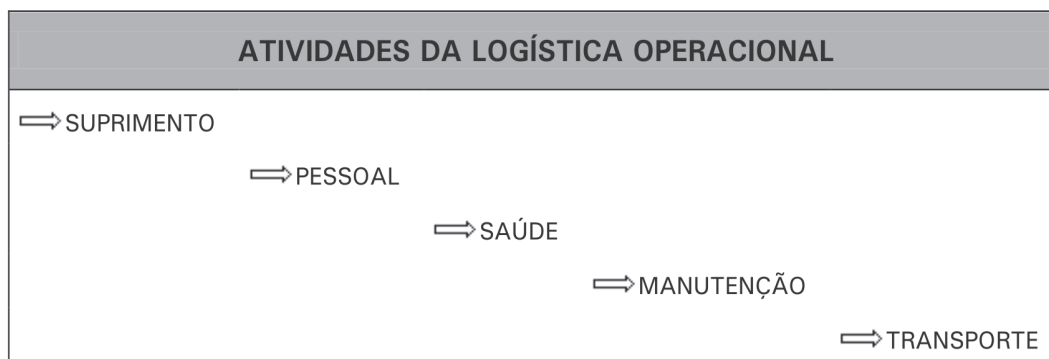
- c. No TOT deve ser dada ênfase ao aproveitamento de recursos locais, desonerando o fluxo de apoio proveniente da ZI e multiplicando a capacidade de apoio dos elementos logísticos existentes em tempo de paz.
- d. Sua organização virá do aproveitamento da estrutura existente na área, acrescida pela concentração de outras OM logísticas e da mobilização de meios em pessoal, material e instalações, tudo obedecendo aos planejamentos estratégicos em vigor. Deverão existir Núcleos de Comandos Logísticos desde o tempo de paz.
- e. As necessidades logísticas do TOT definirão a organização do apoio logístico. Em princípio, existirão na estrutura logística do Teatro de Operações Terrestre:
 - 1) No nível de Grandes Comandos:
 - a) Comando Logístico do TOT (CLTOT);
 - b) Região Militar do TOT (RM/TOT);
 - c) Comando Logístico de Exército de Campanha (CLEX);
 - d) Comando Logístico de Divisão de Exército (CLDE);
 - e) Base(s) Logística(s) (Ba Log); e
 - f) Grupamento(s) Logístico(s) (Gpt Log).
 - 2) No nível de execução, Batalhões e outras OM com atividades logísticas combinadas ou atividades logísticas preponderantes de:
 - a) Suprimento;
 - b) Pessoal;
 - c) Saúde;
 - d) Manutenção; e
 - e) Transporte.
- f. As atividades de construção, na ZA, serão coordenadas pelo CLTOT, que poderá empregar em sua execução tanto Unidades de Engenharia de Construção quanto meios civis mobilizados.
- g. A passagem da situação de paz para a de guerra não é repentina. Em consequência, a organização e a estruturação da logística no TOT deverão acompanhar a progressividade das exigências da situação. As estruturas de comando e de execução partirão das existentes em tempo

de paz, sendo ampliadas por completamente ou ativação de novas organizações, tudo orientado, preponderantemente, pelo aproveitamento da estrutura civil e recursos locais.

- h. As unidades, subunidades e frações de logística se espalham por todo o TOT, compondo a estrutura de execução do apoio logístico ao combate. Atuam nas subunidades de Comando e Apoio das Unidades Operacionais, nas Unidades Logísticas das GU e nos Grandes Comandos Logísticos da ZC e da ZA. Constituem as peças da manobra logística nos vários escalões.

14. Elementos de Apoio Logístico ao Combate

- a. As organizações logísticas se estruturam em função das atividades que devem realizar.
- b. No nível da execução, a organização por atividades logísticas permite flexibilidade no emprego, racionalização e otimização dos meios.
- c. A missão geral de prestar apoio logístico se consolida na execução integrada das atividades logísticas, compondo elementos combinados ou específicos de qualquer das atividades logísticas.



15. Atividades Territoriais e Outras Atividades

- a. As atividades de responsabilidade do Sistema Comando, ou outras necessárias às operações e à administração ou à organização do TOT, poderão ser delegadas aos Comandos Logísticos.
- b. Essas atividades referem-se ao campo do pessoal, quando não enquadradas pela logística operacional, como o controle de prisioneiros de guerra ou evacuação de civis. No campo dos assuntos civis, temos a ação comunitária e os assuntos de governo.

- c. Ressaltam, também, as atividades de Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR) e controle de trânsito, além de outras atividades territoriais, organizacionais ou trabalhos gerais de engenharia.
- d. Para tanto, os Comandos Logísticos poderão enquadrar pessoal ou tropas especializadas ou destinadas ao cumprimento destas missões ou, ainda, utilizar-se de pessoal e recursos locais.

Outros Elementos

Aviação de Ligação e Observação

- a. A missão da aviação de ligação e observação é de aumentar a capacidade das tropas de superfície na condução de operações de combate rápidas e contínuas. Isto é conseguido mediante o cumprimento, por suas unidades aéreas, das missões específicas previstas para a tarefa operacional de ligação e observação.
- b. São as seguintes as suas missões específicas:
 - 1) Ligação - Visa a manter interligados os comandantes e seus elementos subordinados, mediante o transporte de pessoal, mensagens e comunicações.
 - 2) Observação - Visa ao controle da precisão dos disparos de artilharia, vigilância sobre áreas, itinerários e movimento de tropas.
 - 3) Lançamento - Visa ao lançamento de dispositivos de iluminação, marcadores, geradores de fumaça e fardos.
 - 4) Controle Aéreo Avançado - Visa a controlar o ataque de aeronaves amigas a alvos próximos às tropas de superfície, com a finalidade de evitar quaisquer danos às mesmas, por imprecisão de determinados armamentos utilizados.
- c. Os meios aéreos de ligação e observação, normalmente, operam com a F Ter sob a forma de disponibilidade empenhada.



CAPÍTULO 4

Fundamentos das Operações

O conteúdo deste capítulo contém extratos do capítulo 4 do manual C 100 – 5 Operações.

Conceitos Operacionais

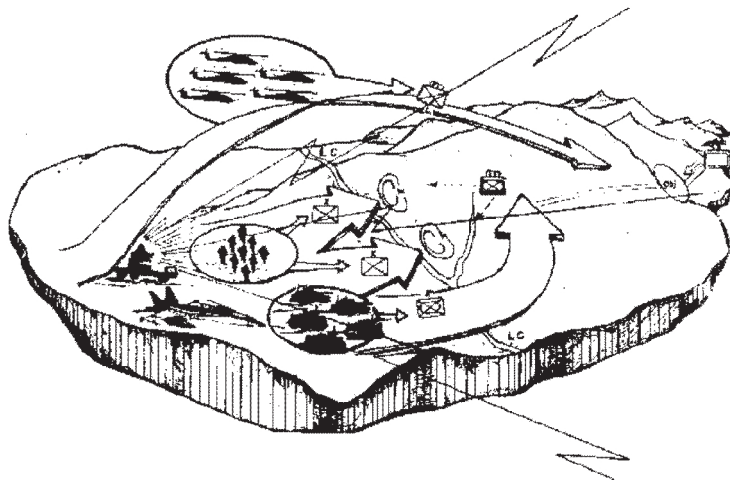
1. Consideração Inicial

Conceitos operacionais são preceitos táticos que norteiam o planejamento e a execução da batalha terrestre, em conflitos de natureza convencional. Traduzem o entendimento dos princípios de guerra, ante as peculiaridades dos ambientes operacionais julgados prioritários e são adequados, com os indispensáveis ajustes, a todos os escalões, constituindo o arcabouço da doutrina militar terrestre.

2. Guerra de Movimento

- a. O perfil dos prováveis conflitos em Áreas Operacionais do Continente (AOC) condiciona a formulação de um conceito operacional básico: a “Guerra de Movimento”. Este conceito preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas. O quadro tático resultante distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e,

finalmente, pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.



Guerra de Movimento.

- b. A conquista da iniciativa obrigará o inimigo a reagir às ações em uma sequência de decisões cada vez mais desordenadas e deficientes. A pressão constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, tem sido o objetivo dos exércitos modernos.
- c. O conceito "Guerra de Movimento" permite a derivação dos conceitos operacionais de menor abrangência, a seguir discriminados, que devem reger, concretamente, a execução do combate:
 - 1) Ação desbordante ou de flanco
 - a) As operações ofensivas devem ser conduzidas de forma a obter-se, o mais cedo possível, o desequilíbrio físico e psicológico do oponente, como condição indispensável à sua posterior destruição, com um mínimo de desgaste para a força atacante.
 - b) As ações principais devem evitar as linhas de maior expectativa, a cavaleiro das quais se concentre o grosso do poder de combate do defensor, e incidir sobre regiões cuja posse dificulte a execução do combate defensivo em profundidade por parte do inimigo, paralise seu sistema de comunicações e de comando e interrompa seus eixos de suprimento e itinerários de retraimento. Sob tais circunstâncias, o inimigo é conduzido a um dilema: tentar abrir

um corredor de retraimento a viva força, conduzindo, sob pressão, um avanço desequilibrado sobre uma sólida posição de bloqueio, ou destacar parcelas importantes de seu poder de combate para fazer face à ameaça, correndo o risco de ser batido por partes.

- c) Quando for inevitável a progressão inicial através de setores densamente defendidos, as ações principais devem ameaçar, em profundidade, objetivos alternativos que, em mãos do atacante, comprometem a integridade do dispositivo defensivo. Desta forma, torna-se difícil para o inimigo emassar suas reservas a cavaleiro de uma única direção. Nesta situação, a execução de uma operação aeromóvel sobre um objetivo em profundidade pode levar o inimigo à situação desvantajosa descrita no subitem anterior e facilitar a progressão do escalão de ataque.
- d) Após o rompimento da posição da tropa inimiga empenhada (tropas em contato e suas reservas imediatas), somente circunstâncias excepcionais justificam a incidência frontal das ações principais sobre uma região do terreno fortemente defendida, mesmo que esta última configure o objetivo decisivo da força considerada. O comando atacante deve buscar, pela manobra, tornar insustentável a resistência inimiga na mencionada região.
- e) O presente conceito operacional vincula-se, estreitamente, aos princípios de guerra: manobra, surpresa e objetivo.

2) Iniciativa

- a) O ritmo intenso das operações, seu caráter descentralizado e os amplos espaços em que se desenvolvem, além de limitações eventuais dos meios de comunicações, exigem que os comandos de todos os níveis exercitem um alto grau de iniciativa. Cada comandante, conhecendo precisamente a idéia de manobra do escalão superior, deve ser capaz de solucionar os problemas táticos locais, à luz de seu próprio critério.
- b) Sempre que possível, as missões devem ser atribuídas pela finalidade, tendo-se em vista direcionar os esforços dos escalões subordinados para a obtenção de condições favoráveis à manobra da força como um todo.
- c) Este conceito operacional decorre, basicamente, do princípio de guerra: objetivo.

3) Seleção de Frente

- a) Os amplos espaços em que são conduzidas as operações impõem, normalmente, o emprego da maioria de meios do atacante em uma frente na qual se procura obter a decisão, conduzindo-se ações secundárias nos setores não selecionados.
- b) Constitui, no entanto, fator fundamental o emprego modular das peças de manobra de valor unidade, as quais devem receber frentes compatíveis com suas possibilidades orgânicas, em termos de fogo e de movimento. Os maiores riscos serão admitidos pelos escalões Divisão de Exército e superiores.
- c) Este conceito operacional resulta, particularmente, dos princípios de guerra: massa e economia de forças.

4) Flexibilidade

- a) O planejamento das operações deve incluir alternativas em face de contingências do combate, permitindo a intervenção oportuna do comando, no sentido de aproveitar um sucesso tático inesperado ou de fazer reverter a seu favor o curso da batalha.
- b) A formulação de hipóteses previsíveis, para fins de planejamento, e a preservação de uma reserva tão potente e móvel quanto possível contribuem para um considerável incremento da flexibilidade, ao longo da execução do combate.
- c) Em curso de operações ofensivas, o comando da força deve estar preparado para, se necessário, modificar radicalmente seu esquema de manobra original, alterando direções de emprego e objetivos de suas ações principais, no sentido de aproveitar, sempre, as linhas de menor resistência à progressão.
- d) A flexibilidade reside, ainda, na agilidade mental, na criatividade e na capacidade de improvisação dos comandos em todos os níveis.
- e) Este conceito operacional realça a observância dos princípios de guerra: manobra, massa, segurança e ofensiva.

5) Dissimulação

- a) As medidas de dissimulação tática, como fintas, demonstrações e dissimulação eletrônica, convenientemente complementadas pelo emprego de camuflagem e de fumígenos, têm como

finalidade básica iludir o inimigo e dificultar-lhe a condução de fogos, induzindo-o a dispersar seus meios ou a orientar, de forma inadequada, suas ações principais.

- b) A dissimulação é indispensável à preservação da integridade da força e permite, frequentemente, que se criem ou se acentuem vulnerabilidades no dispositivo do oponente.
 - c) Medidas de dissimulação proporcionais aos meios disponíveis devem constituir parte integrante dos esquemas de manobra de todos os escalões, quaisquer que sejam a atitude e o tipo de operação em curso.
 - d) Este conceito operacional materializa, principalmente, a aplicação dos princípios de guerra: surpresa e segurança.
- 6) Ação Tridimensional
- a) O largo emprego de aeronaves de asa rotativa e de asa fixa orientadas para a ação contra as tropas terrestres, utilizando-se, basicamente, da faixa inferior do espaço aéreo, aliado ao tradicional emprego das forças aéreas, tornaram o campo de batalha moderno acentuadamente tridimensional.
 - b) A coordenação do uso do espaço aéreo do campo de batalha é requisito fundamental para o emprego de uma força terrestre, não só por um imperativo de segurança, como também pelo acréscimo de uma nova dimensão à manobra. Este assunto será abordado no Art III deste capítulo.
 - c) Operações aeroterrestres e aeromóveis constituem o complemento indispensável à atuação de uma força de superfície, conferindo-lhe a capacidade de progredir sobre objetivos profundos, em ritmo intenso e constante, e permitindo-lhe obter, a curto prazo, o total desequilíbrio do oponente.
 - d) Nos menores escalões, a disponibilidade de helicópteros de manobra e de reconhecimento e ataque permite um acréscimo às respectivas áreas de influência, proporcional ao conseqüente incremento da mobilidade e da potência de fogo.
 - e) Este conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra: manobra, surpresa e ofensiva.

7) Ação em Profundidade

- a) Em operações ofensivas, os êxitos iniciais devem ser aproveitados instantaneamente e na maior profundidade possível, com a finalidade de acentuar o desequilíbrio inicial do inimigo, restringindo-lhe a capacidade de reagir, cerceando-lhe a liberdade de ação e comprometendo sua vontade de lutar.
- b) Operações móveis, profundas e ininterruptas produzem, com frequência, por meio de uma pressão constante e potente, o colapso material e anímico do inimigo, reduzindo-o à inação e tornando iminente sua destruição.
- c) O combate em profundidade compreende as operações de interdição, visando ao isolamento do campo de batalha, o que não permite ao inimigo concretizar suas possibilidades de reforço em tempo útil e permite batê-lo por partes. Entre outros meios empregados para esse fim, citam-se a guerra eletrônica, a busca de alvos, os fogos de longo alcance, o fogo aéreo, as ações de forças especiais, de comandos e de guerrilhas, além das incursões profundas de elementos altamente móveis e das operações aeromóveis e aeroterrestres.
- d) Os alvos típicos do combate em profundidade são o sistema de comando e controle inimigo, suas instalações logísticas, meios de apoio de fogo, eixos de suprimento e evacuação, ou objetivos no terreno que caracterizem o isolamento do campo de batalha, impedindo que o inimigo reforce a tropa isolada ou que a mesma retraia para novas posições mais à retaguarda.
- e) Este conceito realça a aplicação dos princípios de guerra: ofensiva e objetivo.

8) Combate Eletrônico

- a) O controle do espaço eletromagnético, permitindo seu uso adequado pelas forças amigas, constitui fator de multiplicação do poder de combate, conferindo maior liberdade de ação à força terrestre, implementando sua capacidade de atuar ofensivamente com rapidez e em profundidade e proporcionando maior flexibilidade, segurança e dinamismo às ações defensivas.
- b) A obtenção de informações, por meio do emprego de medidas eletrônicas de apoio, deve iniciar-se antes mesmo da deflagração das hostilidades, prosseguindo em um processo contínuo,

durante todo o ciclo de operações, com vistas a revelar o mais cedo possível as intenções do inimigo, seu dispositivo, suas possibilidades, limitações e vulnerabilidades.

- c) A utilização de contramedidas eletrônicas ativas constitui importante meio de intervenção no combate. A decisão oportuna de emprego da interferência produz degradação sensível nos sistemas eletrônicos de vigilância, de armas e de comando e controle do inimigo, em momentos decisivos da batalha. Contudo, o uso da dissimulação eletrônica, dentro do esforço integrado preconizado no Plano de Dissimulação da força, concorre, de forma proeminente, para a obtenção dos efeitos desejados na aplicação dessas ações.
- d) Ações de contra-contramedidas eletrônicas convenientemente aplicadas e o uso de contramedidas eletrônicas passivas reforçam nossa capacidade de manobrar com rapidez e segurança.
- e) Este conceito operacional evidencia a aplicação dos princípios de guerra: manobra, surpresa, ofensiva e segurança.

9) Risco

- a) O risco é inerente à guerra e deve ser aceito pelos comandos de todos os níveis, sempre que o cumprimento da missão o exija ou a transcendência do êxito esperado o justifique.
- b) É necessário, entretanto, que o grau de risco que se pretende assumir seja avaliado, em toda a sua extensão, no sentido de que, em caso de insucesso, o comando disponha de alternativas para preservar a integridade da força.
- c) Este conceito vincula-se aos princípios de guerra: objetivo e segurança.

10) Combate Continuado

- a) O desenvolvimento tecnológico, aliado à rápida evolução das técnicas e táticas de combate, do apoio logístico e do apoio ao combate, permitem que as operações prossigam durante a noite com ritmo e intensidade semelhantes às conseguidas durante o dia.
- b) A continuidade da operação deverá ser assegurada mediante a ampla utilização do combate noturno, do ataque de oportunidade e da guerra de movimento.

- c) Essas características podem exigir uma reorganização temporária na estrutura e equipamento das forças que forem realizar este tipo de combate, além de evidenciarem a necessidade de adestramento específico.
- d) Este conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra: objetivo, surpresa e ofensiva.

11) Combate não linear

- a) O combate moderno deixou de ser realizado apenas no compartimento de contato. Ele ocorre ao mesmo tempo no compartimento de contato, na área de segurança e na retaguarda. Caracteriza-se, portanto, pela não linearidade. Deste modo, o comandante preocupa-se não apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que pode realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões, ações essas que desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçam-no a lutar em mais de uma direção e o isolam de seus apoios e reforços, além de terem que conservar em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças à sua retaguarda.
- b) O combate a cavaleiro dos eixos rodoviários, comum na guerra de movimento, leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando, no dispositivo mais fluido das forças, vulnerabilidades que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à infiltração de tropas no dispositivo inimigo.
- c) Este conceito realça a observância dos princípios de guerra: manobra e surpresa.

12) Letalidade

- a) Os sistemas de armas modernos, extremamente precisos e apoiados em avançadas tecnologias, aliados a uma capacidade de “ver” melhor por meio dos radares, equipamentos de visão noturna, veículos aéreos não tripulados e satélites propiciam ao combate moderno a característica de extrema letalidade.
- b) Vincula-se ao princípio de guerra da ofensiva.

3. Sincronização

- a. Sincronização é o arranjo das atividades de todos os sistemas operacionais no tempo, no espaço e na finalidade para obter o máximo poder relativo de combate no ponto decisivo.
- b. A sincronização inclui o efeito de emassar o poder de combate no ponto decisivo, embora não se limite ao mesmo. Algumas atividades que o comandante sincroniza em uma operação, como interferência nas comunicações inimigas, neutralização da defesa antiaérea e a mudança de posicionamento de reservas, podem ocorrer antes do momento decisivo. Essas atividades podem acontecer em locais distantes um do outro. Embora separadas no tempo e espaço, precisam ser bem sincronizadas para que seus efeitos sejam sentidos na hora e local decisivos. A sincronização visa a obter poder de combate “vencedor”.
- c. No ataque, um comandante sincroniza seus fogos de apoio com a manobra ao levar sua artilharia a bater armas inimigas de fogo direto enquanto manobra suas forças rapidamente, em direção ao flanco e à retaguarda do inimigo. Em uma escala maior, um comandante sincroniza seus ataques principal e secundário quando o ataque secundário acontece no exato tempo e local que atrai forças e fogos inimigos para fora da zona de ação do ataque principal, no momento em que este enfrenta o inimigo. Um comandante no nível estratégico-operacional sincroniza duas grandes operações se uma atrai a atenção do grosso das forças inimigas, desprotegendo um objetivo-chave para o ataque decisivo da outra operação.
- d. A sincronização usualmente requer estreita coordenação entre várias unidades e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e a sequência de atividades que os produzirá. O estado-maior precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o estado-maior quem faz uma grande parte do plano de sincronização acontecer. A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes e, a partir daí, no planejamento e na coordenação de movimentos, fogos e atividades de apoio. Ensaios são a chave para o êxito de operações sincronizadas.

- e. O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que este meio melhor contribua para obter a superioridade no local e momento decisivos. A sincronização exige:
 - 1) o perfeito conhecimento dos efeitos produzidos pelos diversos meios de combate;
 - 2) o conhecimento da relação entre as possibilidades do inimigo e das forças amigas;
 - 3) o domínio perfeito das relações entre o tempo e o espaço; e
 - 4) a clara unidade de propósito.
- f. A sincronização acontece a partir da concepção da operação pelo comandante e seu estado-maior, quando estes planejam que ações realizar e como estas ações devem ocorrer no tempo e no espaço, para atingir seu objetivo. A sincronização visa a fazer com que os efeitos da ação de diversas forças se façam sentir de maneira total no momento e no local desejados.
- g. O resultado da sincronização efetiva é o máximo uso de todos os recursos para obter a máxima contribuição para o sucesso. Sincronização implica o julgamento de escolha entre atividades simultâneas e sequenciais. O comandante deixa claro para seu estado-maior e comandantes subordinados quando os efeitos de uma atividade são condição para uma ação subsequente. Atingir isto requer uma antecipação dos eventos que vem com o “pensar em profundidade”, com o domínio das relações de tempo e espaço e com um completo conhecimento da interação das nossas possibilidades com as do inimigo. Acima de tudo, sincronização requer um claro estabelecimento da intenção do comandante.
- h. A sincronização implica a judiciosa exploração do fator da decisão tempo.

Coordenação do Uso do Espaço Aéreo

1. Generalidades

- a. O combate moderno exige das forças empregadas manobras rápidas, flexíveis e sincronizadas, a fim de obter o melhor resultado em operações simultâneas e em diferentes profundidades, em um campo de batalha não linear. Manobras rápidas e profundas, apoio de fogo, operações aeroterrestres e aeromóveis, operações especiais e de inteligência serão desencadeadas neste ambiente, usando o espaço aéreo sobrejacente ao campo de batalha tridimensional.
- b. Essa nova realidade do ambiente operacional exige eficaz e eficiente coordenação do uso do espaço aéreo, seja para sincronizar as operações, seja para evitar o fratricídio.

2. Espaço Aéreo de Interesse da Força Terrestre

- a. A área de interesse do comandante incluirá, necessariamente, o espaço aéreo onde se fazem sentir os efeitos da aplicação de seu poder de combate.
- b. Diversos componentes da Força Terrestre utilizarão esse espaço aéreo. Podem ser mencionados o apoio de fogo superfície-superfície da artilharia de campanha e morteiros, com trajetória de diferentes flechas; a Aviação do Exército; as operações de inteligência e de guerra eletrônica com suas plataformas aéreas; e a artilharia antiaérea, defendendo pontos e áreas sensíveis.
- c. Além dos elementos da Força Terrestre, o espaço aéreo sobre o TOT é também utilizado pela Força Aérea.
- d. A utilização do espaço aéreo por tantos usuários exige, portanto, uma coordenação atenta. As medidas de coordenação precisam ser eficazes, eficientes e oportunas, funcionando em tempo real e com difusão imediata a todos os interessados. Deste modo, as três dimensões do campo de batalha poderão ser utilizadas em sua plenitude e de maneira coordenada.
- e. O comandante da Força Terrestre do Teatro de Operações Terrestre necessita coordenar o uso do espaço aéreo de sua área de interesse. Essa coordenação não implica aprovar ou desaprovar diferentes

operações de combate, mas determinar as medidas que melhor compatibilizem todas as ações que se realizam nessa área, para evitar interferências indesejadas e fratricídio.

3. Coordenação e Controle do Espaço Aéreo

- a. A coordenação do uso do espaço aéreo no Teatro de Operações Terrestre será responsabilidade do Comandante do TOT, enquanto seu controle caberá aos meios da Força Aérea existentes no TOT.
- b. As normas e procedimentos operacionais para todo o TOT serão difundidas por documentos específicos ou instruções nos manuais de emprego.
- c. As estruturas da F Ter que realizarão a coordenação devem integrar os Centros de Operações Táticas (COT) dos diversos escalões de comando.
- d. As operações ar-superfície, que envolvem especificamente a Força Terrestre e a Força Aérea, são tratadas no FA-M-19 - MANUAL DE OPERAÇÕES AR-SUPERFÍCIE e nas IP 1-2 - OPERAÇÕES CONJUNTAS AR-TERRA.

Poder de Combate

1. Generalidades

- a. O poder de combate é a capacidade de combate existente em determinada força, resultante da combinação dos meios físicos à disposição e do valor moral da tropa que a compõe, aliados à liderança do comandante da tropa. O poder de combate depende, em larga escala, das qualidades de chefia e da competência profissional do comandante, traduzidas na organização, adestramento, disciplina, espírito de corpo, estado do equipamento e emprego engenhoso das forças. Depende, também, das características e possibilidades dos meios que compõem essas forças.
- b. A aplicação do poder de combate relaciona-se diretamente com os princípios da massa e da economia de forças, embora exija a judiciosa observância dos demais princípios de guerra. A aplicação bem-sucedida do poder de combate exige execução vigorosa.

- c. O poder de combate só tem significado quando confrontado com o poder de combate das forças oponentes (Poder Relativo de Combate).

2. Fatores Relacionados com o Poder de Combate

- a. Existem determinados fatores que influem diretamente no poder de combate. Quando adequadamente explorados, e em conformidade com os princípios de guerra, tais fatores permitem tirar o máximo partido do poder de combate disponível. Alguns fatores são susceptíveis de quantificação enquanto outros, não; uns ampliam os efeitos, outros os reduzem.
- b. São elementos básicos do poder de combate as unidades de manobra, o apoio de fogo e a liderança.
- c. Todos os elementos que de alguma maneira ocasionam acréscimos ou decréscimos são genericamente chamados de multiplicadores do poder de combate. Entre estes, têm grande importância a rapidez e violência da ação de combate, visando a agir sobre o flanco ou a retaguarda do dispositivo inimigo, atacando-o de surpresa e em uma direção inesperada.

3. Poder Relativo de Combate

- a. Com base no estudo sobre a situação do inimigo e sobre a nossa situação, o comandante, mediante uma análise, procura fazer o confronto entre as forças oponentes no meio ambiente em que estão operando, considerando que os elementos básicos do poder de combate são as unidades de manobra, o apoio de fogo e a liderança.
- b. Ao fazer a análise do poder relativo de combate, o comandante procura determinar, em cada fator analisado, os aspectos predominantes e as deficiências de ambos os contendores. As conclusões obtidas permitem ao comandante abreviar seu estudo de situação, proporcionando-lhe indicações sobre as características gerais das linhas de ação que podem ser adotadas. Durante a análise, deve ser ressaltada a aplicação dos princípios de guerra.
- c. Na determinação do poder relativo de combate os fatores a seguir servem, normalmente, como termo de comparação:
 - 1) unidades de manobra (número, efetivos, valor combativo etc.);
 - 2) apoio de fogo;

- 3) apoio de guerra eletrônica;
 - 4) apoio de engenharia;
 - 5) apoio logístico;
 - 6) comando e controle;
 - 7) mobilidade;
 - 8) terreno;
 - 9) dispositivo; e
 - 10) outros (algumas considerações adicionais podem ser induzidas, tais como: moral, aptidão das unidades para a operação, experiência de combate, adestramento, dissimulação, abrigos, interdição, inteligência, guerra psicológica etc.).
- d. O inimigo a considerar será a tropa empenhada e mais as reservas do(s) comando(s) inimigo(s) de primeiro escalão do mesmo nível do comando que realiza o estudo de situação, cuja maior probabilidade de emprego seja em sua zona de ação.
- e. Ao concluir a análise, deve-se procurar:
- 1) consolidar os fatores em que temos superioridade;
 - 2) desequilibrar os fatores em que não haja vantagem marcante para nenhum dos contendores; e
 - 3) reverter os fatores em que o inimigo tem superioridade.
- f. A reversão dos fatores em que o inimigo tem superioridade deve ser realizada por meio da:
- 1) valorização dos fatores de decisão que se nos apresentem favoráveis (missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, nossos meios e tempo); e
 - 2) utilização judiciosa dos princípios de guerra e dos fundamentos da ofensiva ou defensiva, conforme o caso.
- g. No local onde se busca a decisão do combate deve ser procurada uma superioridade esmagadora em poder relativo de combate, o que resultará em maior velocidade da progressão e menores perdas para as nossas tropas.

Fatores da Decisão

1. Generalidades

A sistematização do estudo de uma situação de combate, em qualquer nível, divide de forma cartesiana tal estudo em partes para maior detalhamento de cada questão. As partes constitutivas deste estudo estão consagradas na doutrina militar brasileira e de muitos outros países, por meio dos chamados fatores da decisão, que tradicionalmente se dividem em: MISSÃO, INIMIGO, TERRENO E CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS, MEIOS e TEMPO.

2. Missão

- a. A missão é prescrita pelo escalão superior, contendo os aspectos principais que nortearão as ações do escalão considerado, no contexto da manobra por ele idealizada.
- b. Logo após receber a missão e antes de proceder sua análise, o comandante reúne as informações já disponíveis para o cumprimento da mesma.
- c. O comandante analisa a missão à luz da situação, confrontando-a com o plano geral e o conceito da operação do escalão superior, a fim de definir para o estado-maior sua diretriz de planejamento com o novo enunciado da missão.
- d. A missão pode ser atribuída de forma minuciosa e rica em detalhes ou, simplesmente, por meio da finalidade da mesma. A gradação entre uma e outra forma dependerá da situação, da missão e da personalidade do comandante.
- e. No estudo da missão, a intenção do comandante que a atribui deve ser facilmente dedutível, quando não tiver sido expressa oral ou verbalmente.

3. Inimigo

- a. O estudo do inimigo, em face de cada situação apresentada, deve dirigir-se para o levantamento das peculiaridades e deficiências deste inimigo que poderão influir, favorável ou desfavoravelmente, em sua eficiência de combate. Essas peculiaridades e deficiências são obtidas

por meio da análise integrada da situação do inimigo na operação em estudo e do conhecimento anterior que se tem do mesmo em bancos de dados, referentes à sua doutrina de emprego, estrutura organizacional, modo de atuar nas diversas condições ambientais, personalidades dos principais comandantes, meios de dotação, entre outros.

- b. O levantamento das peculiaridades e deficiências servirá de base para a determinação das vulnerabilidades do inimigo, bem como auxiliará quando da análise das linhas de ação. As vulnerabilidades do inimigo resultam de suas peculiaridades e deficiências que possam ser exploradas pelos escalões considerados, superior e subordinado, devendo ser alvo de estudo do oficial de inteligência.

4. Terreno e Condições Meteorológicas

- a. O estudo do terreno e das condições meteorológicas está condicionado ao escalão considerado.
- b. Nos mais altos escalões, é realizado por meio do estudo estratégico de área operacional, desde o tempo de paz, e mantido constantemente atualizado. Esse levantamento constitui a base dos estudos do comandante da FTTOT e traz consigo o estudo geográfico militar da área de operações, que é de particular importância para os comandantes operacionais.
- c. Nos menores escalões, o estudo do terreno e das condições meteorológicas é realizado por meio da análise detalhada das condições de observação e campos de tiro, das cobertas e abrigos, dos obstáculos, dos acidentes capitais, das vias de acesso e das condições meteorológicas locais. Como conclusão, são levantados os efeitos de todos esses fatores sobre as nossas operações e as operações do inimigo.

5. Meios

- a. A estratégia operacional terrestre vale-se dos meios materiais e morais, que vão desde o emprego de armas e instrumentos da mais avançada tecnologia e de tropas suficientemente adestradas, até a propaganda. A escolha adequada dos meios e sua aplicação no tempo e no espaço, para alcançar os objetivos impostos ou eleitos, constituem propriamente a arte de planejar.

- b. Na análise realizada, o planejamento deve avaliar as necessidades decorrentes do estudo dos demais fatores. Após o confronto entre os meios necessários e os disponíveis, estudam-se os reajustamentos necessários no planejamento, adequando-o à realidade e levando-se em conta as eventuais peculiaridades, deficiências e vulnerabilidades do inimigo.
- c. Desde os menores escalões, devem ser analisadas as características da tropa, as condições de mobilidade tática e estratégica, as informações disponíveis sobre pessoal, logística e assuntos civis, entre outras. É necessário considerar, também, o apoio a ser prestado por outras forças singulares, tais como os apoios aéreo e naval, este último quando possível.

6. Tempo

- a. Embora o fator tempo tenha estado sempre presente nos estudos de situação e nas considerações para a tomada de decisão, o advento de meios cada vez mais modernos de combate, com melhora sensível na mobilidade, na rapidez e na aquisição das informações, potencializou a importância da oportunidade. Não basta planejar bem, o desencadeamento das ações deve acontecer no tempo oportuno.
- b. Na defesa, o tempo é fator fundamental na ocupação da posição, na organização do terreno, na instalação de obstáculos, na criação de áreas de engajamento, no planejamento dos fogos, no escalonamento da defesa em profundidade e nos treinamentos de contra-ataques. A fim de ganhar o tempo mínimo necessário para tais ações, os escalões mais elevados se valem de uma força de cobertura.
- c. No ataque, o fator tempo torna-se fundamental para que nossa ação ocorra antes do reforço do inimigo ou de que este inimigo organize adequadamente sua defesa. É decisivo quando a missão do escalão superior impõe a abertura do prosseguimento ou outra ação qualquer em um prazo restrito, de maneira a garantir, a realização dos reconhecimentos e o desencadeamento da ação.
- d. Em ambos os casos, deve-se levar em conta que o prazo para planejamento e distribuição das ordens de cada escalão deve permitir também ao escalão subordinado o tempo necessário para o planejamento e distribuição de ordens, a realização dos reconhecimentos e o desencadeamento da ação.

- e. Além disso, a correta administração do tempo é imprescindível para que se consiga a sincronização das ações nos momentos e locais decisivos, de modo a obter o máximo benefício do emprego coordenado de nossos meios. Por esse motivo, durante a análise das linhas de ação opostas (jogo da guerra), o estado-maior deve preocupar-se em sincronizar as ações a partir da hora e local em que se deseja um determinado efeito, calculando prazos e providências, retroativamente, a partir desse evento. O efeito de ações simultâneas será maior do que se as ações ocorressem sucessivamente.
- f. Finalmente, os comandantes em todos os escalões tirarão o máximo efeito do tempo, acelerando seu trabalho de comando e seu ciclo de decisão, realizando ataques de oportunidade, aproveitando o êxito de suas próprias ações, produzindo mais ação em menos tempo, e deixando o inimigo na situação de somente poder reagir às suas decisões, em prazos cada vez mais curtos.



Fundamentos das Operações Ofensivas

O conteúdo deste capítulo contém extratos do capítulo 5 do manual C 100 – 5 Operações.

Introdução

1. Generalidades

- a. Das operações básicas, as operações ofensivas são essenciais para a obtenção de resultados decisivos. Contudo, mesmo durante as operações defensivas, um comandante deve procurar todas as oportunidades para empreender ações ofensivas.
- b. A ação ofensiva inspira audácia, fortalece o espírito de corpo e motiva o combatente.
- c. As operações ofensivas visam ao cumprimento de uma ou mais das seguintes finalidades:
 - 1) destruir forças inimigas;
 - 2) conquistar áreas ou pontos importantes do terreno;
 - 3) obter informações sobre o inimigo;
 - 4) privar o inimigo de recursos essenciais; e
 - 5) desviar a atenção do inimigo para outras áreas.

- d. O comandante visualiza operações ofensivas em termos de tempo e espaço. Seu estudo de situação indica a melhor combinação dos fatores que oferecem maiores possibilidades de sucesso. Esse estudo também inclui uma avaliação dos elementos pertinentes ao poder de combate.
- e. Como as operações táticas ofensivas normalmente expõem o atacante, elas exigem superioridade de poder de combate no local selecionado para o ataque. Esse fato, e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito, implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. O comandante deve obter superioridade relativa de combate esmagadora em seu ataque principal, a fim de destruir o inimigo no momento e local escolhidos.
- f. Na frente selecionada, o comandante deve evitar a parte mais forte do dispositivo inimigo, atraí-lo para fora de suas posições defensivas, isolá-lo de suas linhas de suprimento e forçá-lo a lutar em uma direção não planejada e em terreno não preparado para a defesa. Agindo dessa maneira, o inimigo ficará exposto e o princípio da surpresa será favorável ao atacante. Sempre que for possível, deve-se procurar atuar sobre o flanco e a retaguarda do inimigo. Somente em situações excepcionais devem ser realizadas manobras frontais.
- g. Nas operações ofensivas, os resultados mais decisivos são alcançados por forças de aproveitamento do êxito, potentes e altamente móveis. Normalmente, as partes importantes do terreno são designadas como objetivos; todavia, uma força inimiga pode ser designada como tal.
- h. As operações táticas ofensivas são batalhas contínuas. Podem prolongar-se por semanas, mantendo o inimigo sob pressão contínua e deixando-lhe poucas opções. Por esse motivo, o comandante deve planejar sua operação como uma operação continuada, de longa duração, com pouco ou nenhum tempo para descanso. O repouso da tropa, principalmente dos elementos de comando e controle, deve ser previsto como parte importante do planejamento, com o emprego de tropas descansadas, alternância ou combinação de diferentes formas de manobra ou tipos de operações, substituição do escalão de ataque, estabelecimento de esquemas de sono e rotação de funções, a fim de minorar os efeitos negativos da fadiga no desempenho individual e coletivo.
- i. Ações ofensivas são parte importante das operações defensivas. Uma força que defende pode atacar para desorganizar um ataque iminente

do inimigo (contra-ataque de desorganização), ganhando tempo e obtendo informações. Se esse contra-ataque revelar fraquezas no dispositivo inimigo, essas devem ser imediatamente exploradas, dando início a uma operação ofensiva.

2. Fundamentos das Operações Ofensivas

- a. Manutenção do contato - A manutenção do contato é um fundamento da ofensiva que garante ao comandante de qualquer escalão a obtenção de informações sobre o inimigo, a liberdade de ação e a conservação da iniciativa, evitando a surpresa. O contato com o inimigo deve ser estabelecido e mantido o mais cedo possível.
- b. Esclarecimento da situação - Esse fundamento acha-se associado ao anterior e consiste em uma série de medidas adotadas com a finalidade de determinar o valor, o dispositivo, a composição, as atividades recentes, importantes e atuais, e as principais deficiências das forças inimigas em presença, bem como o posicionamento, as possibilidades e as limitações de seus sistemas de armas.
- c. Exploração das vulnerabilidades do inimigo - Estabelecido o contato, é fundamental que o comandante da força evite o grosso do inimigo e reaja com o máximo de presteza, para explorar suas vulnerabilidades, induzindo-o a dissipar suas forças em frentes secundárias e iludindo-o quanto à verdadeira localização da área em que se pretende buscar a decisão. As ações de flanco, conduzidas sobre a retaguarda do dispositivo defensivo inimigo, são normalmente decisivas.
- d. Controle dos acidentes capitais do terreno - O êxito no cumprimento de uma missão ofensiva depende basicamente do controle oportuno de acidentes capitais do terreno. O comandante concentra sua atenção sobre os acidentes capitais que, se conquistados ou neutralizados, proporcionem vantagens decisivas na manobra, favorecendo o cumprimento da missão.
- e. Iniciativa - A iniciativa permite ao comandante impor sua vontade para a decisão do combate e, por isso, deve ser sempre buscada e conservada. O atacante pode escolher a hora, o local, a direção e o valor do ataque, sempre mantendo a iniciativa das ações.
- f. Neutralização da capacidade de reação do inimigo - Todo esforço deve ser feito para eliminar a capacidade de reação do inimigo à manobra

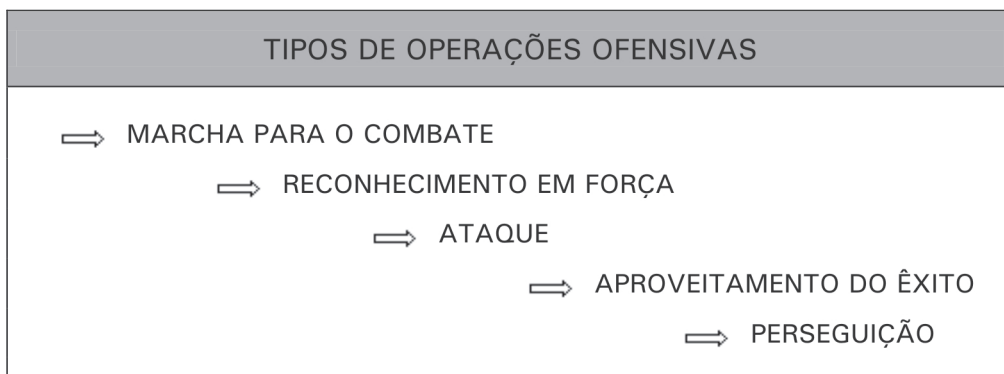
tática planejada. A cobertura e a dissimulação, as operações de interdição, de guerra psicológica e de guerra eletrônica constituem alguns dos processos utilizados para reduzir o poder de combate do inimigo.

- g. Fogo e movimento - O ataque é caracterizado pela combinação do fogo e do movimento, culminando com o assalto violento à área decisiva. O atacante manobra para explorar os efeitos obtidos pelos fogos, para evitar o grosso do inimigo ou para cerrar sobre ele e destruí-lo pelo assalto. A manobra é a ação decisiva do combate.
- h. Impulsão - O comandante procura cumprir sua missão no mais curto prazo possível. A impulsão do ataque é mantida por meio do máximo de rapidez na progressão, do emprego de reservas, da continuidade do apoio de fogo e do pronto atendimento às necessidades logísticas e de outros apoios ao combate.
- i. Concentração do poder de combate - O êxito na ação ofensiva requer a concentração de um maior poder de combate, no local e no momento decisivos, e sua rápida aplicação para a destruição do inimigo.
- j. Aproveitamento do êxito - O ataque deve ser executado agressivamente, e todas as situações favoráveis devem ser convenientemente aproveitadas para explorar o êxito.
- l. Segurança - A segurança é necessária, esteja a força estacionada, em deslocamento ou em combate. Na ofensiva, ela deve ser preservada sem, no entanto, tolher a iniciativa das ações ou desviar um poder de combate exagerado em seu benefício.

Tipos de Operações Ofensivas

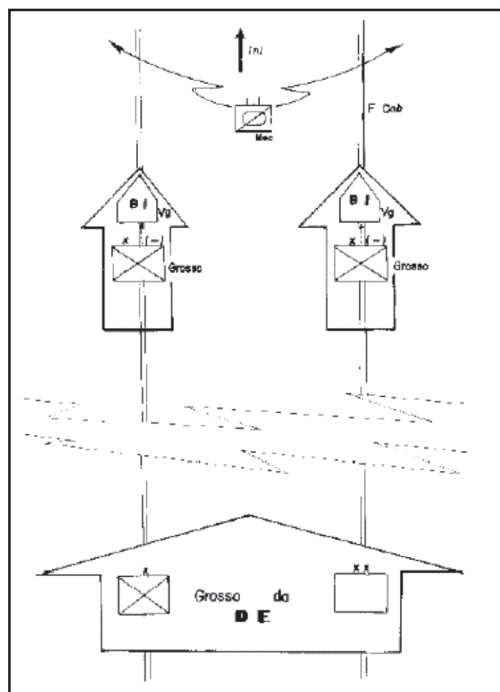
1. Generalidades

São cinco os tipos de operações ofensivas: a marcha para o combate, o reconhecimento em força, o ataque, o aproveitamento do êxito e a perseguição.



2. Marcha Para o Combate

- a. A marcha para o combate é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e assegurar vantagens que facilitem as operações futuras. O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra de seus componentes. A marcha para o combate é executada agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir. Todos os órgãos de inteligência e de segurança são empregados, de modo que a força principal possa engajar-se nas condições mais favoráveis. Na marcha para o combate as unidades de reconhecimento aéreo são eficientemente empregadas como órgãos de busca de informações e de segurança. Os fogos das aeronaves táticas e dos mísseis de longo alcance devem ser empregados o mais cedo possível. O grosso do poder de combate da força deve permanecer intacto, para permitir a flexibilidade de emprego após o contato com o inimigo. A execução deve ser descentralizada, mas deve ser mantido um controle suficiente para permitir o efetivo emprego dos fogos de apoio de longo alcance.



Marcha para o combate.

- b. A marcha para o combate é, normalmente, realizada em colunas múltiplas. O dispositivo é constituído por forças de segurança (forças de cobertura e de proteção) e pelo grosso. Os elementos subordinados empregam várias formações, conforme a situação tática o exija.
- c. A composição, o valor e as ações da força de cobertura podem influenciar o curso das operações. A missão da força de cobertura é esclarecer a situação do inimigo e impedir o retardamento desnecessário do grosso. Suas ações podem incluir o ataque para destruir resistências inimigas, a conquista e manutenção de acidentes capitais do terreno ou ações que objetivam iludir, retardar e desorganizar as forças inimigas. A força de cobertura é organizada para cumprir sua missão afastada do grosso. Deve ser constituída por elementos móveis e equilibrados. Normalmente, o controle é exercido pelo comandante geral da força que marcha para o combate. Entretanto, operações dispersas podem indicar a descentralização do controle para os comandantes de colunas.
- d. Forças de proteção (vanguarda, flanco guarda e retaguarda) protegem o grosso contra a observação terrestre e os ataques de surpresa. A vanguarda, normalmente, provém do primeiro escalão do grosso, sendo empregada para assegurar-lhe um avanço ininterrupto, para protegê-lo

de ataques de surpresa e para manter o contato com a força de cobertura. Normalmente, a vanguarda opera sob o controle do elemento de primeiro escalão do grosso e em ligação com a força de cobertura. A vanguarda é uma força de natureza essencialmente ofensiva, enquanto a flanco guarda e a retaguarda atuam, de modo geral, defensivamente.

- e. As unidades do grosso são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o avanço, como depois de estabelecido o contato.

3. Reconhecimento em Força

- a. O reconhecimento em força é uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.
- b. O reconhecimento em força permite, normalmente, a obtenção de informes, de maneira mais rápida e pormenorizada do que outros tipos de reconhecimento. O comandante que conduz tal operação, com a finalidade precípua de obter informações, deve estar preparado para explorar, prontamente, a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo.
- c. Se a situação do inimigo precisa ser esclarecida em uma larga frente, o reconhecimento em força deve ser realizado por meio de ações potentes, em pontos selecionados da frente. O poder da força empregada deve ser capaz de obrigar o inimigo a reagir de tal forma que venha a revelar sua localização, dispositivo e valor.
- d. Quando decidida a realização de um reconhecimento em força, deve ser utilizada a combinação dos elementos de cavalaria (carros de combate) e de infantaria, preferencialmente formando forças-tarefas, apoiados por artilharia, engenharia e meios aéreos.

4. Ataque

- a. A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o inimigo. A diferença entre os tipos reside no tempo disponível para planejamento da execução – em outras palavras, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.
- b. Ataque de oportunidade

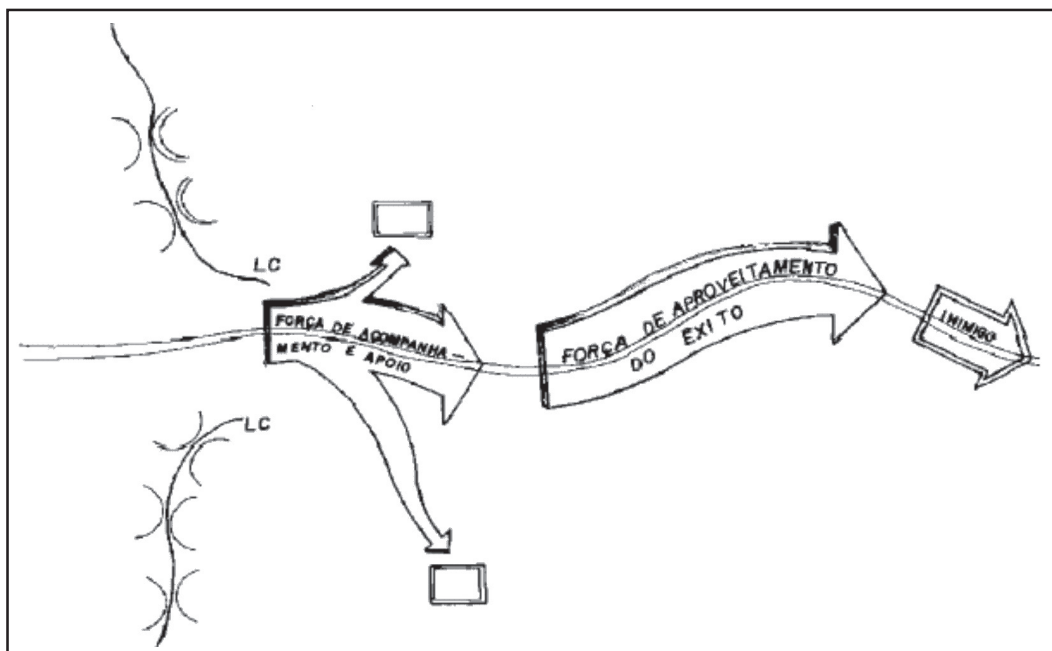
- 1) O ataque de oportunidade pode ser executado na sequência de um combate de encontro ou de uma defesa com sucesso. Caracteriza-se por trocar tempo de planejamento por rapidez de ação. A fim de manter a impulsão ou reter a iniciativa, é dedicado um tempo mínimo para o planejamento e preparação e as forças destinadas ao ataque são aquelas que estão imediatamente disponíveis. O ataque de oportunidade procura tirar partido da falta de preparação do inimigo e envolve audácia, surpresa e rapidez para alcançar o sucesso antes que o inimigo tenha tempo para melhorar sua defesa. Se houver perda de impulsão, pode ser necessária a realização de um ataque coordenado.
- 2) O princípio básico na conduta de um ataque de oportunidade é obter e manter a iniciativa, por meio da qual o comandante pode, em sequência, adotar a melhor forma de cumprir a missão.
- 3) O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de ordens fragmentárias pelo comandante, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão. Caracteriza-se, também, pela atribuição de missões pela finalidade e pela necessidade de um perfeito entendimento da intenção do comandante.
- 4) Apesar de ser passível de execução por forças de qualquer natureza, as forças blindadas e mecanizadas são as mais aptas para realizar este tipo de ataque. Normalmente, é executado pelos escalões brigada e inferiores.
- 5) O ataque de oportunidade deverá ser realizado quando o comandante, após esclarecer a situação e analisar os fatores da decisão, concluir sobre a viabilidade de realizar um ataque imediato, sem perda da impulsão, desdobrando a força como um todo, com a finalidade de aproveitar oportunidade vantajosa oferecida pela situação.
- 6) Quando, após a análise dos fatores de decisão, o comandante concluir que necessita de mais tempo para esclarecer a situação e se organizar para o combate, poderá optar por um ataque coordenado.

c. Ataque coordenado

- 1) O ataque coordenado caracteriza-se pelo emprego coordenado da manobra e da potência de fogo para cerrar sobre as forças inimigas e destruí-las ou neutralizá-las. É empregado contra posições defensivas inimigas, necessitando de apoio aéreo.
- 2) Um ataque coordenado é uma operação planejada que pode ser precedida por uma marcha para o combate, por um reconhecimento em força ou por um ataque de oportunidade, exigindo um estudo de situação completo e minucioso.
- 3) A realização de um ataque coordenado requer tempo suficiente para permitir o planejamento, o reconhecimento e a consequente avaliação tática.
- 4) Mais detalhes de execução são encontrados nos Art III e VI deste capítulo.

5. Aproveitamento do Êxito

- a. O aproveitamento do êxito é a operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições. Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou realizar um movimento retrógrado ordenado.
- b. Das operações ofensivas, o aproveitamento do êxito é a que obtém resultados mais decisivos. Permite a destruição do inimigo e de seus recursos com um mínimo de perdas para o atacante. Seu efeito psicológico cria confusão e apreensão nas forças inimigas, reduzindo sua capacidade de reação.
- c. O planejamento para o aproveitamento do êxito deve proporcionar um avanço contínuo e rápido; prever adequado apoio de fogo e eficiente apoio logístico; e selecionar objetivos profundos na retaguarda do inimigo. Devem ser feitas prescrições para o reagrupamento dos elementos subordinados, enquanto outros elementos continuam o avanço. O reconhecimento aéreo e os elementos de segurança devem ser empregados na busca de informes.



Aproveitamento do êxito.

- d. As missões das forças de aproveitamento do êxito incluem a conquista de objetivos profundos para cortar as vias de fuga do inimigo e desorganizar suas instalações de comando e de controle e a própria destruição da força inimiga. A missão atribuída ao comandante de uma força de aproveitamento do êxito deve ser suficientemente flexível para permitir que sejam exploradas as oportunidades de desorganizar e destruir o inimigo.
- e. A oportunidade para o aproveitamento do êxito pode ser indicada pelo aumento do número de prisioneiros capturados e do material abandonado; pela ultrapassagem de posições de artilharia, de instalações de comando, de comunicações e de depósitos de suprimento do inimigo. Uma vez iniciado, o aproveitamento do êxito deve ser executado ininterruptamente, sem conceder ao inimigo qualquer alívio da pressão ofensiva, até a conquista do objetivo final.
- f. As forças de aproveitamento do êxito devem possuir velocidade, grande poder de combate e, sempre que possível, avançar em larga frente. Carros de combate, infantaria blindada e cavalaria mecanizada constituem, normalmente, o escalão avançado de uma força de aproveitamento do êxito. O segundo escalão assegura a flexibilidade, a impulsão e a segurança da operação. Forças aeromóveis e

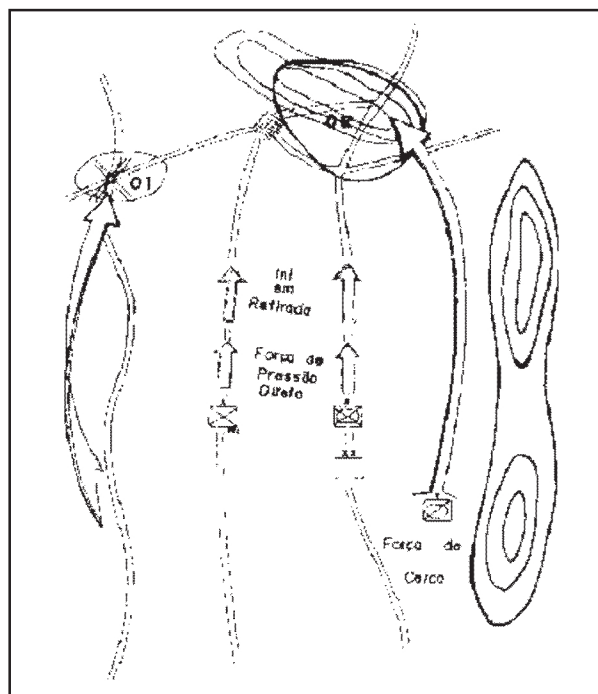
aeroterrestres podem ser empregadas na conquista de objetivos críticos para o avanço e para interromper as vias de retirada do inimigo. As incursões rápidas, os ataques e os desbordamentos realizados por forças terrestres e aeromóveis retardam e impedem a reorganização inimiga. As ações são caracterizadas pela audácia, pelo combate continuado, pela pronta utilização da potência de fogo disponível e pelo emprego rápido e sem hesitação das unidades em segundo escalão.

- g. Os esforços de reconhecimento são intensificados no aproveitamento do êxito. A rápida obtenção de informes sobre as atividades e o valor do inimigo, conjugados com os informes sobre o terreno, auxiliam o comandante a tomar decisões sobre desbordar pequenas resistências inimigas ou modificar o esquema de manobra.
- h. O comandante da força de aproveitamento do êxito deve estar alerta para impedir o fracionamento do poder de combate na obtenção de pequenos sucessos locais ou na redução de pequenas forças inimigas. A finalidade é atingir o objetivo com o máximo de poder de combate, tão rápido quanto possível. O controle é essencial para impedir o desdobramento demasiadamente extenso das forças de aproveitamento do êxito, particularmente quando o inimigo for capaz de reagrupar-se rapidamente e constituir-se em séria ameaça. Os fogos disponíveis são empregados para destruir as forças inimigas que não possam ser ultrapassadas ou contidas.
- i. A eficiência da operação pode ser aumentada pelo emprego de forças com a missão de seguir e apoiar a força designada para realizar o aproveitamento do êxito. A força de acompanhamento e apoio assume as tarefas que possam retardar o avanço da força de aproveitamento do êxito, tais como: evitar que o inimigo feche as brechas na penetração; manter acidentes capitais conquistados durante o ataque; manter livres as vias de comunicações e de suprimento; destruir resistências inimigas ultrapassadas e substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que estejam contendo resistências inimigas desbordadas.
- j. Normalmente, a força de acompanhamento e apoio não se subordina à força de aproveitamento do êxito. As relações de comando são semelhantes àsquelas do apoio direto de uma unidade de apoio ao combate a outra de combate. Entretanto, elementos da força de acompanhamento e apoio podem reforçar a força de aproveitamento do êxito a fim de, em determinadas situações, assegurar a unidade de

comando. As ligações entre os elementos das duas forças devem ser mantidas em todos os escalões. Sempre que possível, as unidades empregadas como força de acompanhamento e apoio devem possuir ou serem providas do mesmo grau de mobilidade da força de aproveitamento do êxito.

6. Perseguição

- a. A perseguição é a operação destinada a cercar e a destruir uma força inimiga que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito e difere deste por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da força inimiga que está em processo de desengajamento ou que tenta fugir. Embora um objetivo no terreno possa ser designado, a força inimiga é seu objetivo principal. Quando o inimigo apresenta indícios de desmoralização e suas forças desintegram-se sob pressão ininterrupta, o aproveitamento do êxito pode transformar-se em perseguição. A perseguição pode também ocorrer em qualquer operação em que o inimigo tenha perdido a capacidade de operar eficientemente e tente desengajar-se do combate. Na perseguição, o inimigo perde sua capacidade de influenciar a situação e age de acordo com as ações da força perseguidora.



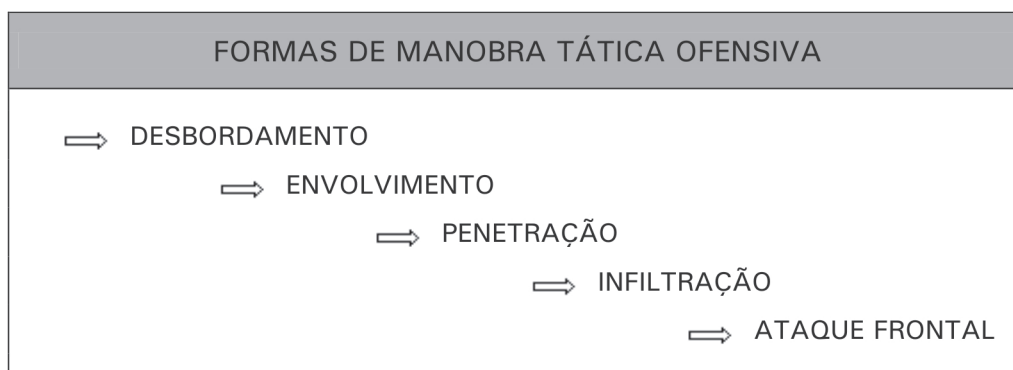
Perseguição.

- b. Na execução da perseguição, a força de pressão direta é empregada contra as forças inimigas que se retiram, devendo ser mantida permanentemente. Enquanto isso, a força de cerco corta-lhes as vias de retirada. O duplo desbordamento da força principal inimiga que se retira é executado quando as condições o permitirem. No cerco às forças inimigas, elementos aeromóveis e aeroterrestres devem ser empregados ao máximo.
- c. Uma vez ordenada a perseguição, o comandante impulsiona suas forças com todos os meios disponíveis para manter a continuidade da operação. Isto exige que tropas e equipamento sejam utilizados até o limite de sua capacidade de resistência, tanto de dia como à noite. O comandante localiza-se bem à frente, para manter o ímpeto do avanço. A força aerotática inflige o máximo de danos ao inimigo em retirada, concentrando-se sobre os pontos críticos ao longo das suas vias de retirada, sobre as colunas que se retiram e sobre suas reservas. Contramedidas eletrônicas são empregadas para confundir o inimigo, para impedi-lo de utilizar suas redes de comando e controle e para prejudicar suas tentativas de reorganização. A continuidade do apoio logístico é vital para o sucesso da operação.

Formas de Manobra Tática Ofensiva

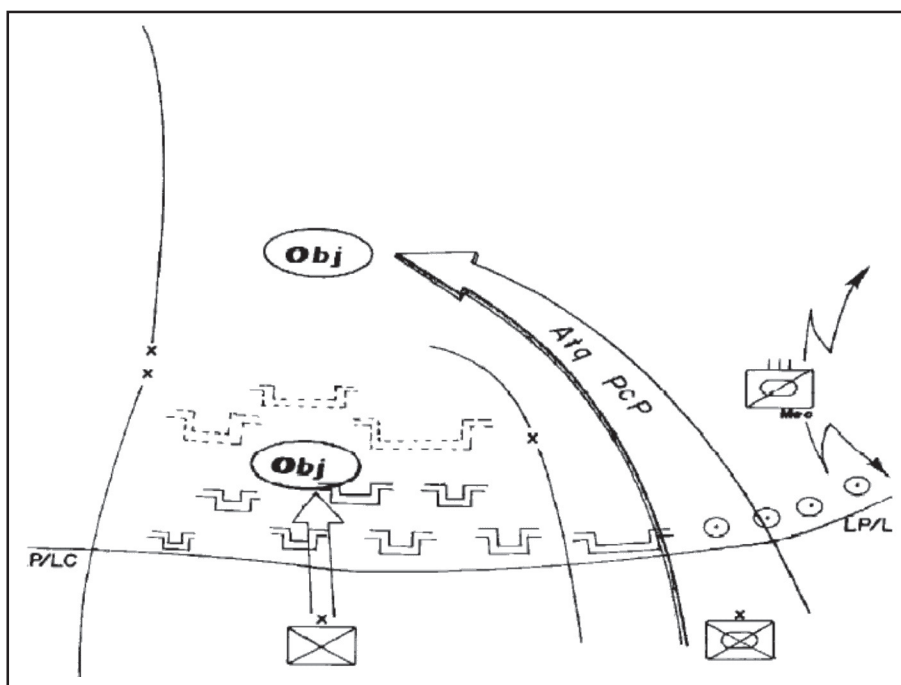
1. Generalidades

Nas operações ofensivas, as forças atacantes manobram para obter uma vantagem sobre o inimigo, para cerrar sobre ele e para destruí-lo. O comandante pode empregar cinco formas de manobra tática nas operações ofensivas: desbordamento, envolvimento, penetração, infiltração e ataque frontal.



2. Desbordamento

- a. Em um desbordamento, o ataque principal ou de desbordamento é dirigido para a conquista de um objetivo à retaguarda do inimigo ou sobre seu flanco, evitando sua principal posição defensiva, cortando seus itinerários de fuga e sujeitando-o ao risco da destruição na própria posição. O desbordamento é executado sobre um flanco vulnerável do inimigo, a fim de evitar o engajamento decisivo com sua principal força defensiva. Um ou mais ataques secundários fixam o inimigo para impedir seu retraimento e para reduzir sua possibilidade de reagir contra o ataque principal, forçando-o a combater simultaneamente em duas direções. O(s) ataque(s) secundário(s), sempre que possível, deve(m) iludir o inimigo quanto à localização ou à existência do ataque principal.
- b. O sucesso do desbordamento depende da surpresa, da mobilidade e da capacidade do(s) ataque(s) secundário(s) para fixar o inimigo. Os meios aéreos são de particular valor para aumentar a mobilidade da força de desbordamento, fornecendo condições para o assalto aeroterrestre ou para o assalto aeromóvel, a fim de facilitar a conquista rápida dos objetivos de desbordamento. Operações desta natureza, em larga escala, podem, na verdade, caracterizar um desbordamento vertical. Quando a situação permitir a escolha da forma de manobra tática, o desbordamento é normalmente preferido à penetração, uma vez que oferece melhor oportunidade para a aplicação do poder de combate com o máximo de vantagens.



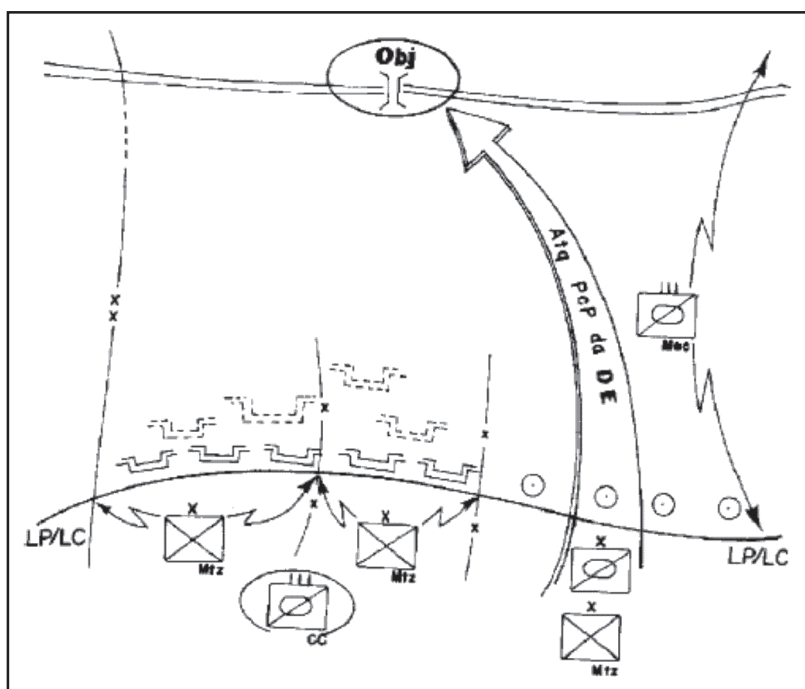
Desbordamento.

- c. Uma variante do desbordamento é o duplo desbordamento, em que o ataque procura contornar simultaneamente ambos os flancos do inimigo. Exige uma grande superioridade de poder de combate e de mobilidade e é difícil de ser controlado. A deficiência em qualquer um desses fatores pode submeter a força atacante à derrota por partes. A força que executa um duplo desbordamento deve ser capaz de se desdobrar em uma larga frente, contra um inimigo que esteja em uma frente mais estreita ou que tenha limitada mobilidade.
- d. Quando o desbordamento é executado com êxito, configura-se o cerco aproximado. A manobra de cerco caracteriza-se pela conquista e manutenção de regiões que cortam as principais vias de comunicações terrestres por onde o inimigo possa retirar meios ponderáveis ou carrear novos recursos, em tropa ou suprimentos. No cerco aproximado, o espaço de manobra deixado ao inimigo é tão reduzido que, frequentemente, ele perde a capacidade de reorganizar seus meios e, em consequência, de reagir. Esta manobra oferece a melhor possibilidade para a fixação do inimigo na posição e permite sua captura ou destruição. O cerco aproximado é uma manobra de difícil execução, porque requer da força executante uma superioridade numérica e uma mobilidade muito acima do normal. Esta preponderância de forças e maior mobilidade ampliam a ação de surpresa dos elementos que realizam o

cerco. O emprego de forças aeroterrestres e aeromóveis aumenta a possibilidade de sucesso nessa forma de manobra tática. Na execução de um cerco é preferível a ocupação de toda a linha de cerco simultaneamente; entretanto, se isso não for possível, as melhores vias de fuga são ocupadas inicialmente. O cerco aproximado é largamente empregado no escalão exército de campanha.

3. Envolvimento

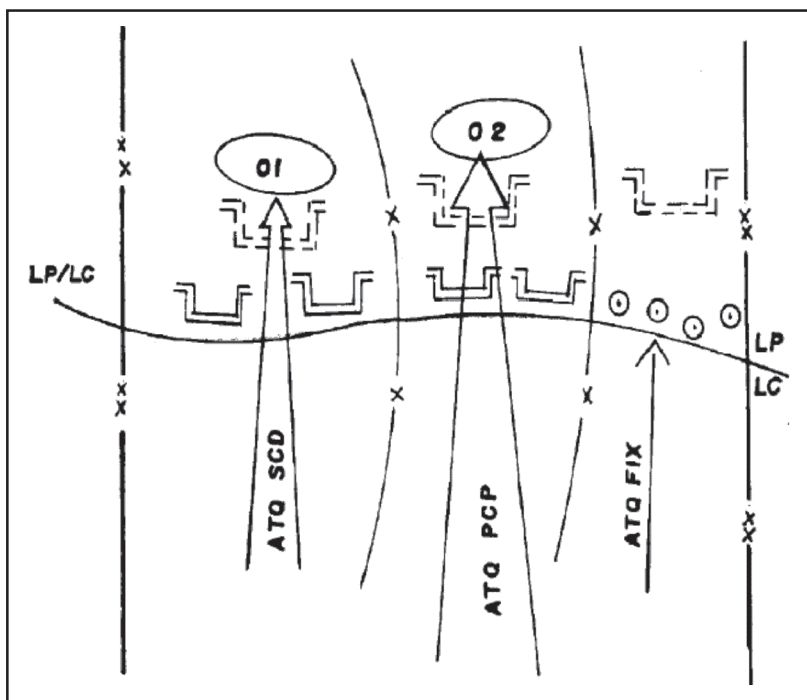
- a. No envolvimento, a força atacante contorna, por terra e/ou pelo ar, a principal força inimiga, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, forçando-a a abandonar sua posição ou a deslocar forças poderosas para fazer face à ameaça envolvente. O inimigo é, então, destruído em local e em ocasião de escolha do atacante.
- b. O envolvimento difere do desbordamento por não ser dirigido para destruir o inimigo em sua posição defensiva. A força envolvente fica normalmente fora da distância de apoio de qualquer outra força terrestre atacante, devendo ter mobilidade e poder de combate suficientes para executar operações independentes. Os meios aéreos são particularmente aptos para a realização do movimento envolvente e do apoio inicial a esta manobra. Uma mobilidade superior à do inimigo, bem como o sigilo e a dissimulação, aumentam a possibilidade de êxito na realização de um envolvimento.
- c. Quando o envolvimento é executado com êxito, configura-se o cerco afastado. Nesta modalidade de cerco, deixa-se considerável espaço de manobra para o inimigo. Normalmente, torna-se necessária a realização de ações complementares para sua destruição. Tal qual o cerco aproximado, o cerco afastado é largamente empregado no escalão exército de campanha.



Envolvimento.

4. Penetração

- a. Na penetração, a força atacante passa através da posição defensiva do inimigo. A finalidade da manobra é romper o dispositivo do adversário, dividi-lo e derrotá-lo por partes. Para ser bem-sucedida, uma penetração exige a concentração de forças superiores no local selecionado para romper a defesa do adversário.
- b. A penetração é indicada quando os flancos do inimigo são inacessíveis, quando ele está em larga frente, quando o terreno e a observação são favoráveis e quando se dispõe de forte apoio de fogo. Se houver flagrante superioridade no poder de combate, uma múltipla penetração pode ser realizada. Em tal caso, as forças atacantes podem convergir para um objetivo único e profundo ou conquistar objetivos independentes. Quando for impraticável prosseguir com mais de uma penetração, deve ser explorada a que apresentar maior possibilidade de sucesso. Depois do rompimento da posição avançada inimiga, são empregadas forças para alargar a brecha, destruir as guarnições de defesa e aproveitar o êxito por meio da conquista de objetivos vitais na retaguarda inimiga.

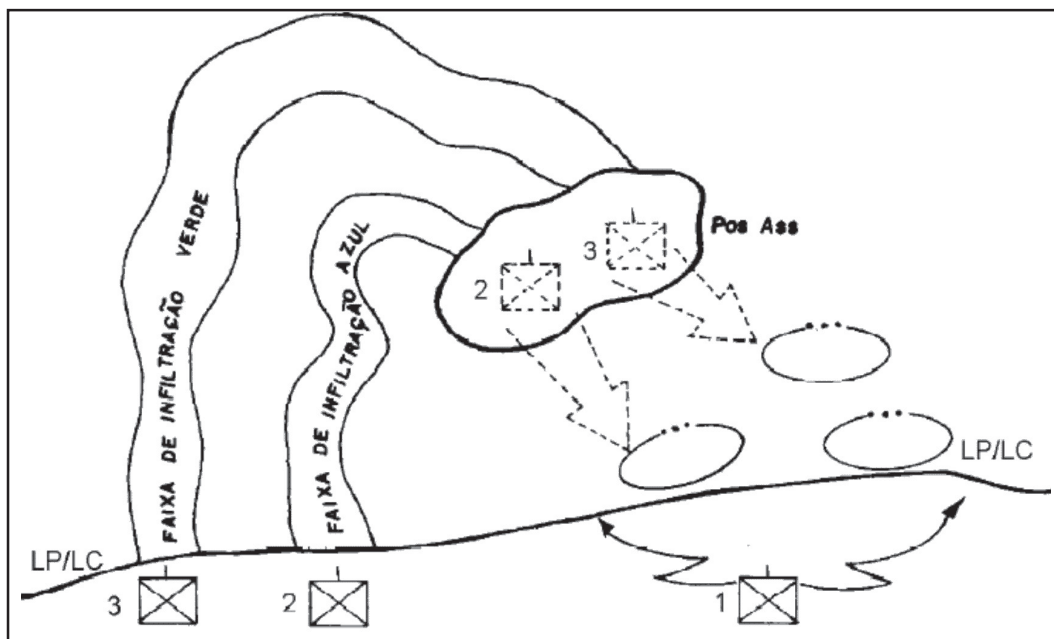


Penetração.

5. Infiltração

- a. infiltração é uma forma de manobra tática ofensiva na qual se procura desdobrar uma força à retaguarda de uma posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir uma missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que se infiltra.
- b. O combate atual, caracterizado pela não linearidade do campo de batalha, pela ênfase na destruição da força inimiga em detrimento da conquista do terreno, executado em profundidade, com velocidade e de forma continuada, priorizando as manobras envolventes e desbordantes contra os flancos ou retaguarda do inimigo, possibilitou o surgimento de uma nova oportunidade para o emprego da Infantaria.
- c. A infiltração é utilizada, normalmente, em conjunto com outras formas de manobra, desde o escalão brigada até os escalões inferiores. Em princípio, a Brigada de Infantaria Motorizada e a Brigada de Infantaria Leve realizarão a infiltração com parte de suas peças de manobra, empregando as demais na execução de outra forma de manobra.

- d. O escalão mais adequado para a realização da infiltração é o Batalhão de Infantaria ou escalões menores. Esta unidade infiltrará seu efetivo em pequenos grupos, a pé, por via aérea (preferencialmente por helicópteros) ou por embarcações. Após realizar a infiltração desses pequenos grupos, reunirá suas peças de manobra em pontos preestabelecidos, reorganizando-se para o cumprimento de sua missão na retaguarda do inimigo.



Infiltração.

- e. Uma infiltração bem planejada e conduzida pode, frequentemente, permitir a colocação de uma força com certo poder de combate na retaguarda do inimigo, sem que este se aperceba do movimento. Para a execução da infiltração, é fundamental a obtenção da surpresa.
- f. Embora a infiltração possa ser empregada nas operações defensivas, ela é normalmente realizada em operações ofensivas, apoiando a ação principal e direcionada para:
- 1) atacar posições sumariamente organizadas;
 - 2) atacar pontos fortes no flanco ou retaguarda do dispositivo inimigo;
 - 3) ocupar posições importantes que contribuam para a ação principal;
 - 4) conquistar terreno decisivo para o contexto geral da operação; e

- 5) conduzir operações de inquietação e desgaste na área de retaguarda do inimigo.
- g. Os objetivos a serem atribuídos a uma força que se infiltra devem contribuir diretamente para o cumprimento da missão do escalão superior, sem dispersar desnecessariamente o poder de combate. A brigada, ou suas peças de manobra, pode receber, como objetivos subsequentes à infiltração, a conquista de pontos cujo controle restrinja o movimento das reservas inimigas ou isole suas posições defensivas; a conquista de posições defensivas em profundidade ou nos flancos do dispositivo inimigo; a destruição de postos de comando, centros de comunicações, áreas ou instalações logísticas, eixos de comunicações ou de suprimento, e posições do sistema de apoio de fogo do inimigo.
- h. A infiltração será facilitada quando realizada em terreno que limite a observação e a vigilância do inimigo sobre as vias de acesso. Zonas arborizadas, pântanos e terrenos difíceis para a progressão são áreas adequadas à infiltração terrestre. Evitando as melhores vias de acesso, a força que se infiltra terá maiores possibilidades de sucesso.
- i. O planejamento de uma operação de infiltração deverá prever a utilização de ações de dissimulação e um cuidadoso posicionamento das peças de manobra e meios de apoio de fogo, além de atentar para os efeitos dos fogos de apoio à infiltração. Todo cuidado deve ser tomado para não alertar o inimigo sobre as intenções da força que se infiltrará. Devem-se prever, também, medidas que assegurem o apoio e o resgate da força infiltrada, sua junção com outras forças e o prosseguimento das operações.
- j. Para uma operação de infiltração, além das normalmente adotadas, devem ser previstas medidas de coordenação especiais como faixas de infiltração, número código e sequência de infiltração para os pequenos grupos que se infiltrarão, pontos e linhas de controle e zonas de reunião.
- l. A profundidade em que uma força que se infiltra irá atuar na retaguarda do inimigo será função das possibilidades e do alcance do apoio de fogo da artilharia de campanha, dos meios de guerra eletrônica disponíveis, do tempo necessário para realizar a infiltração e reunião das forças e dos meios a serem utilizados para o deslocamento.

- m. A infiltração através de uma força inimiga alertada e dispondo de equipamentos para detecção do movimento exigirá o emprego cuidadoso de medidas de dissimulação, contramedidas eletrônicas e medidas passivas de segurança.
- n. O desencadeamento de uma operação de infiltração requer rigorosa sincronização das ações de todos os escalões presentes no campo de batalha. É uma operação de difícil realização, exigindo medidas eficientes de coordenação e controle, e, uma vez desencadeada, será muito difícil introduzir modificações no planejamento inicial.

6. Ataque Frontal

O ataque frontal é uma forma de manobra tática ofensiva que consiste em um ataque incidindo ao longo de toda a frente com a mesma intensidade, sem que isto implique o emprego de todos os elementos em linha: aplica-se um poder de combate esmagador sobre um inimigo consideravelmente mais fraco ou desorganizado, para destruí-lo ou capturá-lo, ou para fixá-lo em uma ação secundária.

Planejamento e Execução do Ataque

1. Planejamento

- a. O planejamento de qualquer operação, ofensiva ou defensiva, é iniciado, normalmente, com o recebimento da missão, cuja análise permite o levantamento das ações táticas a serem conduzidas pelo escalão considerado.
- b. A missão é o farol que orienta o estudo de situação realizado pelo comandante e por seu estado-maior. Seu enunciado pode determinar a conquista de uma área ou, ainda, a destruição de uma força inimiga.
- c. Os efeitos do terreno sobre a operação, a situação do inimigo e das forças amigas e o poder relativo de combate, avaliados à luz da missão, permitem o levantamento das linhas de ação, por parte do escalão considerado.

- d. Os esquemas de manobra correspondentes às linhas de ação formuladas são elaborados, inicialmente, de forma bastante genérica; no decurso do estudo de situação, entretanto, a análise de seus prováveis efeitos, ante a concretização das possibilidades do inimigo, permite aperfeiçoá-los, além de estabelecer-lhes parâmetros para posterior comparação. Nessa oportunidade, são discriminados, detalhadamente, os grupamentos de forças a serem compostos, determinados os objetivos, outras medidas de coordenação e controle, além dos fogos a realizar e dos apoios ao combate e logístico necessários.
- e. Os meios disponíveis raramente permitem que todas as forças, atacantes e em reserva, recebam um poder de combate de igual valor. Normalmente, deve-se realizar um ataque principal e um ou mais ataques secundários. O ataque previsto para produzir os resultados mais decisivos e que tem a maior probabilidade de sucesso é designado como ataque principal, e deve receber a preponderância de forças e de apoio. Os ataques secundários, empregados no sentido de favorecer o êxito do ataque principal, recebem apenas os meios necessários e suficientes.
- f. Uma parte do poder de combate deve ser mantida em reserva, a fim de ser empregada em local e momento decisivos para obter uma decisão favorável. A reserva é empregada para aproveitar o êxito do ataque, manter sua impulsão ou proporcionar segurança, constituindo-se em um dos principais meios com que conta o comandante para influir na ação, uma vez iniciada a operação. O valor e a composição da reserva variam com: o tipo de operação ofensiva a ser conduzida; a missão prevista; os meios disponíveis; a forma de manobra tática ofensiva adotada; as características da área de operações; as possíveis reações do inimigo; e o grau de conhecimento da situação por parte do comandante e de seu estado-maior. Quando a situação é relativamente clara e as possibilidades do inimigo são limitadas, a reserva pode constituir-se de uma pequena fração da força. Quando a situação é obscura, a reserva pode constituir-se, inicialmente, do grosso da unidade, preparada para o emprego em qualquer local. Embora a reserva deva ser de valor suficiente para obter uma decisão quando empregada, as forças que lhe são atribuídas não devem enfraquecer demasiadamente o ataque principal. A reserva deve receber adequado apoio ao combate, inclusive os transportes necessários, tanto terrestres como aéreos, para dispor da mobilidade desejada. Uma vez empregada, uma nova reserva deve ser constituída o mais cedo possível.

- g. Os planos de apoio de fogo devem prever o emprego da totalidade dos fogos disponíveis, orgânicos ou não. Deve também ser previsto o adequado apoio de fogo à reserva quando empregada. Uma consideração importante diz respeito à exigência ou não de preparação. Tal decisão baseia-se no conhecimento do dispositivo inimigo, na munição disponível e no tocante aos resultados previstos, levando-se em conta a perda da surpresa.
- h. Os planos de ataque incluem medidas de coordenação e controle para os vários tipos de operações. No mínimo, devem ser fixados os objetivos, o ponto ou a linha de partida e a hora do ataque. As medidas complementares podem incluir a designação de zonas de ação, limites e eixos de progressão, direções de ataque e linhas ou pontos de controle. Devem ser evitadas restrições exageradas à liberdade de ação dos comandantes subordinados, embora o comando superior deva manter o controle adequado para assegurar a coordenação de esforços.
- i. O tempo não é apenas um recurso cuja disponibilidade ou escassez condiciona a execução de planos, a transmissão de ordens, a realização de reconhecimento e os deslocamentos de tropas. Durante a batalha, a sincronização da manobra com o apoio ao combate transforma-se em um verdadeiro multiplicador do poder relativo de combate, no local e no momento desejados. Indubitavelmente, o inimigo terá muito maior dificuldade em resistir ao ataque se tiver que enfrentar, simultaneamente, ataque terrestre e aéreo, fogos diretos e indiretos, interferência eletrônica em suas redes de comando, contrabateria, assalto aeromóvel em suas instalações logísticas e de comando, bombardeio por lançadores múltiplos, incursões de comandos em sua retaguarda e outras ações. A simultaneidade dessas ações pode levar o inimigo ao colapso em curto prazo, pois a soma dos efeitos será maior do que se as ações fossem sucessivas.

2. Execução

- a. O ataque caracteriza-se pelo fogo e pelo movimento, combinados e controlados, originando uma preponderância de poder de combate de tal ordem que permita uma progressão rápida e agressiva, coroada por um assalto violento sobre os objetivos impostos.
- b. Uma vez desencadeado o ataque, a flexibilidade e a mobilidade são considerações primordiais no emprego do poder de combate. O ataque

caracteriza-se por uma série de rápidos avanços e assaltos, até que seja conquistado o objetivo final. O ataque deve ser executado vigorosamente, e todas as condições favoráveis devem ser exploradas. Se o avanço é lento, o esforço do ataque deve ser rapidamente mudado para outra parte da zona de ação que ofereça uma maior oportunidade para o sucesso. O ataque deve manter uma impulsão contínua e não deve ser retardado para preservar o alinhamento das forças ou para manter uma íntima concordância com o plano de ataque preconcebido. A impulsão do ataque é mantida:

- 1) pelo emprego oportuno e sincronizado de reservas, transporte aéreo de elementos de combate, reorganização das forças nos objetivos intermediários, fornecimento adequado de apoio ao combate e apoio logístico ou por uma combinação desses métodos. Em algumas circunstâncias, o emprego de uma parte da reserva pode ser suficiente para se obter o efeito desejado;
 - 2) pelo avanço, tão rápido quanto possível dos escalões de ataque para seus objetivos. As resistências inimigas devem ser ultrapassadas, a menos que possam ser rapidamente sobrepujadas, ou sejam tão fortes que interfiram no cumprimento da missão;
 - 3) pelo oportuno deslocamento dos elementos de apoio de fogo e estabelecimento de planos para os fogos de apoio ao prosseguimento do ataque, o que exige sincronização da manobra com o apoio de fogo desde as fases iniciais do planejamento;
 - 4) pelo emprego de meios de engenharia adequados ao apoio à mobilidade das forças, em função das características da área de operações e da organização do terreno efetuada pelo inimigo; e
 - 5) pela modificação de plano logístico e execução de planos alternativos para prover o apoio necessário à continuidade das operações, incluindo o transporte aéreo de suprimento.
- c. O comandante deve manter-se informado sobre a progressão do ataque, as reações do inimigo e a situação em que se encontram as unidades subordinadas, a fim de manobrar as forças mais eficientemente e empregar fogos para a conquista de seus objetivos. Durante o ataque, o controle pode ser progressivamente descentralizado para os comandantes subordinados, a fim de permitir-lhes reagir mais rapidamente às mudanças de situação. Pelo conhecimento da situação

- e do conceito da operação do comandante superior, o comandante subordinado modifica ou complementa o plano de ataque.
- d. Entre as áreas de resistência inimiga, as forças atacantes deslocam-se rapidamente pela terra e pelo ar. Quando é encontrada uma resistência, a primeira consideração do comandante é reduzi-la, acionando seus elementos de primeiro escalão, apoiados pelo fogo, para, rapidamente, sobrepujar e destruir o inimigo. Os escalões de ataque deslocam-se sob a proteção dos fogos de apoio e das cortinas de fumaça, até a distância de assalto à posição inimiga. Em um ataque rápido, violento e bem coordenado, a força de assalto destrói o inimigo pelo movimento, pelo fogo, pela ação de choque, ou por uma combinação desses, atuando preferencialmente sobre seu flanco ou retaguarda.
 - e. A segurança proporcionada ao ataque não deve prejudicar sua impulsão. Considerável grau de risco pode ser aceito, desde que os ganhos prováveis o justifiquem e o planejamento elaborado preveja alternativas para reduzi-lo ou neutralizá-lo. Planos e normas devem prescrever ações a serem executadas no caso de um contra-ataque inimigo. Os elementos inimigos ultrapassados devem ser fixados ou mantidos sob vigilância, até que sejam posteriormente eliminados. As forças de cobertura, as patrulhas, as flancoguardas, as reservas escalonadas e os fogos protegem os flancos expostos e os intervalos entre as forças. A proteção contra os ataques terrestres pode, frequentemente, ser necessária para as unidades de apoio ao combate e de apoio logístico, quando as áreas de retaguarda dos escalões de ataque não tiverem sido limpas. Deve ser feito um mínimo de paradas no desenrolar das operações, pois elas permitem ao inimigo reorganizar-se e podem sacrificar a impulsão do ataque. A falha de não explorar incansavelmente uma vantagem obtida pode anular o sucesso inicial alcançado. Em princípio, o ataque deve prosseguir à noite, sem interrupção. Quando as forças necessitarem repousar ou receber suprimentos, devem ser substituídas por outras forças, descansadas ou em reserva, a fim de preservar o ímpeto do ataque. Para as forças autorizadas a interromper o ataque, as ordens devem incluir a hora e a área da interrupção, as missões e a localização das unidades de apoio e as medidas de comando e de controle. Algumas forças podem ser desviadas para áreas afastadas, a fim de impedir o congestionamento durante a parada. As diferentes áreas devem ser escolhidas de forma a proporcionar cobertas, auxiliar a defesa, reduzir ao mínimo a vulnerabilidade aos ataques inimigos e

facilitar a retomada do ataque. Nessas áreas, as medidas de proteção destinadas a reduzir sua vulnerabilidade são tomadas pelas próprias unidades.

- f. Um mínimo de forças, fazendo o máximo emprego do apoio de fogo, mantém os objetivos conquistados. O restante da força prossegue no ataque sem perda de tempo. Elementos de combate designados mantêm o contato e obtêm informes, com base nos quais o comandante planeja as ações futuras. A continuação do ataque com tropas descansadas, uma nova direção de ataque ou o aproveitamento do êxito pela reserva podem exigir uma operação de ultrapassagem.
- g. Devem ser evitados horários estereotipados para a realização do ataque, principalmente o ICMN.



Fundamentos das Operações Defensivas

O conteúdo deste capítulo contém extratos do capítulo 6 do manual C 100 – 5 Operações.

Introdução

1. Generalidades

- a. As operações defensivas podem ser impostas pelo inimigo, mas, em qualquer situação, devem ser encaradas como transitórias.
- b. O espírito ofensivo constitui a base para o sucesso da defesa, por meio da previsão e execução de ações dinâmicas.
- c. As operações defensivas empregam todos os meios e processos disponíveis para impedir, resistir ou destruir um ataque inimigo. As operações defensivas têm por finalidade:
 - 1) criar condições mais favoráveis às operações ofensivas subsequentes;
 - 2) impedir o acesso do inimigo a determinada área;
 - 3) reduzir a capacidade de combate do inimigo;
 - 4) destruir as forças inimigas ou canalizá-las para uma área onde possam ser destruídas;

- 5) realizar economia de meios em uma área, a fim de poder aplicá-los em uma ação decisiva em outra região; e
 - 6) obrigar uma força inimiga a concentrar-se.
- d. A defesa é uma atitude temporária adotada por uma força, até que possa adotar ou retomar a ofensiva. Nela, a força inimiga atacante é inquietada continuamente pelos fogos e por ações ofensivas, conforme for apropriado. O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir uma vulnerabilidade inimiga e mantém suficiente flexibilidade, em seu planejamento, para explorá-la.
- e. O defensor esforça-se para diminuir as vantagens inerentes ao atacante, escolhendo a área de combate, forçando o inimigo a reagir de conformidade com o plano defensivo e explorando suas fraquezas e erros. As operações defensivas podem ser impostas, momentaneamente, pela impossibilidade de se realizar ações ofensivas. Entretanto, o comandante pode deliberadamente empreender operações defensivas, em combinação com a dissimulação, para destruir o inimigo.
- f. A mudança deliberada da defensiva para a ofensiva, ou vice-versa, pode ocorrer rapidamente e com frequência considerável. Uma operação defensiva é normalmente constituída por um conjunto de ações e engajamentos de maior ou menor vulto. Os elementos de uma força podem estar defendendo, retardando, atacando, realizando fintas ou executando fogos, como parte do esforço da defesa.
- g. Quando surgir uma oportunidade, é necessário o emprego da atitude ofensiva para destruir o inimigo. Na defesa, a preparação psicológica da tropa e a ação vigorosa de comando são essenciais para sustentar o moral elevado, conservar as melhores condições de emprego e manter uma atitude agressiva. A tropa deve compreender que uma defesa eficaz vale como oportunidade para destruir o inimigo.
- h. A conduta das operações defensivas, sob condições adversas de combate, é uma experiência significativa para o comandante em campanha. O defensor deve utilizar todas as vantagens que possua ou que possa criar e assumir riscos calculados, economizando forças para utilizá-las, sem hesitação e decisivamente, no momento e no local oportunos.

- i. Em AOC, a adoção de um dispositivo de expectativa pode constituir-se em um fator decisivo de compatibilização entre os meios disponíveis e a área a defender.

2. Fundamentos das Operações Defensivas

- a. Apropriada utilização do terreno - O terreno é fator importante na seleção das áreas de defesa e na localização e distribuição das forças. É necessário um estudo judicioso do terreno, para se organizarem forças suficientes e adequadas à sua defesa. Nas partes que favorecem à defesa, são economizados meios, liberando, assim, parte significativa deles para as áreas que favorecem o atacante. As características defensivas naturais do terreno são agravadas pelo emprego de obstáculos artificiais.
- b. Segurança - O atacante pode escolher a hora, o local, a direção e o valor do ataque. Em consequência, o defensor deve adotar todas as medidas possíveis para não ser surpreendido. Tais medidas compreendem o estabelecimento de meios para proporcionar o alerta sobre a aproximação do inimigo e o emprego de forças de segurança à frente, na direção provável de atuação do inimigo, nos flancos e na retaguarda, para manter a segurança em todas as direções.
- c. Apoio mútuo - As forças de defesa são localizadas no terreno de tal forma que possam apoiar-se mutuamente. Esse apoio mútuo completa-se pelos fogos, pela observação e por elementos de manobra, tanto à frente como em profundidade. O sistema de núcleos é concebido de forma a garantir que a queda de um deles não provoque o rompimento da posição, ficando o inimigo submetido aos fogos dos núcleos vizinhos e da retaguarda. O apoio mútuo dificulta a infiltração inimiga entre os núcleos, pois o espaço entre eles fica permanentemente sob observação e batido por fogos. Se há espaços vazios entre os diferentes núcleos, estes devem ser controlados. O apoio mútuo entre os núcleos de defesa é considerado, particularmente no escalão batalhão e inferiores.
- d. Defesa em todas as direções - No planejamento da defesa, considera-se que o inimigo pode atacar de qualquer direção. Os flancos e a retaguarda da posição podem ser atingidos por meio de desbordamento terrestre, infiltração, assalto aeromóvel ou aeroterrestre, ou, ainda, por meio de ações de guerrilha em larga escala. O defensor dispõe suas forças para impedir que o inimigo, utilizando a surpresa, obtenha

uma vantagem decisiva ou marcante, quanto à direção ou local do ataque. Quando o terreno permitir, é assegurada a defesa em todas as direções, utilizando-se um processo que permita a economia de meios, pela disposição apropriada no terreno dos elementos de defesa e de segurança, e a manutenção de uma reserva, com adequada mobilidade, em condições de deslocar-se por toda a posição defensiva. Em AOC, as frentes a defender, normalmente, são extensas, o que acentua a necessidade de judiciosa seleção dos acidentes capitais em que se pretende articular os meios. Os obstáculos devem ser explorados ao máximo, contribuindo para o fortalecimento da posição defensiva, para proporcionar economia de meios e maior grau de segurança em todas as direções.

- e. Defesa em profundidade - As forças de defesa são dispostas em profundidade, à frente da região que deve ser mantida para o cumprimento da missão. É essencial uma profundidade adequada para que o inimigo seja detido, canalizado, destruído (sempre que possível) ou repellido pelas forças de defesa, caso ele force a entrada ou penetre na região a ser defendida. A profundidade da defesa é obtida: pelo adequado desdobramento das forças; pela utilização de posições de bloqueio, fortificações de campanha e obstáculos em profundidade; pela manobra; e pelo emprego adequado de reservas e de fogos. Em AOC, com o combate predominantemente ao longo dos eixos rodoviários, avulta a importância da defesa em profundidade, sendo mais importante dispor as forças em profundidade do que dispersá-las em um dispositivo linear.
- f. Flexibilidade - A disposição das forças de defesa e o planejamento de seus fogos e deslocamentos visam a fazer face ao maior número possível de situações. A posição defensiva é organizada de forma a permitir a mudança de forças e de fogos. A mobilidade da reserva, os fogos e os meios de guerra eletrônica fornecem ao comandante a liberdade necessária para conduzir o combate defensivo. Em AOC, a flexibilidade é obtida, também, pela adoção do dispositivo de expectativa.
- g. Máximo emprego da ação ofensiva - As forças defensivas mantêm-se alertas para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo pela ação ofensiva. Patrulhamento agressivo, incursões, contra-ataques de desorganização e outros, apoiados por fogos e pela guerra eletrônica, são os melhores meios por meio dos quais o espírito ofensivo é mantido.

- h. Dispersão - Com os meios colocados à disposição pela tecnologia, a dispersão é essencial para reduzir a vulnerabilidade das forças. Em AOC, a dispersão decorre da precariedade de meios em relação aos grandes espaços. Ao organizar-se a defesa, as forças são dispersas o quanto lhe permitam as imposições da missão, evitando que se constituam em alvos compensadores ou, pelo menos, reduzindo sua vulnerabilidade. O cumprimento da missão é primordial, ao passo que o grau de risco em aceitar-se uma menor dispersão é irrelevante. A dispersão em profundidade é preferível à dispersão em largura, pois evita que as frentes se tornem muito extensas para o defensor. Proporciona mais meios para a reserva, evita movimentos laterais em presença de um ataque inimigo, facilita a descoberta e a destruição de elementos de infiltração e proporciona um melhor dispositivo de forças para a realização de contra-ataques. A dispersão em largura leva as forças avançadas a se arriscarem ao isolamento e, em consequência, a serem batidas por partes, após a penetração inimiga.
- i. Utilização do tempo disponível - O tempo disponível para o planejamento e organização da defesa influencia o emprego das forças, a preparação de obstáculos, a coordenação de fogos e a prioridade na execução dos trabalhos. A utilização judiciosa do tempo e uma cuidadosa seleção de tarefas a serem executadas são essenciais para o cumprimento de uma missão defensiva. Todo o tempo disponível é utilizado na preparação da posição defensiva e, após sua ocupação, os trabalhos ou os melhoramentos da posição prosseguem, mesmo durante as ações de defesa.
- j. Integração e coordenação das medidas de defesa - O plano geral de defesa envolve a integração e a coordenação cuidadosa de todas as medidas defensivas.
 - 1) Planejamento da manobra - O planejamento da manobra defensiva deve guardar flexibilidade que proporcione boas condições de evolução para fazer face à concretização de qualquer hipótese de atuação do inimigo.
 - 2) Planejamento de fogos - O movimento e os fogos coordenados de toda natureza são os principais meios empregados para repelir ou destruir um ataque inimigo, à frente ou no interior da posição defensiva. Os fogos planejados auxiliam o controle de áreas não ocupadas, cobrem barreiras e apóiam ações ofensivas. Os fogos

planejados são integrados no esquema geral de defesa e os fogos das demais forças são coordenados. O planejamento deve proporcionar fogo eficaz sobre as forças atacantes, tanto terrestres como aéreas, durante toda a execução da defesa. Na elaboração do planejamento de fogos são considerados os aspectos ligados à defesa antiaérea, tais como: rotas de aproximação aérea do inimigo, cobertura ou proteção dos meios de defesa antiaérea, difusão oportuna de alertas e identificação das aeronaves.

- 3) Plano de barreiras - As características defensivas do terreno são melhoradas ou suplementadas pelo estabelecimento de um sistema de barreiras que inclua campos de minas, destruições, bloqueios de estradas, obstáculos de arame e fossos anticarro, entre outros, com a finalidade de canalizar, restringir ou retardar o movimento das forças inimigas.

Tipos de Operações Defensivas

1. Generalidades

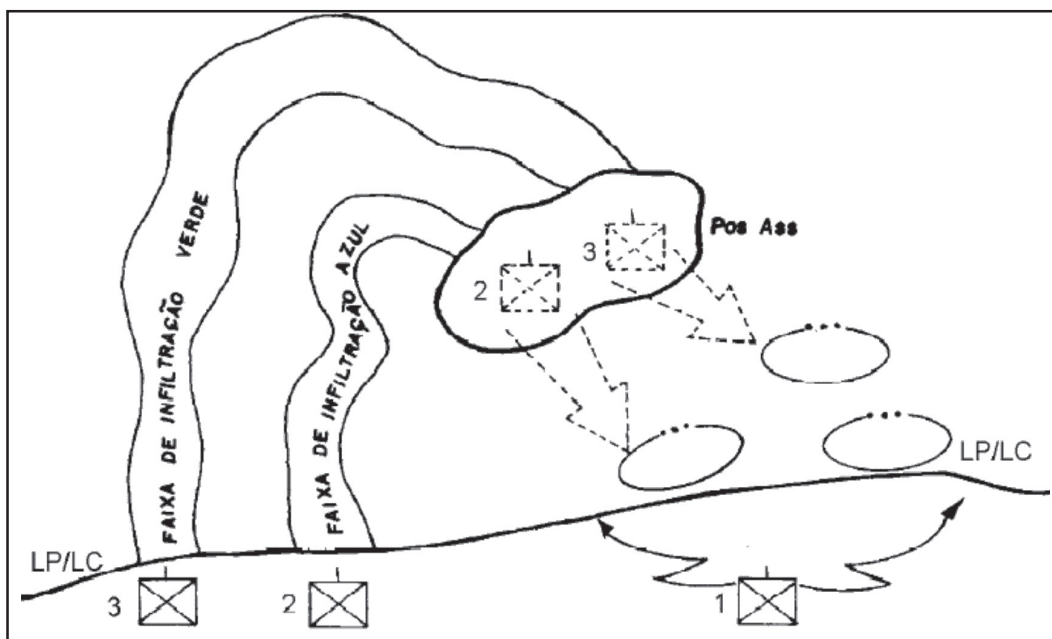
As operações defensivas, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um certo grau de resistência a uma força atacante. São dois os tipos de operações defensivas: a defesa em posição e o movimento retrógrado.

2. Defesa em Posição

- a. Na defesa em posição, uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante em uma área organizada em largura e profundidade e ocupada, total ou parcialmente, por todos os meios disponíveis, com a finalidade de:
 - 1) dificultar ou deter a progressão do atacante, em profundidade, impedindo seu acesso a uma determinada área;
 - 2) aproveitar todas as oportunidades que se lhe apresentem para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas; e

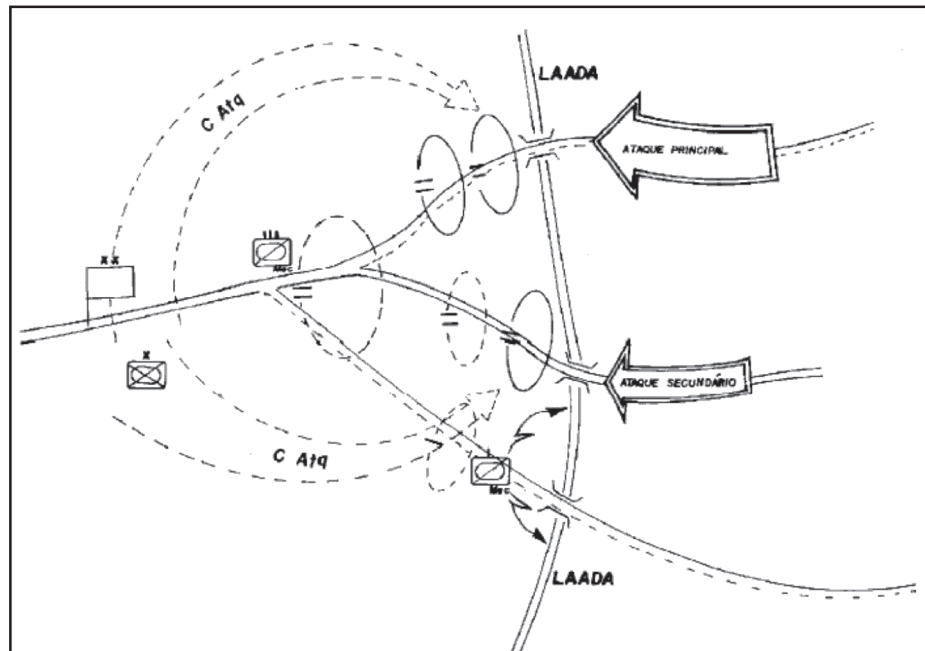
- 3) assegurar condições favoráveis para o desencadeamento de uma ação ofensiva.
- b. As forças de defesa aproveitam o terreno como proteção e como um dos componentes dos elementos essenciais do combate. O terreno presta-se, pois, para ser utilizado contra o inimigo, compensando determinadas deficiências do defensor.
- c. O comandante tem em vista evitar a batalha decisiva, a fim de permitir a montagem e o desencadeamento de uma nova operação. Procura, para isso, retardar o inimigo, afastá-lo de suas principais bases de suprimento e alongar suas linhas de transporte, infligir-lhe perdas por meio de ações ofensivas limitadas e, mesmo, desorganizar suas operações, realizando ações à sua retaguarda.
- d. Excepcionalmente, no escalão Ex Cmp, tendo em vista os meios existentes no TOT, podem ser selecionadas duas posições defensivas para que a operação seja conduzida, inicialmente, em uma e, posteriormente, em outra posição, caracterizando a defesa em mais de uma posição.
- e. Dispositivo de expectativa
 - 1) No âmbito de uma defesa em posição, a insuficiência de informações sobre o inimigo e a exiguidade dos meios disponíveis ante os amplos espaços a bloquear exigem, frequentemente, a adoção de um dispositivo de expectativa. Isso é particularmente útil quando não houver informações suficientes sobre a direção na qual o inimigo emprega a maioria de seus meios, a fim de permitir que os meios necessários sejam orientados, em curto prazo, na direção para a qual o inimigo tenha dirigido seu esforço.
 - 2) Tal opção implica preservar, inicialmente, na área de reserva, o grosso do poder de combate do defensor e empregá-lo, no momento e local decisivos e com adequado poder relativo de combate, assim que for possível detectar a orientação da maioria de meios do inimigo.
 - 3) Para isso, deve ser empregada uma força de cobertura à frente da posição defensiva, com o objetivo de alertar sobre a aproximação do inimigo, retardá-lo, desgastá-lo, definir seu valor e onde realizar a ação principal e, se possível, canalizá-lo para a região mais favorável à condução da defesa.

- 4) Na área de defesa avançada, bloqueando cada eixo de progressão de provável utilização pelo inimigo, devem ser preparados, e não ocupados, núcleos defensivos para tropa com o valor necessário para barrar a progressão do mesmo, repelir seu ataque ou destruí-lo. Inicialmente, serão ocupadas apenas as posições de bloqueio avançadas, com o mínimo de meios suficientes para barrar, por tempo limitado, as forças atacantes, até que cheguem os reforços previstos para ocupar a posição defensiva como um todo (Figura a seguir).



Divisão de Exército em dispositivo de expectativa - Situação inicial.

- 5) O dispositivo defensivo, em cada eixo de progressão, deve ser integrado por barreiras e ter seus fogos minuciosamente planejados. Para a ocupação efetiva da área de defesa avançada, prevalece a observação anteriormente formulada em relação ao caráter fundamental do emprego modular dos batalhões nessa área; atribuir-lhes frentes e profundidades que superem as dimensões ideais equivalentes a diluir os meios da defesa, contrariando o propósito essencial do dispositivo adotado.
- 6) Caracterizado(s) o(s) eixo(s) por onde o atacante realiza sua ação principal, parte da reserva desloca-se para essa região e ocupa, de acordo com o planejamento, a posição já preparada e, até então, ocupada apenas por um efetivo reduzido (Figura a seguir).



Divisão de Exército em dispositivo de expectativa - Situação final.

- 7) O restante da reserva é mantido à retaguarda, em condições de realizar as ações dinâmicas da defesa, em um quadro de defesa de área ou de defesa móvel.
- 8) A adoção de um dispositivo de expectativa, por parte de um grande comando operacional, pode justificar-se, ainda, pelo caráter essencialmente dinâmico a ser conferido à manobra defensiva, cuja execução deve orientar-se para a busca da decisão, por meio da retomada da atitude ofensiva. Assim, o defensor deve articular seus meios blindados de tal forma que lhe seja possível empregá-los, quer no interior da posição defensiva, para destruir parcelas significativas do poder de combate do oponente, quer em ações profundas sobre o eixo de comunicações e suprimentos do maior escalão inimigo em presença, a fim de reassumir plenamente a iniciativa das operações.

3. Movimento Retrógrado

- a. Movimento retrógrado é qualquer movimento tático organizado de uma força, para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra. Uma força somente o executa voluntariamente,

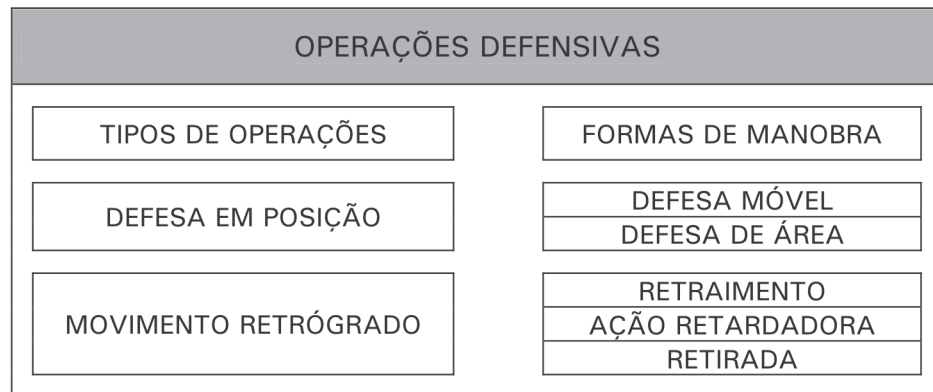
quando uma vantagem marcante possa ser obtida. Em qualquer caso, deve ser aprovado pelo comandante do escalão imediatamente superior e é planejado com a antecedência devida. O movimento retrógrado é caracterizado pelo planejamento centralizado e pela execução descentralizada. Devido a seu efeito sobre o moral da tropa, exige chefia efetiva e grande iniciativa, em todos os escalões.

- b. O movimento retrógrado visa a preservar a integridade de uma força, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada. Pode ter uma ou mais das seguintes finalidades:
 - 1) inquietar, exaurir e retardar o inimigo, infligindo-lhe o máximo de baixas;
 - 2) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
 - 3) permitir o emprego da força ou de uma parte da mesma em outro local;
 - 4) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
 - 5) ganhar tempo, sem se engajar decisivamente em combate;
 - 6) desengajar-se ou romper o contato;
 - 7) adaptar-se ao movimento de outras tropas amigas; e
 - 8) encurtar as vias de transporte.
- c. A utilização judiciosa do terreno e das barreiras, para reduzir a velocidade de progressão do inimigo, confundi-lo e iludi-lo, é ampliada pela potência de fogo, pelos obstáculos e por meio de incursões, para levar as forças inimigas a pagar um alto preço, em perdas, pelo terreno que vier a conquistar.

Formas de Manobra Tática Defensiva

1. Generalidades

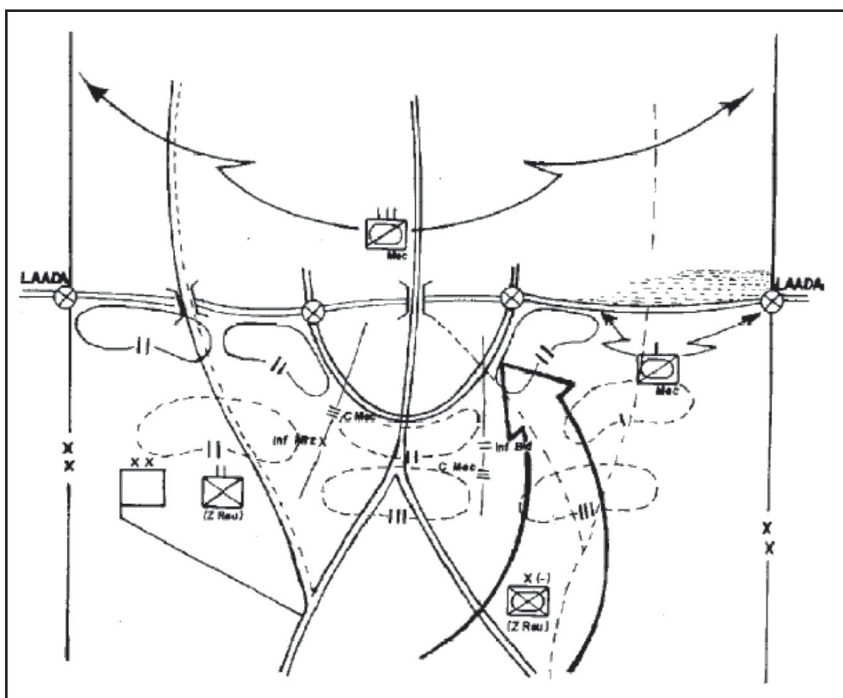
Nas operações defensivas, o comandante pode empregar cinco formas de manobra tática defensiva: defesa móvel e defesa de área (na defesa em posição), retraimento, ação retardadora e retirada (no movimento retrógrado).



2. Defesa Móvel

- a. A defesa móvel emprega uma combinação de ações ofensivas, defensivas e retardadoras. Nessa forma de manobra tática, o comandante emprega um menor poder de combate à frente, na área de defesa avançada, e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa. A defesa móvel visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apóia-se no emprego de forças ofensivas dotadas de grande mobilidade e poder de choque. As forças da área de defesa avançada realizam o combate defensivo, retardam o inimigo ou executam limitadas operações ofensivas, sempre que for necessário fazer com que o atacante fique vulnerável ao contra-ataque, a ser desencadeado com a finalidade de destruí-lo. Na defesa móvel, a reserva recebe maior prioridade na distribuição dos meios, sendo empregada em vigorosa ação ofensiva, para destruir o inimigo em momento e local mais oportunos. É desejável que a força amiga disponha de superioridade aérea local, no momento adequado.
- b. Normalmente, para atingir as finalidades de uma defesa móvel, na área de defesa avançada, parte dos meios opera como na defesa de área e

uma outra parte, como força de fixação, com a missão de retardar o inimigo, atraindo-o para uma situação que favoreça o desencadeamento do contra-ataque de destruição. Em operações em AOC, essa forma de manobra tática defensiva é aplicável à guerra de grande mobilidade e às situações em que amplas frentes devam ser defendidas. A defesa móvel pode oferecer uma oportunidade para a destruição da força atacante inimiga e para a reconquista da iniciativa. Em sua condução, devem ser evitados métodos padronizados de ação. O comandante das forças de defesa deve manter a liberdade de ação de modo a escolher o momento e o local para desfechar seu contra-ataque decisivo. A defesa móvel requer da força defensora uma mobilidade igual ou superior à do inimigo. A disponibilidade de forças aeromóveis e de meios da Aviação do Exército aumenta a flexibilidade e a presteza da força para reagir às situações táticas.



Divisão de Exército na defesa móvel.

- c. O emprego bem-sucedido da defesa móvel depende da possibilidade de a força defensora ceder terreno, a fim de obter resultados decisivos com o emprego da reserva como força de choque. As forças da área de defesa avançada não devem ficar demasiadamente dispersas ou expostas, possibilitando ao inimigo batê-las por partes. Devem possuir

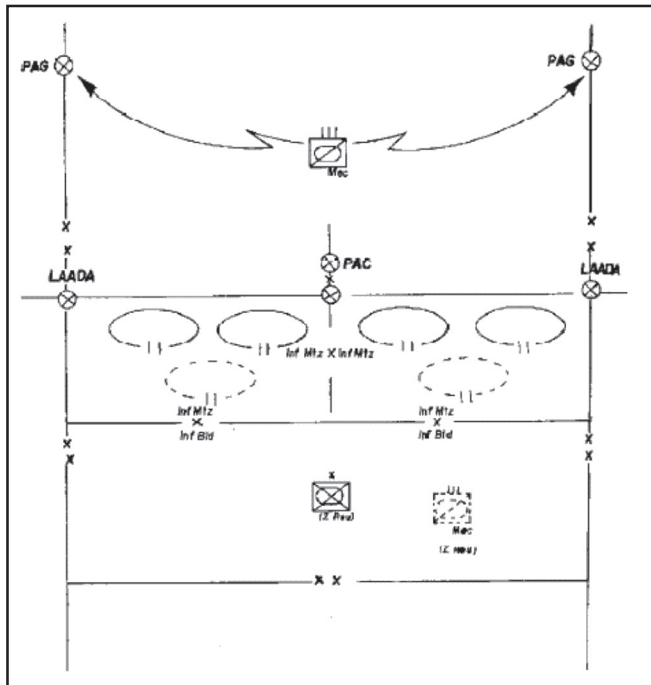
poder de combate suficiente para compelir o inimigo a concentrar suas forças para o ataque em locais onde possam ser destruídas pela potência do fogo e pela manobra. Quando as circunstâncias determinarem que parte da força conduza uma defesa móvel, enquanto os elementos vizinhos realizam uma defesa de área, as forças da área de defesa avançada das unidades que realizam a defesa móvel não podem expor os flancos dos elementos vizinhos.

- d. No âmbito de uma força maior, as operações dos vários elementos subordinados englobam tanto ações defensivas estáticas, quanto ações retardadoras, sendo que certos elementos podem receber, ainda, missões fundamentalmente ofensivas.

3. Defesa de Área

- a. A defesa de área tem por escopo a manutenção ou o controle de uma região específica, por um determinado período de tempo. Quando for imperativa a manutenção de determinada faixa do terreno, o comandante toma por base, principalmente, a capacidade dos fogos e das forças empregadas na área de defesa avançada, para engajar e repelir o atacante. O defensor pode não ter capacidade para ocupar todos os acidentes capitais do terreno na posição defensiva; no entanto, emprega suficiente poder de combate à frente para controlar uma área. Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo na faixa de terreno selecionada para a condução da defesa, priorizando cumprir sua missão pelo engajamento do atacante ao longo do limite anterior da área de defesa avançada, contando com um grande volume e variedade de fogos. Na distribuição dos meios de combate, a área de defesa avançada tem maior prioridade. A reserva é empregada, entre outras missões, principalmente para bloquear e eliminar as penetrações ou reforçar as áreas ameaçadas. O planejamento defensivo exige planos de fogos detalhados, organização da posição para ampliar o valor defensivo do terreno, planos para emprego da reserva e plano de barreiras.
- b. A defesa de área tira o máximo proveito dos obstáculos existentes, reduz o perigo do ataque à noite ou da infiltração, e força o atacante a empregar o máximo de poder de combate para realizar a penetração.
- c. A defesa de área pode tirar vantagem da profundidade da zona de ação, ocupando posições ao longo do campo de batalha que

proporcionem apoio mútuo e forcem o atacante a expor suas tropas, ao realizar sucessivos ataques contra as posições defensivas dispostas em profundidade na área de defesa avançada. Sempre que possível, são realizados contra-ataques, visando aos flancos da tropa inimiga. É preciso não perder de vista, no entanto, que a área a ser mantida não pode ser colocada em risco.

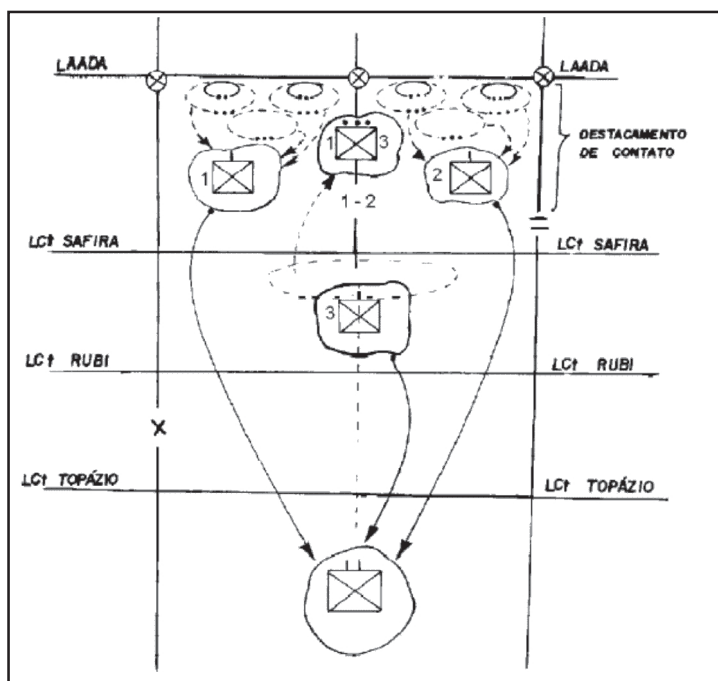


Divisão de Exército na defesa de área.

- d. A defesa móvel e a defesa de área situam-se nos extremos de uma ampla escala de variações nas formas de manobra tática defensiva atinentes à defesa em posição. Frequentemente, nenhuma dessas formas, isoladamente, é adequada para determinada situação ou missão. Em tais casos, deve ser encontrada uma variante que incorpore partes aplicáveis de cada uma. Essa variante, por conservar a intenção de destruir o inimigo, é ainda considerada defesa móvel..

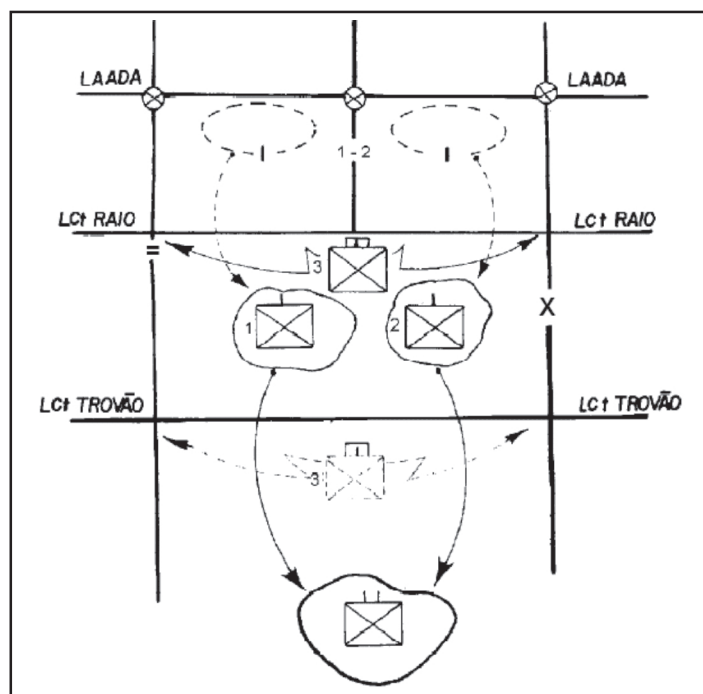
4. Retraimento

- a. O retraimento é um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com decisão do escalão superior. Alguns elementos permanecem em contato, para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e para infligir-lhe danos, pelo fogo e por uma manobra adequada. O retraimento pode ser diurno ou noturno e ser executado sob pressão do inimigo ou sem pressão do inimigo. O retraimento, conduzido durante a noite ou sob condições de reduzida visibilidade, é preferível ao retraimento executado durante o dia. O retraimento sem pressão do inimigo é mais favorável do que o realizado sob pressão.
- b. Um retraimento sem pressão do inimigo exige o emprego de contra-inteligência eficaz e depende, principalmente, do controle, da segurança e da dissimulação. O controle e a segurança são proporcionados pela preparação completa e minuciosa de planos pormenorizados; e a dissimulação, pela simulação de tráfego rádio, de fogos e de outras atividades normais. Pode ser realizado furtivamente ou após um ataque, para desviar a atenção do inimigo. Os planos devem incluir previsões para a eventualidade de detecção e de interferência por parte do inimigo. O êxito do retraimento sem pressão, normalmente, está condicionado a períodos de escuridão ou de visibilidade reduzida ou a terrenos cobertos. A visibilidade reduzida e o terreno coberto dificultam o controle. A utilização de fumaça e de itinerários cobertos auxiliam na redução da possibilidade inimiga de observar os movimentos das forças amigas. Deve ser prevista a interferência do inimigo, por meio do emprego de tropas aeroterrestres, aeromóveis ou infiltradas.
- c. Um retraimento sob pressão do inimigo, pelo fato de estar sujeito à observação das forças adversárias, depende, para ter sucesso, da mobilidade, dos meios de guerra eletrônica, do apoio de fogo, do controle, do emprego de forças de cobertura e da superioridade aérea local. Um alto grau de coordenação e um judicioso emprego de obstáculos são essenciais em tais circunstâncias. Todos os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do inimigo que estejam engajados com as forças de retardamento. As forças mais avançadas deslocam-se para a retaguarda pelo emprego de técnicas de ação retardadora.



Retraimento sem pressão.

- d. Quando o retraimento simultâneo de todas as unidades não é praticável, o comandante determina a sequência de realização. A decisão fica condicionada à determinação de um plano que melhor preserve a integridade da força e melhor contribua para o cumprimento da missão. De uma maneira geral, as unidades menos engajadas retraem antes.
- e. No retraimento sob pressão, as reservas são desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao retraimento das forças avançadas ou, mesmo, para auxiliar tais forças a romperem contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.

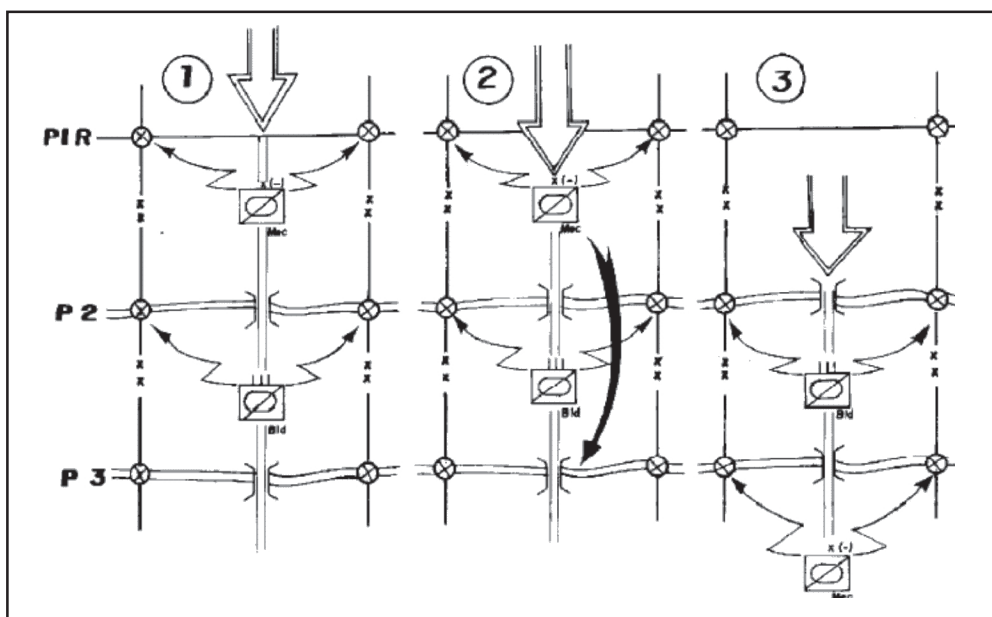


Retraimento sob pressão.

5. Ação Retardadora

- a. A ação retardadora é um movimento retrógrado no qual uma força, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Na execução de uma ação retardadora, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo. Normalmente, o retardamento é conseguido tanto nas posições como entre elas. A força de retardamento mantém o contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente.
- b. Uma ação retardadora é conduzida, normalmente, em mais de uma posição. Nesse caso, pode empregar a técnica do retardamento em posições sucessivas ou do retardamento em posições alternadas ou, ainda, utilizar uma adequada combinação de ambas. As posições de retardamento são organizadas com profundidade limitada, tendo em vista que a tarefa principal do desgaste do inimigo é atribuída aos fogos de longo alcance de artilharia e à cortina de fogos das armas de primeiro escalão. O combate decisivo deve ser evitado. O emprego da Aviação do Exército aumenta a segurança e a flexibilidade da ação retardadora.

- c. Na execução de uma ação retardadora, o inimigo deve ser engajado o mais longe possível, no alcance máximo das armas da defesa. Essa ação deve obrigar o inimigo a gastar tempo em desdobramentos, no esclarecimento da situação e em manobrar para expulsar a força de retardamento de sua posição. Em algumas situações, no entanto, os fogos de longo alcance podem ser deliberadamente contidos para fins de dissimulação. As forças de retardamento mantêm o contato e oferecem resistência suficiente, a fim de evitar infiltração e forçar o inimigo a se concentrar para atacar. Forças inimigas emassadas são atacadas e destruídas pelo fogo quando for conveniente. Tal ataque deve ser explorado pela manobra.



Ação retardadora.

6. Retirada

- a. A retirada é um movimento retrógrado realizado sem contato com o inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente. Pode ser executada em seguida a um retraimento ou quando não houver contato físico com o inimigo. A força em retirada pode ser submetida a ataques de guerrilheiros, a incursões aeromóveis e aeroterrestres, a fogos de longo alcance e a operações psicológicas do inimigo.

- b. A segurança é consideração importante na execução de uma retirada.

Deve ser dada ênfase aos movimentos noturnos, devendo os diurnos ser realizados apenas pela infiltração de pequenos grupos. No início da retirada, elementos da força podem separar-se e deslocar-se em grupos dispersos para zonas de reunião preestabelecidas. A força em retirada combate apenas quando isso for exigido pela missão. As medidas de segurança das comunicações e eletrônica, especialmente o silêncio rádio, devem ser empregadas ao máximo.

Planejamento e Execução da Defesa

- a. O desenvolvimento do plano de defesa exige a consideração dos seguintes fatores:

- 1) missão;
- 2) características da área de operações;
- 3) hipóteses de atuação do inimigo terrestre;
- 4) poder de combate necessário para a adoção dos graus de resistência adequados às diversas partes da frente a defender;
- 5) meios necessários para a condução do combate defensivo em profundidade;
- 6) valor desejável das forças de segurança e da reserva;
- 7) mobilidade dos meios disponíveis;
- 8) situação relativa aérea;
- 9) prazo disponível para a organização da posição defensiva; e
- 10) possibilidade de fornecer apoio logístico aos diversos planos.

- b. Os meios disponíveis, para o comandante que planeja operações defensivas, incluem as forças desdobradas em posições defensivas e os fogos que devem atender às necessidades do próprio comandante e das forças que executam a manobra, tudo de acordo com o plano defensivo. Cada um desses meios depende dos demais para se obter o máximo de

eficiência. A tarefa do defensor é combinar tais meios de modo sincronizado e em proporções que atendam ao cumprimento da missão defensiva. Determinadas considerações devem ser levadas em conta:

- 1) Facilitar o emprego dos meios pelo aproveitamento das características defensivas naturais do terreno, as quais podem ser agravadas pela adequada organização do terreno e pela estreita coordenação entre a manobra e os fogos terrestres e aéreos. Normalmente, um defensor pode selecionar e reconhecer a área a defender antes de sua organização e, assim, pode adotar um dispositivo que favoreça a retomada da iniciativa, o mais cedo possível. O atrativo operacional existente para o atacante, em determinadas partes da frente, deve merecer consideração prioritária, quando o propósito essencial da manobra defensiva for a destruição do inimigo; busca-se, assim, aproveitar a própria impulsão do oponente para destruí-lo, em melhores condições, no interior da posição defensiva.
 - 2) Manter ou controlar o terreno, conforme indicado pela missão. O terreno é analisado para que seja determinado o valor relativo das vias de acesso para o interior da área de defesa, as áreas favoráveis para ações ofensivas e os obstáculos, existentes ou em potencial que, se agravados, fortalecem a defesa ou contribuem para canalizar o inimigo, restringindo-lhe a capacidade de manobra.
- c. Os fogos são planejados para destruir a força inimiga ou para permitir a exploração de seus efeitos pelos elementos de manobra, para completar sua destruição. Os fogos devem possibilitar o engajamento da força inimiga o mais cedo possível, embora, em algumas circunstâncias, possam ser mantidos suspensos para obtenção máxima da surpresa e ação de choque. A decisão para realizar os fogos de longo alcance ou para mantê-los em suspenso é uma decisão crítica, tomada pelo comandante em cada caso. Assim, os planos devem ser suficientemente flexíveis para permitir tal liberdade de decisão. Os fogos são planejados contra todos os elementos inimigos, tais como: meios de apoio de fogo, reservas, instalações de comando e apoio, sistema logístico e forças em contato.
- d. Informações de combate eficientes são de difícil obtenção, devido ao fato de que a iniciativa não pertence ao defensor e em razão de sua inferioridade em poder de combate e em meios de reconhecimento. Essa desvantagem é compensada pelo conhecimento detalhado da

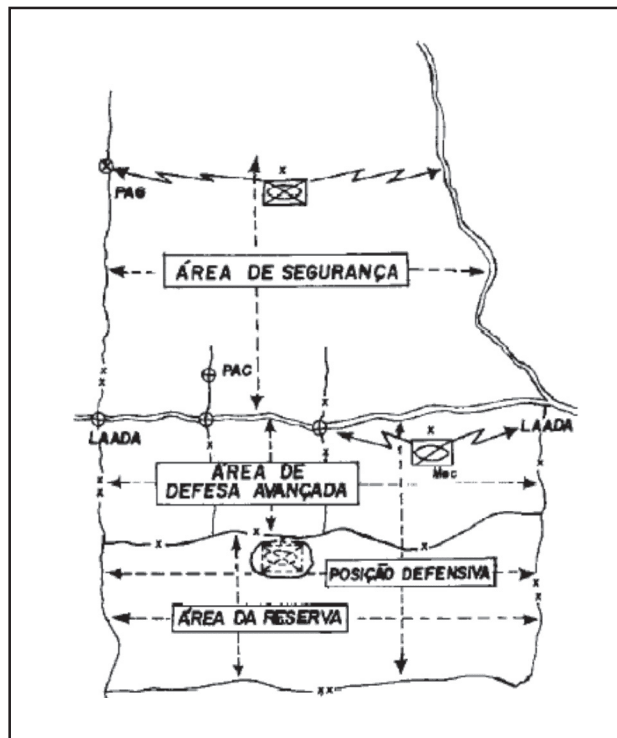
área operacional por parte do defensor e, eventualmente, por sua capacidade de perceber a aproximação do atacante, permitindo a concentração dos fogos defensivos sobre áreas prováveis de reunião, pontos críticos e outras áreas de possível utilização pelo inimigo.

- e. O contra-ataque é o elemento básico da defesa. Sua finalidade varia de acordo com a forma de manobra tática defensiva que esteja sendo executada. Embora haja ocasiões em que possa ter êxito a intervenção realizada, unicamente, por meio de fogos, os resultados mais decisivos são obtidos, normalmente, pela combinação do fogo e do movimento. Os princípios do combate ofensivo são aplicáveis na execução do contra-ataque. Os planos para a defesa incluem os de contra-ataque nas áreas onde haja mais probabilidade de execução ou onde se possa obter a máxima destruição das forças inimigas.
 - 1) Um contra-ataque de desorganização é a ação ofensiva desencadeada por uma força defensora contra forças inimigas que se preparam para o ataque. Sua finalidade pode ser destruir uma parte da força atacante, desarticular o inimigo, conquistar terreno do qual possa ser desencadeado um ataque ou impedir a observação e a vigilância terrestres inimigas sobre a área defendida.
 - 2) Na defesa da área, a finalidade do contra-ataque é repelir a força que penetrou na posição e reconquistar o controle da área de defesa avançada.
 - 3) Na defesa móvel, o contra-ataque é o elemento decisivo por meio do qual o comandante cumpre sua missão. O objetivo principal é a destruição da força inimiga e o aproveitamento das oportunidades consequentes para a reconquista da iniciativa e, mesmo, para a retomada, a curto prazo, de uma atitude ofensiva, dependendo do escalão que conduza a manobra.
- f. Os planos de barreiras são preparados simultaneamente com os outros planos. É necessário tirar o máximo partido da vantagem dos obstáculos naturais e agravá-los. A eficiência de um obstáculo é extremamente limitada quando ele não estiver coberto pela observação e pelo fogo. Passagens e brechas são necessárias para o movimento de reservas e outras forças na área de defesa. Os planos de barreiras estabelecem a localização das barreiras, a responsabilidade e a prioridade para a sua construção. O plano de barreiras deve ser cuidadosamente coordenado com os planos de contra-ataque.

Conduta da Defesa

Generalidades

- a. Considerações iniciais - A conduta dos elementos de combate, na defesa, inclui os contra-ataques, inclusive o de desorganização, e a ação retardadora. A ação ofensiva é importante em todos os tipos de defesa e é de particular significado na defesa móvel. A ação ofensiva é executada: para explorar os resultados do ataque pelo fogo; para destruir uma força de penetração em um local e momento da escolha do defensor; para atacar onde o inimigo não está preparado e, deste modo, obter resultados significativos; ou para auxiliar o desengajamento de uma força. A ação retardadora é empregada: para permitir que as forças se desloquem para outras posições, das quais possam executar missões ofensivas ou defensivas; para conduzir o inimigo a uma situação desfavorável, criando condições para sua destruição no interior da posição defensiva; ou para ganhar espaço que permita organizar uma posição defensiva ou passar à contra-ofensiva.
- b. Áreas e forças defensivas
- 1) São áreas defensivas a área de segurança, a área de defesa avançada e a área de reserva. As forças e os fogos são distribuídos a cada uma delas, de acordo com o plano defensivo. O esquema geral da manobra ou a organização defensiva desses elementos é prescrito com os detalhes necessários para permitir a execução eficiente do plano.
 - 2) As forças da área de segurança fornecem informações sobre o inimigo, iludem-no e proporcionam uma cortina de contra-reconhecimento. Dentro de suas possibilidades, retardam o inimigo e reduzem seu poder de combate. Elementos da força da área de segurança podem ser designados para permanecer atrás dos elementos inimigos que progridem. Sua composição e o apoio que lhes é fornecido incluem meios de reconhecimento e observação de longo alcance, terrestres e aéreos, forte potência de fogo, alto grau de mobilidade, e excelentes e seguras comunicações.



Áreas Defensivas.

- 3) A composição das forças da área de defesa avançada varia com a finalidade defensiva.
 - a) Quando a defesa é baseada na manutenção do terreno, a maioria das forças é utilizada em sua organização. Devido à impossibilidade de organizar uma defesa inexpugnável, uma reserva é necessária para manter a continuidade da defesa.
 - b) As forças designadas para a área de defesa avançada, em uma defesa móvel, embora não tão fortes como aquelas da defesa de área, devem ser capazes de forçar o desdobramento do inimigo, necessitam ter possibilidade de executar fogos de longo alcance e são normalmente dotadas de uma mobilidade igual ou superior à do inimigo.
- 4) As forças da área da reserva são os meios principais por meio dos quais o defensor reconquista a iniciativa. A manutenção de uma reserva potente permite a ação ofensiva, tanto no interior como à frente da área de defesa avançada. Quando a defesa móvel for empregada, a reserva constitui o elemento mais forte e mais decisivo da força. Embora possa ser empregada para realizar ações defensivas, sua missão principal é derrotar o inimigo pelo combate ofensivo. O

poder de combate atribuído à reserva inclui elementos de fogo e de manobra. A possibilidade de a reserva concentrar, rapidamente, um poder de combate superior em uma dada área, aumenta consideravelmente sua capacidade ofensiva. Além disso, a reserva proporciona flexibilidade e pode ser usada para:

- a) reforçar ou substituir elementos empregados na área de defesa avançada;
- b) assegurar a manutenção de regiões importantes do terreno;
- c) auxiliar o desengajamento de forças;
- d) proteger os flancos;
- e) fornecer segurança contra assaltos aeroterrestres e aeromóveis; e
- f) realizar operações contra infiltrações e forças irregulares, sempre que o valor do inimigo ultrapasse as possibilidades da força de defesa da área de retaguarda do escalão considerado.

c. Defesa contra blindados

- 1) A eficiência das operações contra um inimigo que possua significativa possibilidade de emprego de blindados exige a defesa anticarro em toda a área de operações. Tal defesa deve ser planejada para cobrir as vias de acesso que apresentem maior ameaça às forças defensivas.
- 2) Deve ser explorado ao máximo o emprego dos obstáculos naturais e artificiais, a fim de canalizar os blindados inimigos para os campos de tiro das armas anticarro e facilitar sua destruição. Deve ser empregado todo o sistema de armas anticarro, que inclui mísseis anticarro, armas anticarro individuais e coletivas, minas, carros de combate e fogos convencionais de artilharia e de aeronaves armadas. A defesa anticarro é estabelecida em profundidade, em toda a área de defesa. Os fogos de alto explosivo da artilharia podem ser usados contra os carros de combate, para produzir baixas entre as guarnições e na infantaria de acompanhamento e para separar os fuzileiros dos carros de combate, o que facilita a ação anticarro a curta distância.
- 3) Se os blindados inimigos forem bem-sucedidos e sobrepujarem a área de defesa avançada, as armas anticarro localizadas em profundidade devem procurar deter seu avanço. As forças na área de defesa avançada devem permanecer em posição para impedir

que a infantaria inimiga acompanhe os blindados e para cooperar na destruição dos carros de combate que penetrarem na posição. Forças de reserva, fortes em blindados, devem ser então empregadas, para repelir ou destruir o inimigo no interior da penetração.



CAPÍTULO 7

Ações Comuns às Operações Militares, Operações Complementares e com Características Especiais

O conteúdo deste capítulo contém extratos dos capítulos 7, 8 e 10 do manual C 100 – 5 Operações.

Introdução

Considerações Iniciais

- a. As ações comuns às operações básicas correspondem àquelas ações que são realizadas, com grau de intensidade variável, no decorrer das operações ofensivas e defensivas.
- b. São relacionadas e classificadas como ações comuns às operações básicas:
 - 1) operações de reconhecimento, vigilância de combate e segurança;
 - 2) operações de substituição de unidades de combate;
 - 3) segurança de área de retaguarda;
 - 4) operações ar-superfície; e
 - 5) ações contra ataques blindados, aeroterrestres e aeromóveis, a defesa contra guerrilheiros e contra forças de infiltração.

Ações de Reconhecimento, Vigilância de Combate e Segurança

1. Generalidades

- a. As ações de reconhecimento, vigilância de combate e segurança estão normalmente presentes em quase todas as operações, sejam elas ofensivas ou defensivas.
- b. O reconhecimento e a segurança completam-se mutuamente e não podem ser facilmente separados. Um eficiente reconhecimento proporciona um certo grau de segurança, e a força que executa uma missão de segurança provê também informes sobre o inimigo e a região de operações.

2. Reconhecimento

- a. O reconhecimento é a ação conduzida em campanha pelo emprego de meios terrestres ou aéreos, com o propósito de obter informes sobre o inimigo e a área de operações.
- b. As ações de reconhecimento terrestre são executadas de acordo os seguintes fundamentos:
 - 1) Orientar-se segundo os objetivos de informações - O reconhecimento deve ser orientado para tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação, zonas ou áreas específicas. Os elementos que realizam um reconhecimento atuam em função dos objetivos de informações, condicionante essencial para o adequado cumprimento missão.
 - 2) Participar com rapidez e precisão todos os informes obtidos. Os informes, positivos ou negativos, devem ser transmitidos logo que obtidos. Devem ser participados tal como foram obtidos, não devendo conter opiniões e, sim, fatos.
 - 3) Evitar engajamento decisivo - Uma força de reconhecimento deve manter sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos informes desejados ou para evitar a destruição ou captura da força.
 - 4) Manter o contato com o inimigo - Na execução de uma missão de reconhecimento, o contato deve ser obtido o mais cedo possível.

Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem autorização do escalão superior. O contato pode ser mantido, também, por meio de observação terrestre ou aérea.

- 5) Esclarecer a situação - Quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, a situação deve ser esclarecida rapidamente. A localização, o valor, a composição e o dispositivo do inimigo são determinados, e um esforço especial é feito para delimitar os flancos da posição inimiga. De acordo com a missão, o comandante deve, rapidamente, decidir se ataca ou desborda a resistência inimiga.
- c. Há três tipos de reconhecimento: de eixo, de zona e de área. O tipo a ser empregado é escolhido tendo em vista as informações desejadas, o conhecimento da situação do inimigo, o terreno, o valor da força de reconhecimento, onde o informe deve ser procurado e o tempo disponível para obtê-lo.
- d. A maioria das unidades tem possibilidade de realizar reconhecimentos. No entanto, as unidades de cavalaria mecanizada são especificamente organizadas, equipadas e instruídas para cumprir tais missões.

3. Vigilância de Combate

- a. A vigilância de combate é um dos principais meios para a detecção de unidades, instalações e atividades do inimigo. Compreende as técnicas utilizadas para realizar uma contínua e sistemática observação do campo de batalha, em particular de áreas críticas, estradas, pontes, de lançamento, de aterragem etc.
- b. Os fatores principais que influenciam a execução da vigilância são as condições de visibilidade, o terreno, as cobertas naturais e a defesa antiaérea, e as características dos próprios equipamentos de vigilância.
- c. A vigilância de combate faz parte da segurança de qualquer unidade e é conduzida em todo tipo de operação. No entanto, as unidades de cavalaria têm grande aptidão para seu desempenho e a conduzem, normalmente, como parte inerente às missões de reconhecimento e pela manutenção de uma contínua e sistemática observação sobre uma extensa área, a fim de coletar e transmitir informes sobre o inimigo e a área operações.

d. Em cada operação de combate está incluído um certo grau de vigilância de combate, a qual se apresenta sob as seguintes formas:

- 1) Visual - É realizada pelas unidades terrestres e aéreas, particularmente no cumprimento das missões de reconhecimento. Utiliza equipamentos de visão noturna infravermelhos, amplificadores de luz residual ou termais.
- 2) Eletrônica - Consiste na vigilância realizada com o emprego de meios especiais, tais como: radares, radiogoniômetros, equipamentos de rádio-escuta, sensores, câmeras de televisão etc.
- 3) Fotográfica - Consiste, essencialmente, no emprego de equipamentos fotográficos especiais, montados em aeronaves leves ou veículos aéreos não tripulados.

4. Segurança

a. A segurança compreende o conjunto de medidas adotadas por uma força, visando a proteger-se contra a inquietação, a surpresa e a observação por parte do inimigo. Sua finalidade é preservar o sigilo das operações, manter a iniciativa das mesmas e obter a liberdade de ação.

b. As operações de segurança são executadas de acordo com os fundamentos a seguir:

- 1) Proporcionar alerta preciso e oportuno ao escalão superior - A força de segurança deve informar ao escalão superior, precisa e oportunamente, sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça ao cumprimento de sua missão. Somente dessa maneira pode o comandante decidir sobre a aplicação dos meios e sobre o prazo e o local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter a surpresa e vantagens táticas.
- 2) Garantir espaço para a manobra - A força de segurança atua suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir-lhe o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância entre ambas é função da análise judiciosa dos fatores da decisão.

- 3) Orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera - Uma força de segurança manobra de acordo com a localização ou o movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida ou provável ameaça do inimigo.
 - 4) Executar um contínuo reconhecimento - Toda força de segurança deve executar um reconhecimento contínuo e agressivo, capaz de fornecer ao comandante informes sobre o terreno e o inimigo em sua zona de ação, e, ainda, possibilitar a localização adequada da força de segurança em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga.
 - 5) Manter o contato com o inimigo - O contato com o inimigo deve ser mantido até que não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da zona de ação da tropa em proveito da qual a força de segurança opera. O comandante de uma força de segurança não pode, voluntariamente, romper o contato com o inimigo, a menos que seja determinado pelo comando superior.
- c. A segurança repousa nas informações, no dispositivo, no emprego de forças de segurança e nas medidas ativas e passivas adotadas contra a observação e os ataques inimigos de qualquer natureza.
- d. A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça, pelo tempo e espaço suficientes para a manobra, a fim de que a força possa reagir a uma ameaça; e evitando, neutralizando ou destruindo uma ameaça. A segurança é proporcionada pelas informações oportunas e precisas, bem como pelo movimento rápido e agressivo. Toda unidade é responsável por sua própria segurança, a despeito da proporcionada por outras unidades.
- e. A força que proporciona segurança a uma tropa deve ser suficientemente forte e apropriada para lhe fornecer o tempo necessário para que possa reagir. De acordo com suas possibilidades, as forças de segurança engajam o inimigo apenas o tempo suficiente para cumprirem suas missões. Medidas de segurança não devem ser tomadas desnecessariamente, de tal forma que desviem o esforço da unidade do real cumprimento de sua missão.
- f. Os graus de segurança proporcionados a uma força são os seguintes:

- 1) Cobertura - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta.
 - 2) Proteção - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida.
 - 3) Vigilância - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força pelo estabelecimento de uma série de postos de observação por adequadas ações que procuram detectar a presença do inimigo logo que ele entre no raio de ação ou campo dos instrumentos óticos ou eletrônicos do elemento que a executa.
- g. As missões de segurança são realizadas, basicamente, por forças de proteção e de vigilância. Complementarmente, incluem-se também, entre as missões de segurança, tanto a que estabelece a ligação entre duas outras forças de maior valor visando, principalmente, a tamponar uma brecha, quanto a que realiza a segurança da área de retaguarda. Os Postos Avançados Gerais (PAG) e os Postos Avançados de Combate (P Avç C) incluem-se entre as forças de segurança que atuam na área de segurança à frente do limite anterior da área de defesa avançada.

Substituição de Unidades de Combate

1. Generalidades

- a. Quando as operações táticas se estendem por períodos prolongados, será necessária a substituição periódica de unidades empregadas, tendo em vista:
 - 1) conservar o poder de combate;
 - 2) manter a eficiência operacional;

- 3) atender as imposições dos planos táticos; e
 - 4) reequipar, reinstruir e ensaiar as forças para operações especiais.
- b. O planejamento tático prevê tais substituições periódicas, seja pela substituição em posição, seja por uma ultrapassagem ou, ainda, por um acolhimento.
- c. O congestionamento resultante dessas operações requer que toda a precaução seja tomada para reduzir a vulnerabilidade das forças ao ataque inimigo, durante a operação. São essenciais uma estreita coordenação dos planos e uma cerrada cooperação entre as forças que executam a substituição.
- d. Alguns aspectos devem ser considerados no planejamento e na execução de todos os tipos de operações de substituição:
- 1) deve ser proporcionado tempo adequado para planejamento e reconhecimento;
 - 2) devem ser expedidas ordens preparatórias o mais cedo possível;
 - 3) os planos são minuciosos, simples e bem coordenados entre todos os escalões das forças que substituem e das forças substituídas;
 - 4) sempre que possível, as substituições são executadas durante períodos de reduzida visibilidade;
 - 5) os planos de dissimulação incluem todas as medidas indicadas para assegurar o sigilo e a surpresa;
 - 6) a substituição é executada no mais curto prazo possível;
 - 7) são tomadas todas as precauções para reduzir o ataque inimigo durante a substituição;
 - 8) as forças que substituem e as substituídas mantêm ligações;
 - 9) os elementos de apoio ao combate e as forças por eles apoiadas são substituídos em oportunidades diferentes; e
 - 10) a hora de assunção do comando pelo comandante substituto e as condições segundo as quais a substituição deve processar-se são estabelecidas entre os dois comandantes interessados ou determinadas pelo comandante imediatamente superior.

2. Substituição em Posição

- a. A substituição em posição é uma operação de combate na qual, por ordem do escalão superior, uma força ou parte dela é substituída por outra em uma área de combate. As responsabilidades pela missão de combate e pela zona de ação da força substituída são assumidas pela força que substitui. A substituição em posição dá-se quando a força a ser substituída ocupa uma posição defensiva, e é realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de um ataque subsequente.
- b. O comandante de uma força que está sendo substituída é responsável pela defesa de sua área, até a passagem do comando. Normalmente, esta passagem ocorre quando os comandantes das forças da área de defesa avançada tenham assumido a responsabilidade pelas respectivas áreas e quando tiverem sido estabelecidos meios adequados de comunicações para controlar toda a zona de ação.
- c. Em uma substituição em posição, para a continuação da defesa, a força que substitui deve adaptar-se ao plano geral de defesa da força substituída, até a passagem do comando. Todo esforço deve ser feito para realizar a substituição sem enfraquecer a integridade tática da posição.

3. Ultrapassagem

- a. A ultrapassagem é uma operação de combate em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. Ela é executada por uma força para substituir uma outra, desfalcada, dispersa ou sem condições de prosseguir, ou para iniciar um ataque.
- b. Os elementos da força ultrapassada permanecem em posição e apóiam a força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A força ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação. A força em contato provê todo o apoio possível à força que ultrapassa.

4. Acolhimento

- a. Acolhimento é uma operação na qual uma força que realiza um movimento retrógrado passa através da zona de ação de uma outra que ocupa uma posição defensiva à retaguarda. Esta operação é utilizada quando se deseja substituir uma força que esteja

demasiadamente empenhada ou se encontre muito desfalcada. Pode também ocorrer como parte de um movimento retrógrado ou para permitir o retraimento de uma força que deva cumprir outra missão.

- b. Na operação de acolhimento, a força em posição apóia ao máximo a que retrai e toma a si a missão retardadora desta última, ou a de defesa, quando o retraimento, por meio de sua posição, for completado. A força que retrai tem prioridade nos itinerários e nas instalações. As áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição, ou em seus flancos. Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para elementos de carros de combate, evitam locais organizados da posição defensiva. Um plano pormenorizado de reconhecimento é preparado e cuidadosamente coordenado entre a força que retrai e a que se encontra em posição.

Segurança da Área de Retaguarda

1. Generalidades

- a. A segurança e o controle geral de uma área são da responsabilidade do comandante de maior posto na área. A segurança da área de retaguarda compreende dois tipos de ações: a defesa da área de retaguarda e o controle de danos.
- b. Na área de retaguarda de uma determinada organização ou força é realizada a maior parte das atividades de comando e controle e de apoio logístico à mesma. Aí também, normalmente, desdobram-se as reservas, as unidades de apoio ao combate e as instalações de comando da organização ou força considerada.
- c. As instalações da área de retaguarda, que anteriormente estavam protegidas pela distância da frente de combate, podem estar, agora, dentro do alcance das armas inimigas. Tal fato, aliado às frentes extensas, aos grandes intervalos entre as forças de combate e aos modernos conceitos de combate não linear e ação em profundidade, aumenta a vulnerabilidade das forças e instalações da retaguarda e

exige que uma maior ênfase seja dada à segurança da área de retaguarda e às medidas de contra-inteligência.

- d. Apesar de se constituírem em dois planejamentos distintos, ambos realizados pelo Controlador de Segurança da Área de Retaguarda, os planos de defesa da área de retaguarda e de controle de danos complementam-se nas providências a serem tomadas, uma vez que a finalidade de ambos é a preservação das unidades, das instalações, das atividades de apoio logístico a das vias de transporte na área de retaguarda.
- e. As atividades principais na área de retaguarda são as de comando e controle e de apoio logístico. A finalidade da segurança da área de retaguarda é evitar ou minorar a interferência do inimigo nessas atividades e os efeitos de um evento destruidor ou os de uma catástrofe da natureza.

2. Defesa da Área de Retaguarda

- a. A defesa da área de retaguarda é um conjunto de medidas e de ações executadas nos diversos escalões da força terrestre, visando a assegurar a normalidade no desempenho das atividades dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, além dos elementos de comando e controle localizados nas respectivas áreas de retaguarda.
- b. A possibilidade de realização, pelo inimigo, de operações aeroterrestres, aeromóveis, de guerrilha ou de infiltração apresenta uma ameaça permanente para o comandante da área de retaguarda. O emprego com êxito, pelo inimigo, de tais ações pode ter um efeito desmoralizante e decisivo sobre uma força despreparada e interromper a continuidade de seu apoio logístico.
- c. Devem ser preparados planos para a defesa da área de retaguarda, a fim de conter a ameaça inimiga. Informações precisas e oportunas a respeito das possibilidades do inimigo, inclusive quanto ao emprego de guerrilhas, são considerações importantes na elaboração do plano global. A composição e o valor das forças designadas para missões de defesa da área de retaguarda devem ser baseados na estimativa das possibilidades do inimigo e na missão principal de toda a força. Além disso, os planos integram todos os meios, incluindo não somente todas as forças amigas na área, mas também as guerrilhas e forças paramilitares amigas que estejam disponíveis. A defesa bem-sucedida

ou a destruição das forças inimigas na área de retaguarda depende da capacidade de as forças amigas reagirem rapidamente e da eficiência das comunicações.

- d. As vias de transporte incluem todos os itinerários (terrestres, aquáticos e aéreos) que ligam a força militar em operações a uma base de operações, e ao longo dos quais os suprimentos e os reforços se movimentam. São as linhas vitais de comunicação da força militar em um Teatro de Operações. Quanto mais longa a via de transporte, mais vulnerável se torna às ações de interdição. A destruição ou a interrupção das vias de transporte prejudicam o cumprimento da missão da força e, portanto, constituem a consideração principal na conduta de operações eficientes de defesa da área de retaguarda.
- e. As forças designadas para a defesa da área de retaguarda devem ter o valor adequado para conter as ameaças inimigas. As forças nela localizadas devem ser empregadas para cooperar na defesa de instalações e vias de transporte. A eficiência da defesa da área de retaguarda exige que cada plano de defesa das instalações contenha a preparação e a realização de ensaios, tendo em vista sua própria defesa e a execução da missão que lhe cabe no plano geral de segurança. A natureza da ameaça pode exigir a localização de forças altamente móveis nessas áreas. Efetiva autoridade de comando, áreas de responsabilidade definidas e comunicações adequadas e seguras devem ser estabelecidas. A localização e a fixação do inimigo são os principais problemas na defesa da área de retaguarda. Isso será melhor conseguido, por meio do controle de áreas favoráveis às ações inimigas, até que ele revele sua localização e seja possível o lançamento de operações para sua destruição.
- f. Devem ser preparados planos para a defesa de áreas e instalações críticas. Deve ser dada prioridade ao emprego das tropas de apoio logístico para a segurança de suas próprias instalações. Uma força de segurança pode ser também disposta em regiões favoráveis, de onde seus elementos possam deslocar-se para bloquear uma ameaça inimiga. Uma vez localizado o inimigo, os elementos da força de defesa da área de retaguarda, não engajados no bloqueio, são reunidos rapidamente, para a ação decisiva de sua destruição. As forças podem agir por iniciativa própria; no entanto, deve ser estabelecido o controle, a fim de assegurar coordenação, logo que a natureza da ameaça seja definida.

3. Controle de Danos

As medidas preventivas e de controle adotadas para reduzir ao mínimo os efeitos dos bombardeios inimigos e para assegurar a continuidade ou o restabelecimento do apoio logístico, após esses bombardeios, constituem o controle de danos. Tais medidas, que são executadas antes, durante e após a ocorrência dos bombardeios, aplicam-se também no caso de graves desastres ou de catástrofes da natureza e incluem o restabelecimento do controle, os primeiros socorros e a evacuação de feridos, o isolamento de áreas perigosas, o combate a incêndio e outras ações.

4. Providências de Comando

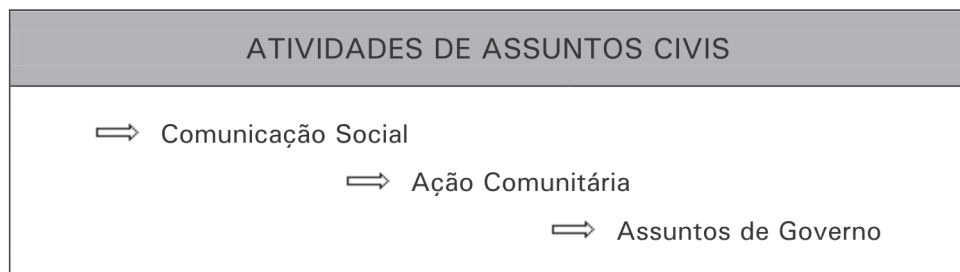
- a. Todos os comandantes são responsáveis pela defesa da área de retaguarda e pelo controle de danos de suas próprias forças e instalações. A responsabilidade total pela segurança da área de retaguarda em uma área específica cabe ao comando designado. É de sua responsabilidade assegurar a integração dos planos de defesa da área de retaguarda e de controle de danos no plano geral de segurança da área de retaguarda. Quando o controle e a coordenação operacionais assim o exigirem, subáreas são estabelecidas no interior da área de retaguarda. Todas as forças localizadas naquelas subáreas são integradas nos planos de segurança da área de retaguarda. Tais planos são coordenados com as forças vizinhas e com o escalão superior.
- b. As atividades de segurança da área de retaguarda e de apoio logístico são realizadas na mesma área geográfica e envolvem as mesmas forças. Uma vez que o emprego de unidades de apoio logístico na segurança da área de retaguarda é um complemento de suas missões de apoio logístico às forças de combate, a forma e a extensão da participação daquelas unidades na referida segurança são decisões do comandante responsável por todas essas atividades correlatas. Assim, um sistema eficaz de segurança da área de retaguarda deve estabelecer:
 - 1) um único comandante, responsável pelas atividades na mesma área geográfica, com o necessário estado-maior e meios de comunicações, que não devem ser temporários, improvisados ou estabelecidos somente depois do ataque;
 - 2) uma definição de responsabilidade geográfica; e

- 3) uma estrutura de controle que evite conflitos entre as organizações responsáveis pela defesa da área de retaguarda, pelo controle de danos e pelo apoio logístico.

Operações de Assuntos Cíveis

1. Generalidades

- a. O campo dos assuntos cíveis engloba as atividades de comunicação social, ação comunitária e assuntos de governo.



- b. Nos estados-maiores de Grandes Comandos e de Grandes Unidades, competem às 5ª Seções o assessoramento, o planejamento e a condução das atividades de assuntos cíveis. As 5ª Seções podem ser reforçadas por equipes de especialistas em assuntos cíveis ou em comunicação social.
- c. O comandante emprega as operações de assuntos cíveis para obter a cooperação e o apoio essenciais dos cíveis, ou para reduzir sua interferência no cumprimento da missão. Tais operações envolvem as relações entre as forças militares e as autoridades cíveis e a população do país ou da área em que as forças são empregadas. As operações de assuntos cíveis podem incluir a execução, pelas forças militares, de algumas ou de todas as funções normalmente desempenhadas pelo governo civil. Essas operações destinam-se a utilizar os recursos disponíveis nas comunidades e reduzir os problemas advindos do movimento de refugiados, das baixas maciças entre a população civil e das exigências legais no sentido de prover a população civil com um mínimo de apoio em suprimentos, proteção e assistência hospitalar.

2. Possibilidades e Limitações

As operações de assuntos civis são empregadas para assegurar a utilização máxima dos recursos locais, inclusive material, instalações e mão-de-obra, dentro dos limites estabelecidos pela política nacional, pelo teatro de operações, pelos acordos internacionais ou pelas leis de guerra. Elas contribuem para a proteção do pessoal, das instalações e das atividades, com o emprego mínimo de forças de combate, por meio de relações amistosas com as autoridades e populações locais, para reduzir a subversão, a espionagem, a sabotagem e a ação de forças irregulares. Tais atividades hostis representam uma ameaça ou um problema importante para as forças legais, quando são apoiadas, ativa ou passivamente, por uma porção significativa da população local. As operações de assuntos civis, por si só, não podem alcançar todos esses objetivos, pois dependem do êxito que tenham as atividades de inteligência e contra-inteligência, das medidas tomadas para a segurança da área de retaguarda e da atitude e do comportamento do pessoal militar, inclusive aliados, em relação à população civil.

3. Comunicação Social

- a. A atividade de comunicação social envolve o campo das relações públicas, das operações psicológicas e das informações públicas. Para maiores informações sobre esses assuntos deverão ser consultados os manuais C 33-1 - OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS e C 45-1 – COMUNICAÇÃO SOCIAL.
- b. O Exército de Campanha é o responsável, por intermédio de sua Seção de Assuntos Civis, pelo planejamento e pela execução das atividades de comunicação social em sua área, de acordo com diretrizes ou outros documentos recebidos do escalão superior.

4. Ação Comunitária

- a. A ação comunitária é uma atividade que visa, em cooperação com as lideranças civis, a estimular o espírito comunitário do cidadão, a fim de preparar a comunidade para se auto-assistir e manter, em qualquer situação, a normalidade da vida comunitária.
- b. A força terrestre tem como instrumentos de ação comunitária a cooperação na instrução e na defesa contra calamidades públicas, a ação cívica e social e as atividades de defesa civil.

5. Assuntos de Governo

- a. Em uma situação de guerra ou comoção interna, devem ser reguladas as relações mantidas pelo comandante militar e suas forças com as autoridades e a população da área submetida à condução de ações pela força terrestre, no que tange à administração local. As atividades são englobadas, para esse fim, em quatro categorias: governamentais, econômicas, de serviços públicos e especiais.
- b. Todas as decisões são tomadas de sorte a modificar o mínimo possível as condições de vida da população, ou mesmo a melhorá-las, apoiando e assegurando o livre funcionamento da administração e dos serviços locais.

6. Apoio às Operações de Forças Especiais

Nos estágios mais avançados dessas operações, o pessoal de assuntos civis pode ser introduzido na área, em apoio ao pessoal de forças especiais na condução das relações entre civis e militares. À medida que as forças amigas assumem o controle da área, o pessoal de assuntos civis auxilia na busca de suprimentos locais e instalações, no recrutamento de pessoal, na desmobilização e na reabilitação de ex-guerrilheiros e na preparação da população local para o estabelecimento de um governo próprio. O pessoal de assuntos civis colabora com os órgãos de inteligência na coleta de informes.

Operações de Guerra Eletrônica

1. Generalidades

- a. As operações de guerra eletrônica constituem a parte do emprego militar da eletrônica que envolve as ações realizadas para eliminar ou reduzir a eficiência do uso do espectro eletromagnético por parte do inimigo e as ações realizadas para assegurar a eficiência do emprego daquele espectro pelas forças amigas.
- b. As operações de guerra eletrônica são parte integrante das operações militares. Podem reduzir a capacidade de comando e controle dos

comandantes inimigos, pelo enfraquecimento ou até pelo total silêncio dos seus meios de comunicações rádio em momentos críticos, e podem iludir o inimigo com a transmissão de mensagens falsas.

- c. As ações de guerra eletrônica devem ser conduzidas e controladas por um escalão capaz de avaliar os benefícios que podem gerar e suas possíveis interferências nos sistemas eletrônicos amigos. Os benefícios, a longo prazo, derivados das informações obtidas pelas medidas eletrônicas de apoio, podem sobrepujar as vantagens táticas imediatas das interferências nas comunicações do inimigo. É necessária íntima coordenação entre as atividades de inteligência e as ações de guerra eletrônica.

2. Conduta das Operações

- a. O comandante emprega as atividades de guerra eletrônica em apoio às operações de combate, utilizando contramedidas eletrônicas, contra-contramedidas eletrônicas e medidas eletrônicas de apoio. As contra-contramedidas eletrônicas facilitam o emprego dos sistemas eletrônicos amigos e reduzem sua vulnerabilidade à interferência inimiga. As contramedidas ativas incluem a interferência ou a dissimulação dos mísseis dirigidos eletronicamente, das comunicações rádio, dos radares contramorteiros, dos radares de vigilância e de busca de alvos, dos auxílios à navegação e de outros sistemas eletrônicos. Já as medidas eletrônicas de apoio fornecem dados sobre as características, conteúdo e origem das emissões eletromagnéticas do inimigo. O crescente emprego dos equipamentos eletrônicos nas comunicações exige uma maior proteção dos sistemas de comunicações e eletrônicos amigos e efetiva interferência nos sistemas do inimigo.
- b. Os comandos de todos os escalões devem ser alertados no sentido de que, quanto mais precisas e detalhadas forem as ordens dadas com antecedência a subordinados, menor será a necessidade de utilização de meios eletrônicos para a coordenação e controle durante o combate e, em consequência, menores serão as vulnerabilidades da operação, como um todo, às ações de guerra eletrônica do inimigo. Ao mesmo tempo, será maior a liberdade de ação para atuar ofensivamente no espectro eletromagnético contra as forças inimigas.

Operações Aeroterrestres

1. Generalidades

- a. Operação aeroterrestre é aquela que envolve o movimento aéreo e a introdução, em uma área de objetivo, de forças de combate e dos respectivos apoios, para a execução de missão tática ou estratégica. Ela tem início mediante ordem do comandante que estabeleceu a força aeroterrestre (combinada ou conjunta), e a decisão para o encerramento da operação é da responsabilidade do comandante da força combinada ou conjunta ou do comandante que a estabeleceu.
- b. Força aeroterrestre é uma força combinada, conjunta ou força-tarefa combinada, organizada pelo Comando Supremo ou pelo Comandante do TOT, para a execução de operações aeroterrestres, compreendendo, normalmente, unidades de transporte de tropa da força aérea e unidades terrestres (paraquedistas e/ou aerotransportadas).

2. Conceitos de Emprego

- a. A flexibilidade das forças aeroterrestres permite uma grande amplitude de opções na seleção de rotas de aproximação e de áreas onde essas forças serão empregadas.
- b. A capacidade de as forças aeroterrestres serem transportadas rapidamente e a de serem lançadas ou desembarcadas no objetivo ou em suas proximidades possibilita a obtenção da surpresa e facilita a concentração do poder de combate.
- c. A existência de forças aeroterrestres constitui uma ameaça que afeta as possibilidades do inimigo, obrigando-o a preocupar-se com a proteção de instalações vitais em suas áreas de retaguarda, assim como em sua zona de combate.
- d. Entre as condições que concorrem para o sucesso de uma operação aeroterrestre destaca-se a conquista da superioridade aérea, não somente local e momentânea na área do objetivo, mas ao longo das rotas de aproximação das aeronaves e nas áreas de aprestamento.
- e. Logo após sua introdução na cabeça-de-ponte aérea, a força aeroterrestre é particularmente vulnerável à ação de blindados. Quando existir tal ameaça, armas anticarro devem acompanhar as forças de assalto. Para

se contrapor à ação dos blindados, a força aeroterrestre conta com o apoio aerotático, juntamente com sua potência de fogo orgânica.

3. Considerações sobre as Operações

- a. Considerações estratégicas - Forças aeroterrestres situadas no território nacional são mantidas como parte da reserva estratégica, em condições de rápido emprego. Essas forças podem ser rapidamente levadas para áreas e bases avançadas de onde poderão ser empregadas. O aproveitamento da mobilidade estratégica das forças aeroterrestres depende diretamente da disponibilidade de aeronaves de longo alcance. O transporte por aeronaves de longo alcance permite oportunos deslocamentos dessas forças nos teatros e entre eles, para execução de operações de guerra. O armazenamento de suprimentos e de equipamentos, destinados ao lançamento (paraquedas, plataformas e outros meios) nas proximidades das áreas de futuro emprego, aumenta a mobilidade estratégica, reduzindo a necessidade de transporte aéreo de longo alcance.
- b. Nível estratégico-operacional - As forças aeroterrestres são particularmente aptas para a ação em profundidade no campo de batalha, realizando o envolvimento vertical das forças inimigas e visando à conquista e à manutenção de objetivos que contribuam para o cerco das forças inimigas ou para a interdição do campo de batalha.
- c. Fases da operação - O planejamento, a preparação e a execução de uma operação aeroterrestre desenvolvem-se em quatro fases: montagem, movimento aéreo, assalto e operações subsequentes. Normalmente, as ações de combate propriamente ditas têm início com o assalto aeroterrestre para conquistar os objetivos iniciais. A força aeroterrestre, então, consolida os objetivos e executa, em seguida, operações ofensivas, defensivas, de junção ou de retraimento. A cabeça-de-ponte aérea pode não coincidir com os objetivos iniciais; neste caso, após o assalto aeroterrestre, a força terá que realizar uma operação ofensiva (marcha para o combate, infiltração etc.) para conquistar os objetivos finais da operação. A fase ofensiva, se empreendida, é iniciada imediatamente após o assalto.
- d. Organização da força aeroterrestre - O comandante do TOT pode organizar uma força-tarefa combinada aeroterrestre para uma operação específica, determinando que a operação seja conduzida pela integração

de uma força singular a outra. A autoridade que determina a integração define a finalidade da operação ou a missão, o efetivo, a data e a duração da integração e a extensão da autoridade a ser exercida pelo comandante da unidade que recebeu elementos de outra força singular.

4. Planejamento e Execução

- a. O planejamento de uma operação aeroterrestre é normalmente iniciado no escalão TOT. Ele começa com uma visualização das operações na área do objetivo, em uma sequência inversa da ordem de execução.
- b. Uma operação aeroterrestre exige dados a respeito da disponibilidade em transporte aéreo, da capacidade das aeronaves e das áreas de partida; medidas especiais para salvaguardar a segurança da operação; e informações de combate, particularmente sobre o inimigo na área do objetivo, as áreas de desembarque e as condições meteorológicas. A partir do momento em que a operação é decidida, e até que seja desencadeada ou cancelada, deve ser mantida a mais estreita coordenação entre os escalões paralelos das unidades da F Ter e da Força Aérea.
- c. Os planos para as operações aeroterrestres incluem: o plano tático terrestre, o plano de desembarque, o plano de movimento aéreo e o plano de concentração e aprestamento.
- d. O assunto pode ser consultado no manual de campanha C 57-1 - OPERAÇÕES AEROTERRESTRES.

Operações Aeromóveis

1. Generalidades

- a. Operação aeromóvel é aquela na qual forças de combate com seu equipamento deslocam-se em aeronaves de asa rotativa, nas proximidades da área de combate, sob o controle do comandante da força terrestre, para engajar-se no combate terrestre.
- b. As operações aeromóveis caracterizam-se pelo deslocamento rápido de forças de combate, de modo praticamente independente dos

obstáculos intermediários. As operações aeromóveis são executadas por Forças Tarefas Aeromóveis, constituídas por tropas de combate, normalmente de infantaria leve e unidades da Aviação do Exército.

- c. As IP 90-1 - OPERAÇÕES AEROMÓVEIS tratam do assunto com mais detalhes.

2. Conceitos de Emprego

- a. As operações aeromóveis são normalmente utilizadas para a conquista de objetivos críticos, em áreas fracamente defendidas ou não ocupadas pelo inimigo, a fim de assegurar uma vantagem tática importante, explorar os efeitos de armas de destruição em massa, flanquear posições inimigas, cumprir missões de reconhecimento, vigilância de combate e segurança ou executar incursões. A principal operação aeromóvel é o assalto aeromóvel.
- b. As forças aeromóveis são particularmente aptas para ações profundas no campo de batalha, executando o envolvimento vertical das posições inimigas e conquistando e mantendo objetivos em profundidade que contribuam para o isolamento do campo de batalha ou para o cerco do inimigo fixado por ataques terrestres.
- c. A composição de uma FT Amv é função da missão. A força deve englobar um elemento de combate terrestre e um aéreo; também pode contar com um ou mais elementos de apoio, tais como: apoio de fogo, reconhecimento, engenharia e quaisquer dos vários elementos de apoio logístico. Em virtude de suas características, seu elemento de manobra é, normalmente, a infantaria leve.
- d. Nas operações ofensivas, as tropas com o respectivo apoio de fogo podem ser rapidamente deslocadas para obter uma vantagem tática ou para fazer face a um ataque inimigo.
- e. Nas operações defensivas, as forças necessárias na área de defesa avançada podem ser reduzidas pela existência de forças aeromóveis, em áreas dispersas, destinadas ao deslocamento oportuno para as áreas críticas.
- f. As operações aeromóveis são sensíveis às condições meteorológicas adversas. O comandante terrestre deve conhecer seus efeitos sobre as operações, que somente deixam de ser desencadeadas nas mais severas e impeditivas dessas condições. As condições meteorológicas que

afetam as operações aeromóveis incluem a altitude, a pressão, o vento, a visibilidade, a turbulência e a luminosidade.

3. Controle das Unidades Aéreas

- a. Em virtude da grande demanda de meios aéreos em todo o âmbito do exército de campanha, as unidades da Aviação do Exército são por ele alocadas, normalmente, pelo menor tempo possível.
- b. As unidades aéreas, para as operações aeromóveis executadas pelas divisões e brigadas, são geralmente fornecidas pelos escalões superiores, sob a forma de controle operacional.
- c. O controle das unidades da Aviação do Exército, inclusive no movimento aéreo, é, via de regra, atribuído ao escalão responsável pelo conjunto da operação, em coordenação com o Sistema de Controle Aerotático. A unidade aérea que opera com a divisão ou brigada nas operações aeromóveis pode ser colocada sob controle operacional de seus elementos subordinados, conforme necessário.

4. Considerações sobre as Operações

- a. Considerações táticas - As operações aeromóveis são normalmente executadas em áreas fracamente defendidas, devido à vulnerabilidade dos helicópteros aos fogos terrestres do inimigo. Elas também podem ser conduzidas em áreas ocupadas por forças inimigas bem organizadas, desde que precedidas por bombardeios aéreos de neutralização ou intensos fogos de artilharia de campanha. Medidas de guerra eletrônica devem ser empregadas contra os sistemas de comando e controle das armas de defesa aérea e antiaérea e radares inimigos que possam interferir na operação.
- b. Características - A surpresa, a flexibilidade, a manobra, a oportunidade e a velocidade para vencer rapidamente grandes distâncias e ultrapassar obstáculos do terreno constituem características comuns às operações aeromóveis.
- c. Disponibilidade dos meios aéreos - A disponibilidade dos meios aéreos é uma consideração muito importante nas operações aeromóveis. É diretamente influenciada pela adequação e eficiência da manutenção e do suprimento, pelas normas de utilização e programação do material aéreo, bem como pela distância das unidades aéreas às unidades apoiadas.

5. Planejamento e Execução

- a. As normas de planejamento para as operações aeromóveis são semelhantes às das operações aeroterrestres. Entretanto, as operações aeromóveis exigem menor tempo e menos detalhes para o planejamento, devido ao seu vulto, à sua estrutura simplificada de comando e à sua finalidade.
- b. O planejamento de uma operação aeromóvel desenvolve-se na ordem inversa de sua execução. Os planos incluem: o plano tático terrestre, o plano de desembarque, o plano de movimento aéreo e o plano de aprestamento.

6. Assalto Aeromóvel

- a. No assalto aeromóvel, as unidades podem desembarcar sobre os objetivos iniciais ou nas vizinhanças imediatas, ou, ainda, após o desembarque, a reunião e a reorganização, realizar um ataque para a conquista dos objetivos iniciais. Sempre que possível, deve ser usada a primeira modalidade de assalto, reservando-se a segunda à situação em que o terreno e o inimigo não permitem o desembarque sobre os objetivos iniciais, ou nas vizinhanças imediatas.
- b. Na defesa da área do objetivo, emprega-se a defesa circular, consumada por meio: da organização e ocupação de posições ao longo da orla anterior da área do objetivo, de modo a cobrir as principais vias de acesso à posição; da vigilância do terreno não ocupado, entre os locais defendidos, por meio da observação, de pontos de escuta e de sensores; do emprego do fogo, de minas e de obstáculos naturais e artificiais, inclusive para o apoio às forças de segurança; do contínuo patrulhamento; e da manutenção de uma reserva com o máximo de mobilidade possível.
- c. Um retraimento pode ser executado tanto sob pressão do inimigo, como sem pressão. Nas operações aeromóveis, o retraimento é denominado resgate. Qualquer que seja o motivo, um plano de resgate abrange o retraimento prévio da força aeromóvel de suas posições para as zonas de embarque. Como nas demais operações de retraimento, as forças tornam-se vulneráveis ao ataque inimigo e todas as precauções são tomadas para sua cobertura e embarque, com um plano de fogos e forças de segurança.



Apoio Logístico nos Grandes Comandos e Grandes Unidades

Introdução

- a. O presente capítulo tem por finalidade estabelecer a orientação e os fundamentos doutrinários do apoio logístico (Ap Log) nos escalões dos Grandes Comandos Operacionais da Força Terrestre (FTTOT, Ex Cmp), Divisão de Exército (DE) e Brigada (Bda). Abrange o planejamento, a integração, a execução e o controle das atividades e tarefas relativas às funções Logísticas.
- b. Os planejamentos Logísticos devem ter como premissa básica a sua factibilidade, fundamentada na existência de meios desde o tempo de paz ou passíveis de mobilização, dentro das condições de tempo e espaço delimitados nesse planejamento. Os procedimentos de cada elemento com responsabilidade no apoio logístico são regulados pelos manuais específicos e pelas normas gerais de ação dos Grandes Comandos, Grandes Unidades e Unidades.

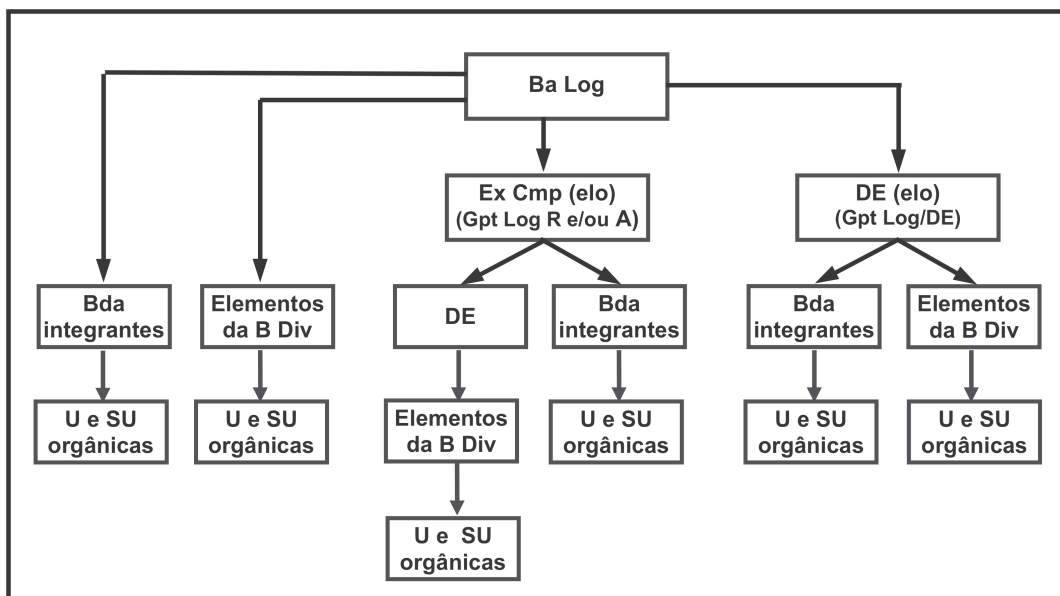
Estrutura do Apoio Logístico na FTTOT e no Exército de Campanha

1. Generalidades

a. Para a execução de sua missão, o B Log será apoiado na Zona de Combate (ZC) pelos seguintes elementos:

- 1) diretamente pela Base Logística (Ba Log), quando não houver o desdobramento de Grupamento(s) Logístico(s) (Gpt Log) na ZC;
- 2) pelo Gpt Log/DE, quando a DE que integra for elo na cadeia de apoio logístico; ou
- 3) por meio do Grupamento Logístico Recuado (Gpt Log R) e/ou do Grupamento Logístico Avançado (Gpt Log A) do Exército de Campanha, quando este for elo.

b. Estruturação esquemática da cadeia de apoio logístico na ZC



Cadeia de apoio logístico na ZC.

2. Base Logística

a. As Ba Log são responsáveis pela execução do apoio logístico no TOT e são diretamente subordinadas à RMTOT. Desdobram-se na ZA, e serão compostas pelas OMDS/RM, OM logística de outras áreas, militares mobilizados, pessoal, material, recursos e instalações civis também mobilizados.

- b. Sendo ou não ativado o Ex Cmp, as GU e Cmdo DE serão apoiados diretamente pela Ba Log (R ou A). Idem se o TOT/FTTOT estiver atuando com DE diretamente subordinada. Em princípio, se as operações exigirem, o Ex Cmp ou DE/TOT poderá receber Gpt Log como GU diretamente subordinada. O número de Gpt Log, o volume e a complexidade do apoio é que definirão a conveniência de ativação do CLEx ou CLDE para enquadrá-los.
- c. A quantidade de Ba Log, sua composição e o valor das OM logísticas e outras enquadradas, serão função das necessidades das operações. Será priorizada a utilização de pessoal civil e recursos locais, ficando o pessoal e material militares para o cumprimento de missões na ZC.

1) Tipos de Bases Logísticas

- a) Base Logística Recuada (Ba Log R)
- b) Base Logística Avançada (Ba Log A)

2) Localização de uma Base Logística

A localização do comando e das instalações de uma Ba Log deve, em princípio, estar eixada com a ação principal, ter facilidade de ligação com a ZI e com os elementos a apoiar, aproveitar a estrutura militar existente desde o tempo de paz (Cmdo RM, OM Log, Dep Regionais, etc) e os recursos locais (Sup, Pes e Instl) e buscar centros político-administrativos de expressão.

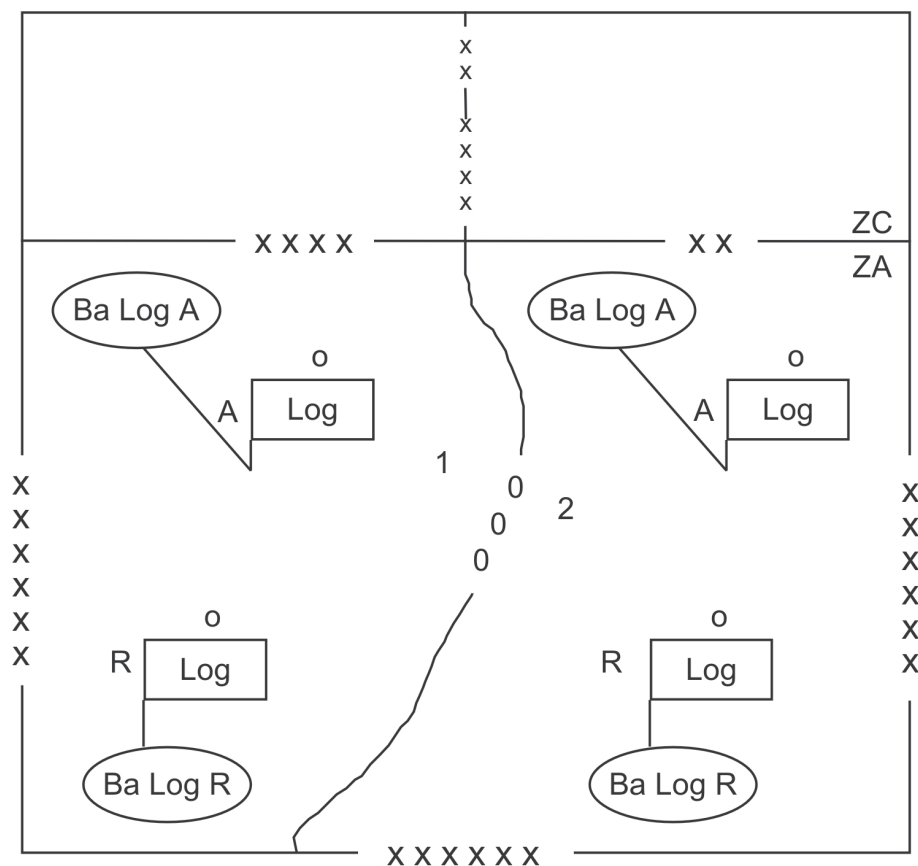
No caso de necessidade de desdobramento de Ba Log R e Ba Log A, a primeira deve estar localizada na parte mais à retaguarda da ZA e a segunda, na posição mais avançada, proporcionando apoio cerrado aos elementos da ZC.

3) Composição básica de uma Ba Log

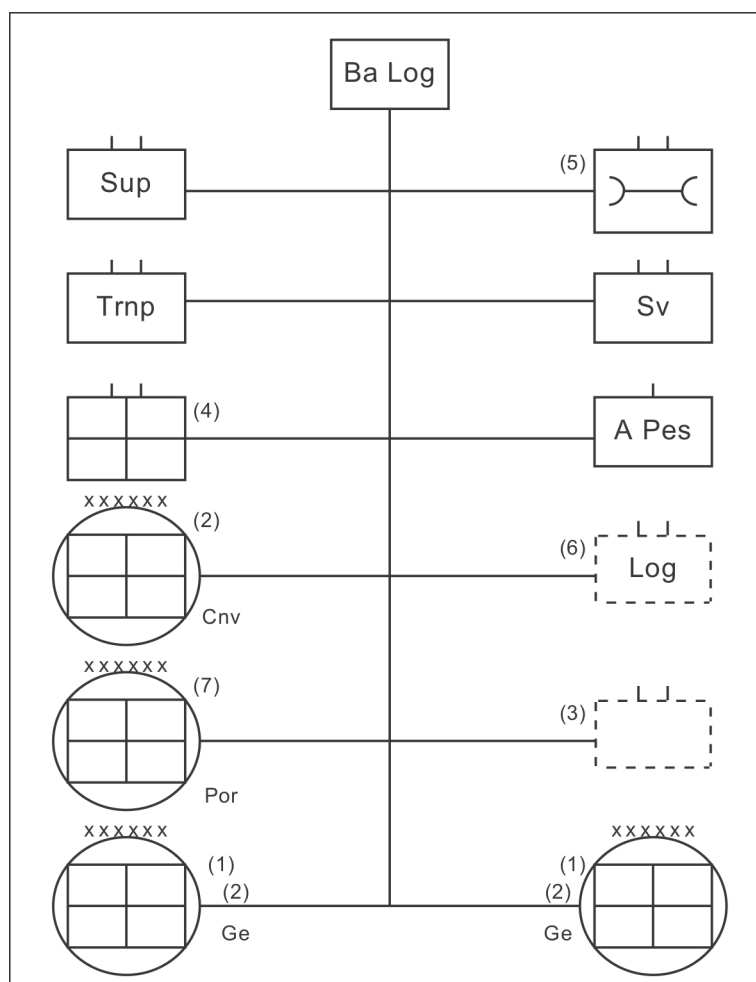
A composição básica de uma Ba Log é função dos meios militares e civis mobilizados da RM ou oriundos da ZI, devendo dispor, a princípio, dos seguintes meios:

- 1) Batalhão de Suprimento;
- 2) Batalhão de Manutenção;
- 3) Batalhão de Transporte;
- 4) Batalhão de Serviços;
- 5) Companhia de Assistência ao Pessoal;

- 6) Batalhão de Saúde;
- 7) Hospital de Convalescentes;
- 8) Hospital Portátil de RMTOT;
- 9) Hospital Geral;
- 10) OM Cmb, valor B I Mtz ou R C Mec; e
- 11) outras OM Log que se fizerem necessárias.



Tipos de Ba Log (Esquemático).



Composição Básica de uma Ba Log.

Observações:

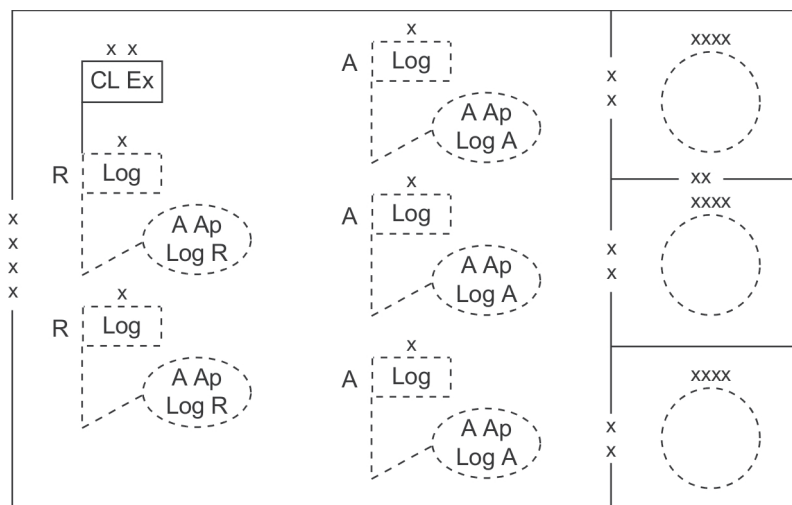
- (1) Em número variável, por evolução dos H Ge, H Gu e Policlínicas Militares de tempo de paz, enquadra Laboratórios Médicos Gerais, Banco de Sangue, Equipes Técnicas Especializadas e Centros Odontológicos.
- (2) O Hospital utilizar-se-á preferencialmente de instalações hospitalares militares existentes desde o tempo de paz e O C S mobilizadas.
- (3) U Cmb, valor B I Mtz ou R C Mec em número variável, conforme as necessidades de segurança das instalações logísticas da Ba Log.
- (4) Enquadra um número variável de Cia S (as Cia S enquadram um número variável de Pel Trg, Pel Amb, Pel Pad, Pel San, Pel Rtn Ev, Pel Vet, de acordo com as necessidades e as possibilidades de mobilização).
- (5) Por evolução do(s) Pq R Mnt e/ou Arsenal(is). Ideal existir desde o tempo de paz.
- (6) Outras OM Logísticas que se fizerem necessárias e em número variável.
- (7) Para operações especiais

- 4) As OM que executam as tarefas e passos da atividade de pessoal (recursos humanos) da F Ter na ZA são:

- Batalhão de Serviços (B Sv): serviços de sepultamento, lavanderia e mão-de-obra;
 - Companhia de Assistência ao Pessoal (Cia A Pes): proporcionar programas recreativos, repouso/recuperação/recreação, serviço postal e suprimento reembolsável;
 - Centro de Recompletamento: a planejar e executar os passos da tarefa de recompletamento em proveito do TOT; e
 - Batalhão de Recompletamento: elemento básico do sistema de recompletamento na ZA e destina-se a realizar o recompletamento das F Ter no TOT.
- 5) De um modo geral, são as seguintes, as organizações de saúde da ZA:
- Hospital Geral (H Ge) - prover hospitalização para tratamento definitivo e especializado de baixas provenientes da ZC;
 - Hospital de Convalescentes (H Cnv) - prover cuidados de convalescença e recuperação física para baixas provenientes dos hospitais do Ex Cmp e de outras instalações de saúde da ZC ou ZA; e
 - Hospitais Portáteis (H Por) - embora não sejam normalmente desdobrados na ZA, os H Por têm por missão prover recursos cirúrgicos e hospitalares a uma Brigada ou Destacamento, em missões específicas ou isoladas.
- 6) O Batalhão de Transporte (B Trnp) tem por missão executar a atividade de transporte rodoviário na ZA, conduzindo material e pessoal e constituindo-se a partir dos meios existentes, complementados com meios de transporte civis mobilizados.
- 7) Na ZA, são realizadas todas as categorias e escalões de manutenção, com predominância para os 4º e 5º escalões de manutenção. O Batalhão de Manutenção será constituído por evolução de OM de Mnt (Pq R Mnt, Arsenais, outros) e, ainda, por meio da complementação de meios e materiais transferidos de outros Parques Regionais e por mobilização de elementos civis. O ideal é que os B Mnt existam desde o tempo de paz nas RM que poderão evoluir para RMTOT como já ocorre com os B Sup.

3. Grupamento Logístico

- a. A existência, a constituição e o número de Gpt Log são decorrentes das necessidades logísticas determinadas pelos planejamentos operacionais e orientados pelo princípio da flexibilidade, o que lhes permite ampla capacidade para enquadrar novos elementos, variar a composição de seus elementos e centralizar ou descentralizar o apoio.
- b. Em princípio, sua dosagem básica inicial é de 1 (um) Gpt Log em apoio à DE que estiver realizando a Aç Ofs principal na manobra estratégica operacional do Ex Cmp. Poderá desdobrar-se em território inimigo e, conforme a necessidade, poderá desdobrar Gpt Log R e Gpt Log A.
- c. Excepcionalmente, à medida que o engajamento e o vulto das operações do Ex Cmp exigirem, poderão ser desdobrados outros Gpt Log A, limitando-se ao máximo de 1 (um) Gpt Log A para cada Divisão de Exército empregada.
- d. São condicionantes da adoção dos grupamentos logísticos os planejamentos operacionais existentes, a rede viária, a missão dos elementos de apoio, a SEGAR e a funcionalidade do apoio logístico.
- e. As unidades, subunidades e equipes de maior mobilidade são reunidas, em princípio, nos grupamentos logísticos avançados, que se desdobram em apoio às grandes unidades de primeiro escalão.
- f. As unidades e subunidades de menor mobilidade são reunidas e desdobradas no(s) grupamento(s) logístico(s) recuado(s), cuja missão é apoiar o exército de campanha como um todo. Quando não for possível apoiar como um todo poderá ser aberto um outro Gpt Log R.
- g. Quando a situação exigir um desdobramento completo dos meios de apoio logístico, na área de retaguarda do exército de campanha, estarão estabelecidos (Figura a seguir):
 - 1) um a dois Gpt Log R;
 - 2) número variável de grupamentos logísticos avançados; e
 - 3) número variável de P Sup Avçd.



Desdobramento Logístico Esquemático (estágio final).

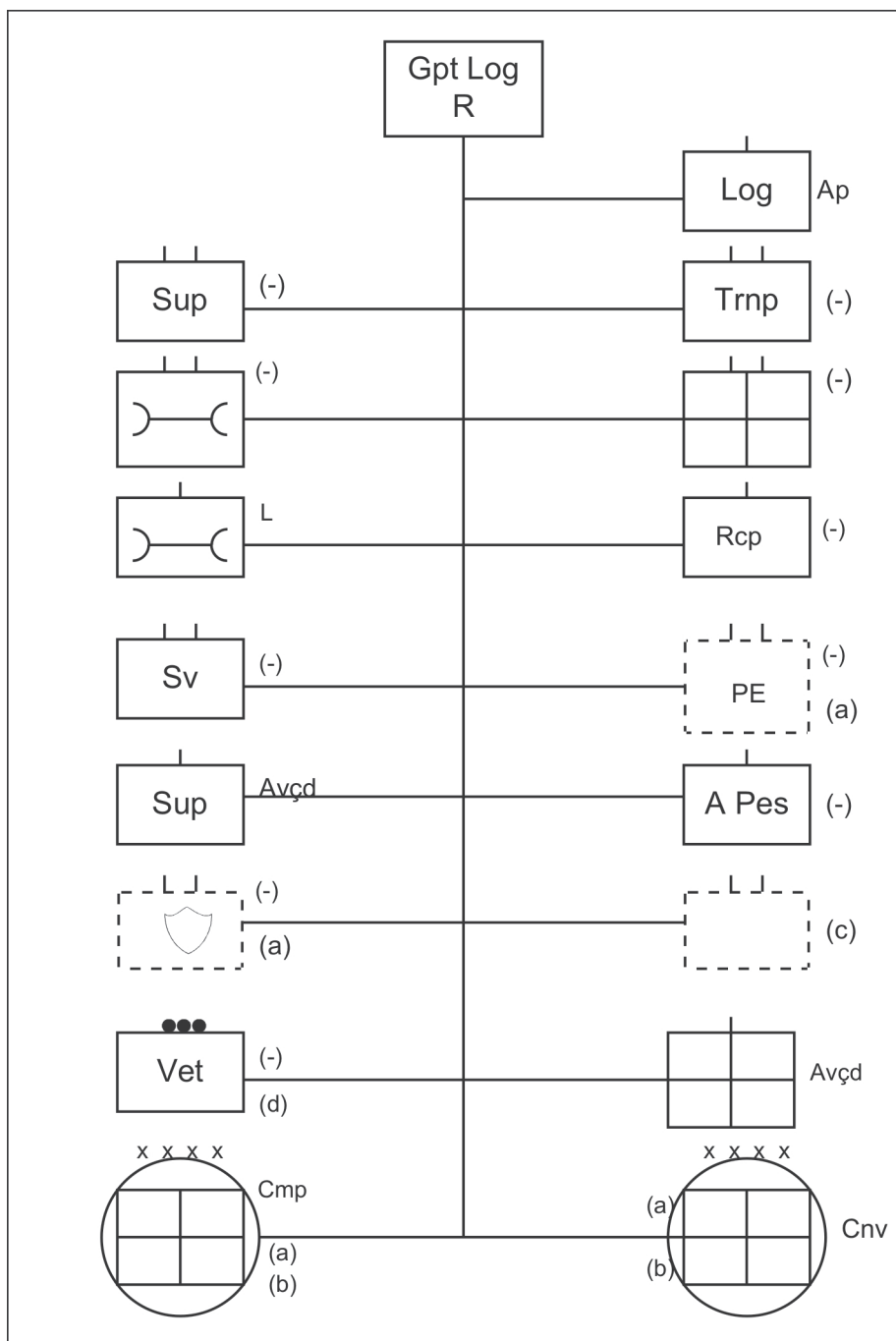
h. Constituição básica do Gpt Log R

1) Comando - Comando e Companhia de Apoio do Gpt Log

2) Logística:

- Batalhão de Suprimento (exceto as Cia de suprimento avançadas destacadas);
- Batalhão de Manutenção (exceto as companhias leves de manutenção destacadas);
- Batalhão de Transporte (exceto as companhias de transporte destacadas);
- Batalhão de Saúde (exceto as Cia de saúde avançadas destacadas), enquadra Cia de saúde avançadas e recuadas e o Pelotão de Veterinária (exceto as equipes destacadas);
- Batalhão de Serviços (exceto as companhias de serviços destacadas);
- Batalhão de Repletamento (exceto as Cia de repletamento destacadas);
- equipes postais central e distribuidoras (orgânicas da Companhia de Assistência ao Pessoal, exceto as equipes postais destacadas);
- companhia de assistência ao pessoal (exceto os pelotões de assistência ao pessoal, os de suprimento reembolsável e demais elementos destacados); e
- instalações de saúde (hospital de convalescentes, laboratórios, hospital de campanha).

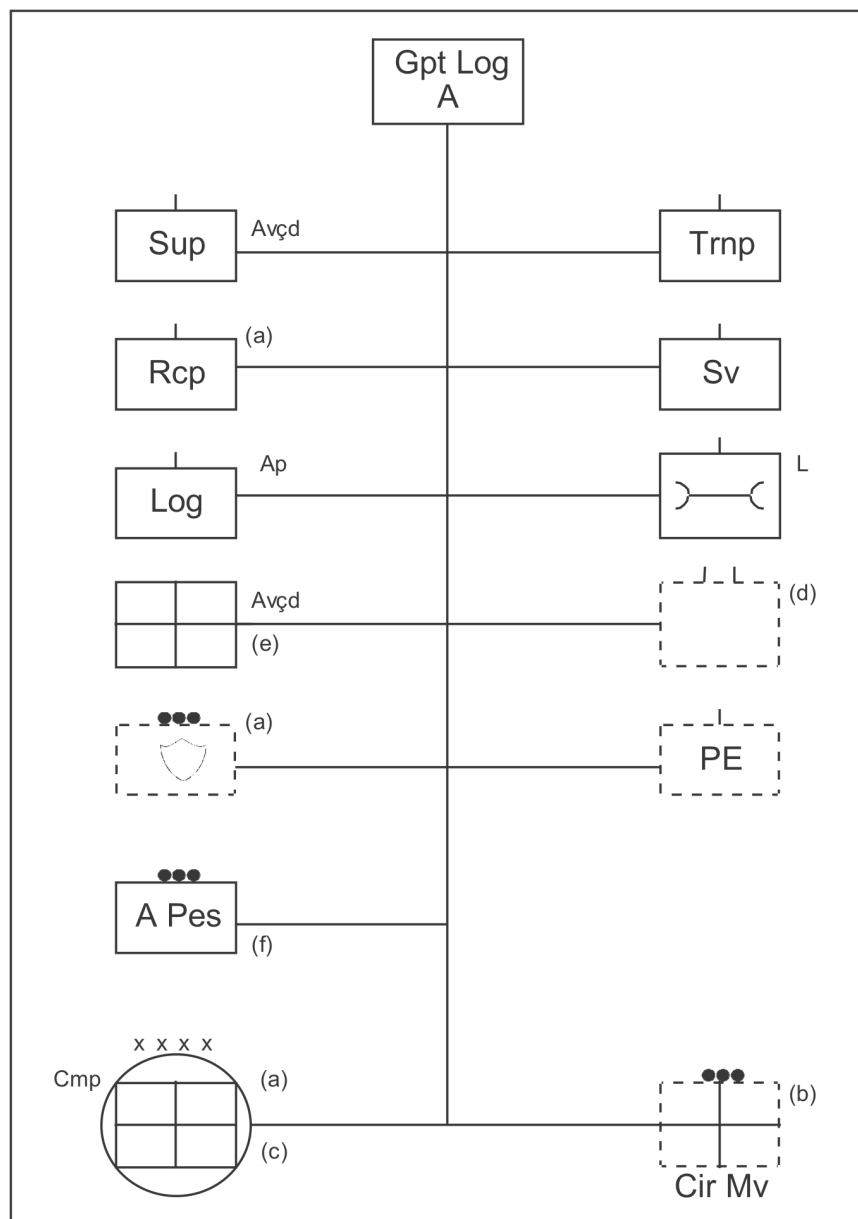
- 3) Elementos de DEFAR - unidades de valor B I Mtz ou R C Mec em número variável, conforme as necessidades de DEFAR.
 - 4) Além destes, podem ser localizados na área de apoio logístico recuada os seguintes elementos, que não lhe são operacionalmente subordinados:
 - Batalhão de polícia do exército (exceto as Cia de polícia do exército destacadas);
 - Seção de justiça militar;
 - Banda; e
 - Batalhão de assuntos civis (exceto as frações e Eq de assuntos civis destacadas).
- i. Constituição básica de um Gpt Log A
- 1) Comando - Comando e Companhia de Apoio de Grupamento Logístico.
 - 2) Logística:
 - Cia Sup Avçd do Batalhão de Suprimento;
 - Cia L Mnt do Batalhão de Manutenção;
 - Cia Sau Avçd do Batalhão de Saúde;
 - Cia Trnp do Batalhão de Transporte;
 - 01 (um) Pel Cir Mv por grande unidade de 1º escalão;
 - 01 (um) Hospital de Campanha;
 - Elm do Pel Vet, particularmente Eqp de inspeção de alimentos (enquadrados pela Cia Sau Avçd);
 - 01 (uma) Cia de Serviços do Batalhão de Serviços;
 - 01 (um) Pel Sup Reembolsável da Cia de Assistência ao Pessoal;
 - 01 (uma) equipe postal distribuidora da Companhia de Assistência ao Pessoal (enquadrada pelo Pel A Pes);
 - 01 (um) pelotão de assistência ao pessoal da Companhia de Assistência ao Pessoal; e
 - 01 (uma) Cia de re completamento do Batalhão de Re completamento.



Estrutura Básica de um Gpt Log R.

Observações:

- (a) Não necessariamente desdobradas na A Ap Log
- (b) O Hospital utilizar-se-á preferencialmente de instalações hospitalares militares existentes desde o tempo de paz nas áreas de provável emprego.
- (c) U Cmb, valor B I Mtz ou R C Mec em Nr variável, conforme as necessidades de DEFAR, com prioridade para a segurança das atividades logísticas.
- (d) É enquadrado pela Cia Sau R do B Sau.



Estrutura Básica de um Gpt Log A.

Observações:

- (a) Não necessariamente desdobrado (a) na A Ap Log A.
- (b) Elm de Sau constituídos por um Pel Cir Mv por GU.
- (c) O H Cmp utilizar-se-á, preferencialmente, de instalações hospitalares militares existentes desde o tempo de paz na área de provável emprego. Em caso de necessidade poderá mobilizar organização hospitalar civil da ZC. Enquadra os Pel Cir Mv das GU.
- (d) U de Cmb de valor B I Mtz/Cia Inf Mtz ou R C Mec/Esqd C Mec, em número variável, conforme as necessidades de DEFAR, com prioridade para a segurança das atividades logísticas.
- (e) Enquadra Elm Pel Vet, particularmente Eqp de inspeção de alimentos.
- (f) Enquadra Eqp Mv do Pel Ree da Cia A Pes (para instalar e operar cantinas móveis).

Estrutura do Apoio Logístico na Divisão de Exército e na Brigada

1. Responsabilidades da Divisão de Exército Não-Elo na Cadeia de Apoio Logístico às Brigadas

Quando a Divisão de Exército não é elo na cadeia de apoio logístico, suas responsabilidades logísticas referem-se aos elementos da Base Divisionária. Para as Brigadas que a integram, limitam-se à coordenação do desdobramento logístico e ao estabelecimento de prioridades.

2. A Divisão de Exército Elo na Cadeia de Apoio Logístico às Brigadas

- a. Quando a Divisão de Exército for elo na cadeia de apoio logístico, o escalão superior constituirá um Grupamento Logístico (Gpt Log) com os meios adequados ao cumprimento da missão prevista para essa DE e o integrará a esse G Cmdo, capacitando-o a realizar o apoio logístico a todos os seus elementos integrantes, àqueles desdobrados na sua área de jurisdição e àqueles que por ela transitem.
- b. O Gpt Log será constituído de forma modular, a princípio com base em subunidades logísticas destacadas de uma Base Logística ou de um Grupamento Logístico Recuado (Gpt Log R) e, para fins de identificação, receberá o número da DE que apóia, como por exemplo: o Gpt Log que apóia a 15ª DE será identificado como “15º Gpt Log”.
- c. A DE receberá um Comando Logístico de Divisão de Exército (CLDE), o qual ficará diretamente responsável pela realização do apoio logístico.

3. Responsabilidades de Comando

O comandante de qualquer escalão é responsável pelo apoio logístico a seus elementos orgânicos e/ou em reforço. Especificamente, é responsável pelo planejamento e condução das operações de apoio logístico, em estreita coordenação com o planejamento e a condução das operações de combate, e pela utilização econômica e conservação de todos os recursos.

4. Atribuições do Comandante do Batalhão Logístico

- a. É o responsável pela execução do apoio logístico.
- b. Além de exercer o controle técnico das subunidades orgânicas, dirige o emprego de outros elementos que estejam reforçando ou sob controle operacional de sua unidade.
- c. Em coordenação com o estado-maior geral, organiza o movimento do Batalhão e seu desdobramento, de acordo com os planos táticos e as necessidades de apoio logístico.
- d. Assessora o E4 e os demais elementos do estado-maior geral nos assuntos de Logística, quando solicitado.

5. Funções Logísticas

- a. As funções logísticas, exceto engenharia e salvamento, são desempenhadas, basicamente, pelas subunidades do Batalhão Logístico. Deste modo, o comandante do Batalhão tem como assessores, para cada função logística, os comandantes e oficiais especializados das subunidades subordinadas.
- b. Elementos executantes das funções logísticas
 - 1) Companhia Logística de Suprimento;
 - 2) Companhia Logística de Saúde;
 - 3) Companhia Logística de Manutenção; e
 - 4) Companhia Logística de Pessoal (Recursos Humanos).
- c. As subunidades do B Log poderão ter sua organização alterada em função da situação, das necessidades, das disponibilidades e dos diversos tipos de Bda.
- d. As atividades da Função Logística Engenharia são exercidas, basicamente, pelas OM de Engenharia do escalão superior. No escalão DE e Bda, essas atividades são reduzidas ao mínimo, devido à organização e à missão da engenharia de combate.
- e. Organização básica

O Batalhão Logístico de Divisão de Exército e de Brigada, independentemente do seu tipo, tem a seguinte organização:

- 1) Comando de Batalhão Logístico (Comando e Estado-maior);
- 2) Companhia de Comando e Apoio;
- 3) Companhia Logística de Saúde;
- 4) Companhia Logística de Suprimento;
- 5) Companhia Logística de Manutenção;
- 6) Companhia Logística de Recursos Humanos (ativada em operações); e
- 7) Companhia de Segurança (ativada em operações).

f. Comando do Batalhão Logístico

No posto de Comando, instalado e operado por elementos da Companhia de Comando e Apoio do Batalhão Logístico, ficam o comandante, o subcomandante e as 1ª, 2ª, 3ª e 4ª seções do estado-maior da unidade e o Centro de Operações de Apoio logístico (COAL).

O posto de Comando localiza-se no interior da área de apoio logístico, de preferência em uma posição central.

g. Companhia de Comando e Apoio

A Companhia de Comando e Apoio desdobra-se em uma região central, dentro da área de apoio logístico, a fim de instalar e operar o posto de Comando do Batalhão Logístico e prover o apoio logístico orgânico da unidade.

h. Companhia Logística de Saúde

A Companhia Logística de Saúde é a subunidade integrante do Batalhão Logístico que tem por missão prestar assistência médica de urgência e tratamento dentário de emergência, instalar postos de triagem e realizar, com seus próprios meios, a evacuação das baixas. É, ainda, responsável pelo suprimento de material de saúde e pela manutenção de 2º escalão de todo o equipamento de saúde da Base Divisionária ou da Brigada.

Em seu emprego normal, desdobra-se na parte anterior da área de apoio logístico e tem as seguintes atribuições: instalar e operar um posto de distribuição de Sup CI VIII (material de saúde); desdobrar, normalmente, um posto de triagem, podendo desdobrar dois postos de triagem, por curtos períodos de tempo, quando da abertura de uma subárea de apoio logístico ou nos deslocamentos; e realizar a evacuação

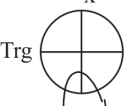
das baixas, dos postos de socorro das unidades até o posto de triagem ou P Cir Mv, prestando o apoio médico adequado.

A evacuação no âmbito da Brigada e da Divisão de Exército é realizada utilizando-se as ambulâncias do pelotão de ambulâncias, orgânico da Companhia Logística de Saúde. Meios de evacuação não permanecem em reserva. Estabelece o circuito de ambulâncias, desdobrando o posto de muda básica próximo ao P Trg da GU e um ou mais postos de muda intermediária ao longo do eixo de evacuação.

A missão principal do pelotão de ambulâncias da Companhia Logística de Saúde é a evacuação das baixas dos postos de socorro das unidades e das subunidades independentes, à luz do estudo de situação da manobra apoiada, para os postos de triagem da Brigada ou da Divisão de Exército, proporcionando assistência médica durante o transporte. Como missão secundária, pode transportar suprimento de saúde do posto de entrega de suprimento classe VIII para as unidades.

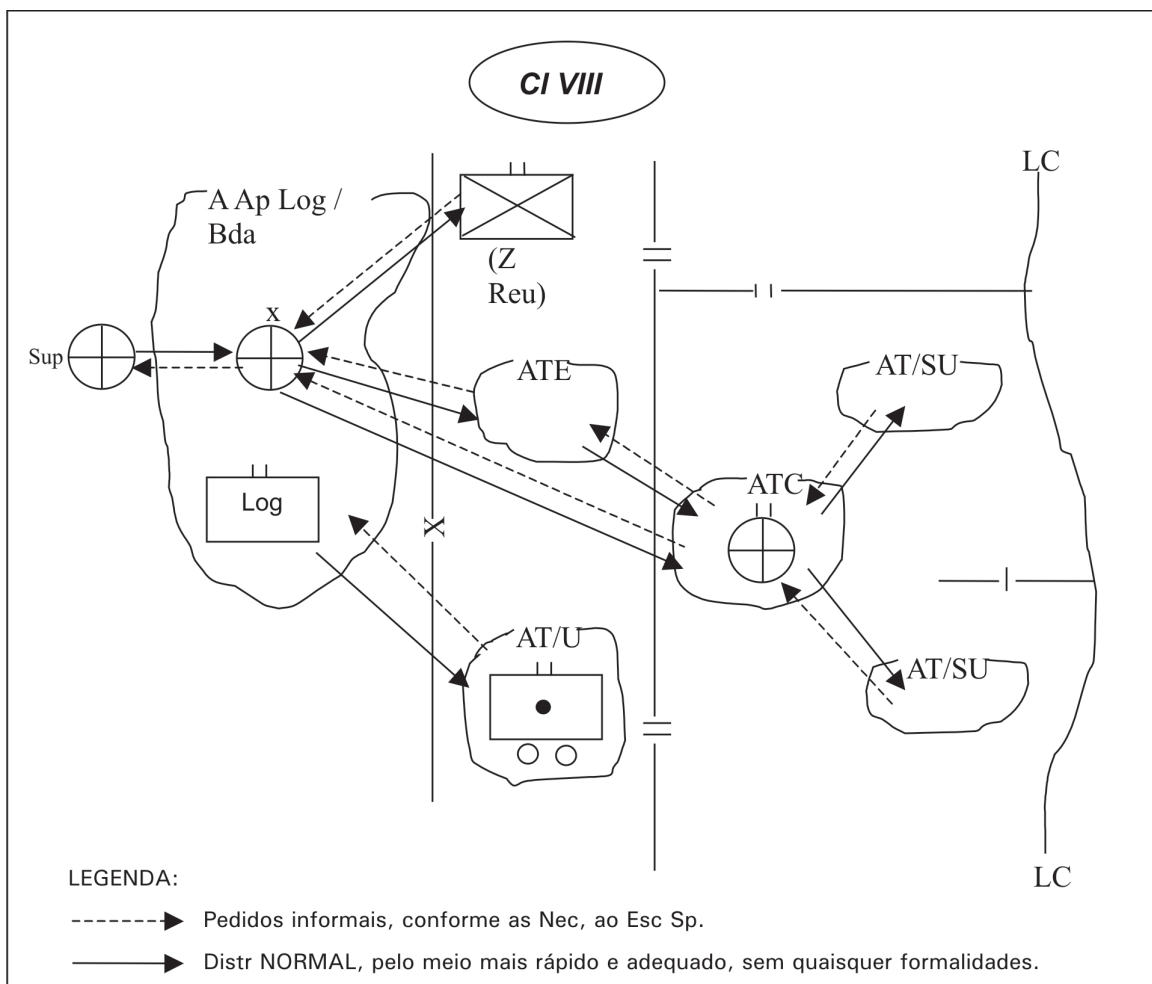
O escalão superior pode fornecer meios aéreos para a evacuação (evacuação aeromédica avançada) dos feridos graves. A atribuição de prioridades para este tipo de evacuação é da competência do E4 da Brigada ou da Divisão de Exército, mediante ligação com o Batalhão Logístico e de acordo com as necessidades das unidades e subunidades independentes apoiadas.

A Divisão de Exército e a Brigada recebem, em apoio, um Pelotão Cirúrgico Móvel (Pel Cir Mv), a fim de instalar e operar um posto cirúrgico móvel na sua área de apoio logístico. Este posto prepara os feridos graves para uma posterior evacuação.

	Escalão	Meios Ev e Instalações	Tratamento Recebido
Evacuação na Brigada e na Divisão de Exército	SU		Os atendentes prestam os primeiros socorros e conduzem os feridos para os locais abrigados (refúgios da SU, operado por um Cb Pad), onde aguardam os padioleiros ou as ambulâncias ¼ t que os transportam ao PS da unidade.
	U		Assistência médica de urgência. O PS é operado pelo pessoal de saúde da unidade. Os feridos que não puderem ser recuperados para retorno à frente são preparados para evacuação.
	Bda ou DE		No P Trg, os feridos são submetidos à triagem, recebem socorro de emergência ou sofrem pequenas intervenções cirúrgicas. Podem ser evacuados diretamente dos PS ou dos P Trg para os P Cir Mv (ou H Cmp), conforme as necessidades.
	Ex Cmp		Intervenções de maior vulto são feitas no H Cmp. A evacuação para o H Cmp é realizada pelo escalão que apóia a Bda por meio de ambulâncias e/ou aeronaves. A Ev Aem pode se dar desde as instalações mais avançadas, conforme as necessidades e disponibilidades de aeronaves.

Cadeia de Evacuação na Bda e na DE.

A entrega de suprimento CI VIII em combate não obedece a processos preestabelecidos. É feita informalmente por meio dos diferentes elementos de saúde. A troca de material é o processo utilizado, normalmente, pelos elementos de suprimento de saúde, para o recebimento ou a entrega do suprimento. A Companhia Logística de Suprimento e as instalações de saúde mantêm pequenos estoques de suprimento de saúde, adequados ao nível do apoio prestado. Estes estoques constituem a reserva orgânica de suprimento classe VIII.



Entrega de Suprimento CI VIII.

i. Companhia Logística de Suprimento

A Companhia Logística de Suprimento é a subunidade integrante do Batalhão Logístico que tem a seu cargo suprir a Base Divisionária e a Brigada. Incluem-se, nesta missão, os suprimentos das classes I, III e produtos acabados das classes II, IV, V(Armt), VI, VII, IX e X. Desse encargo, cabe-lhe exercer o controle de munição.

Em seu emprego normal, a Companhia Logística de Suprimento desdobra-se na área de apoio logístico imediatamente atrás da Companhia Logística de Saúde. A seção de Comando da Companhia apóia, com seus meios, o Comando da subunidade.

1) Pelotão de suprimento CI I e água

Instala e opera, na área de apoio logístico, os postos que se seguem:

- de distribuição de suprimento de classe I;
- de suprimento de água; e
- de controle de munição.

No caso da abertura de uma subárea de apoio logístico, o posto de entrega de suprimento da classe I é, também, desdobrado nessa subárea.

Escalonamento das Rações

a) A distribuição, em profundidade, das rações, dentro da divisão de exército e da brigada, permite assegurar a alimentação da tropa por determinados períodos quando, por qualquer eventualidade, for interrompido o fluxo de suprimento.

b) Escalonamento de rações adotado

(1) Com o homem - Cada homem transporta uma alimentação de emergência (AE), que só é consumida mediante ordem. A alimentação de emergência não faz parte da reserva orgânica da brigada ou da divisão de exército e, quando houver necessidade de se fazer um pedido, o mesmo é feito considerando-se o efetivo existente.

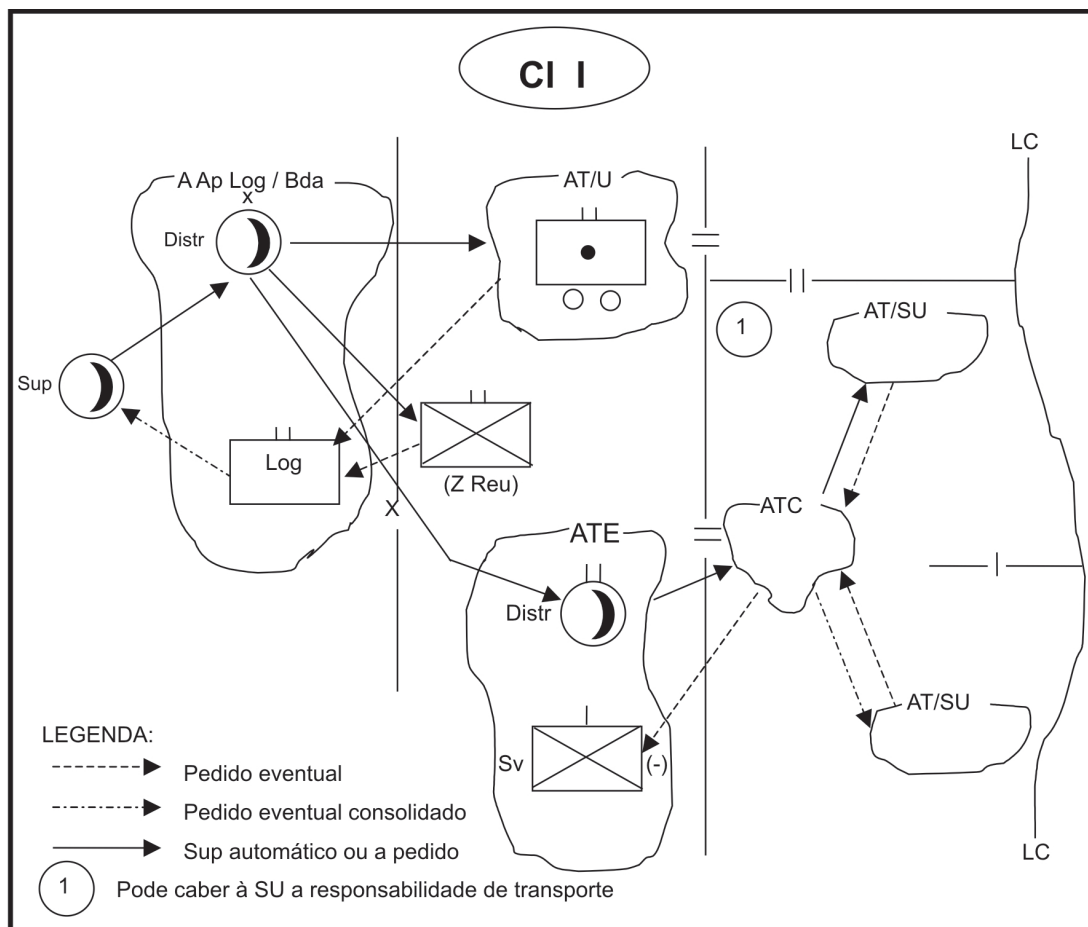
(2) Com a SU, U e Bda (ou DE) - De acordo com o Quadro de Entrega de Suprimento Classe I.

Reserva Orgânica

- a) É a quantidade de suprimento, desta classe, existente e que não esteja destinada para consumo imediato.
- b) O escalonamento referido no quadro a seguir indica a existência de quatro rações (R-2A ou R-3) não destinadas ao consumo imediato e que constituem, portanto, a reserva orgânica de suprimento CI I.

Elm	Transporte	Ração	Quantidade
SU	Nas viaturas	R-2A ou R-3	1 Rç para o efetivo previsto da SU
	Nas cozinhas	R-1A ou R-1B	De 2/3 a 1 2/3 de Rç para o Ef existente na SU
U	Trens da Unidade	R-2A ou R-3	1 Rç para o efetivo previsto na unidade
Bda e DE	Cia Log Sup/B Log	R 2A ou R-3	2 Rç para o efetivo previsto na Bda ou na B Div
SU Ind	Nas viaturas	R-2A ou R-3	2 Rç para o efetivo da subunidade

O transporte do suprimento até as unidades é realizado pelas viaturas do Pelotão de Suprimento e Transporte da Cia Log Sup, qualquer que seja o intervalo de ração adotado.



Entrega de Suprimento Classe I.

O suprimento de água é assegurado pelo posto de suprimento de água. As unidades consumidoras se abastecem no posto de suprimento de água usando camburões para água, viaturas com reboque-cisterna ou, ainda, viaturas-cisterna. As unidades podem abastecer-se de água a qualquer hora. Entretanto, se o suprimento é limitado ou a procura é excessiva, é necessário que haja um controle por meio de um quadro-horário de suprimento ou haja regra de racionamento.

Os elementos de suprimento de água da Bda e da DE podem instalar e operar até dois postos de suprimento de água, sendo normal a instalação de somente um destes postos. A instalação de mais de um posto de suprimento ocorrerá quando a Brigada ou a Divisão de Exército atuar em área extensa, com deficiência de fontes de água ou, ainda, quando a situação impuser a abertura de uma subárea de apoio logístico.

O posto de controle de munição pode ser localizado fora da área de apoio logístico, se houver necessidade.

2) Pelotão de suprimento e transporte

Instala e opera, na área de apoio logístico, o posto de distribuição de suprimento de outras classes [CI II, IV, V (Armt), VI, VII e IX – produtos acabados]; e

Cabe ao grupo de transporte leve realizar, com suas viaturas, o suprimento para todos os elementos orgânicos da Brigada (ou da Base Divisionária).

O grupo de transporte médio tem a responsabilidade do transporte da reserva orgânica de suprimento das classes I, III e produtos acabados das classes II, IV, V(Armt), VI, VII, IX e X.

3) Pelotão de suprimento CI III e munição, minas e explosivos

Instala e opera, na área de apoio logístico, o seguinte:

- posto de distribuição de suprimento classe III; e
- posto de distribuição de suprimento classe V (M), quando autorizado e reforçado por elementos do escalão superior.

O suprimento classe III necessário resulta da proposta dos comandantes subordinados em face das estimativas para determinados períodos, com base em dados experimentais. A Bda não integrante de uma DE, bem como a DE (brigadas e base divisionária), fazem as suas estimativas de consumo e as enviam ao Esc Sp.

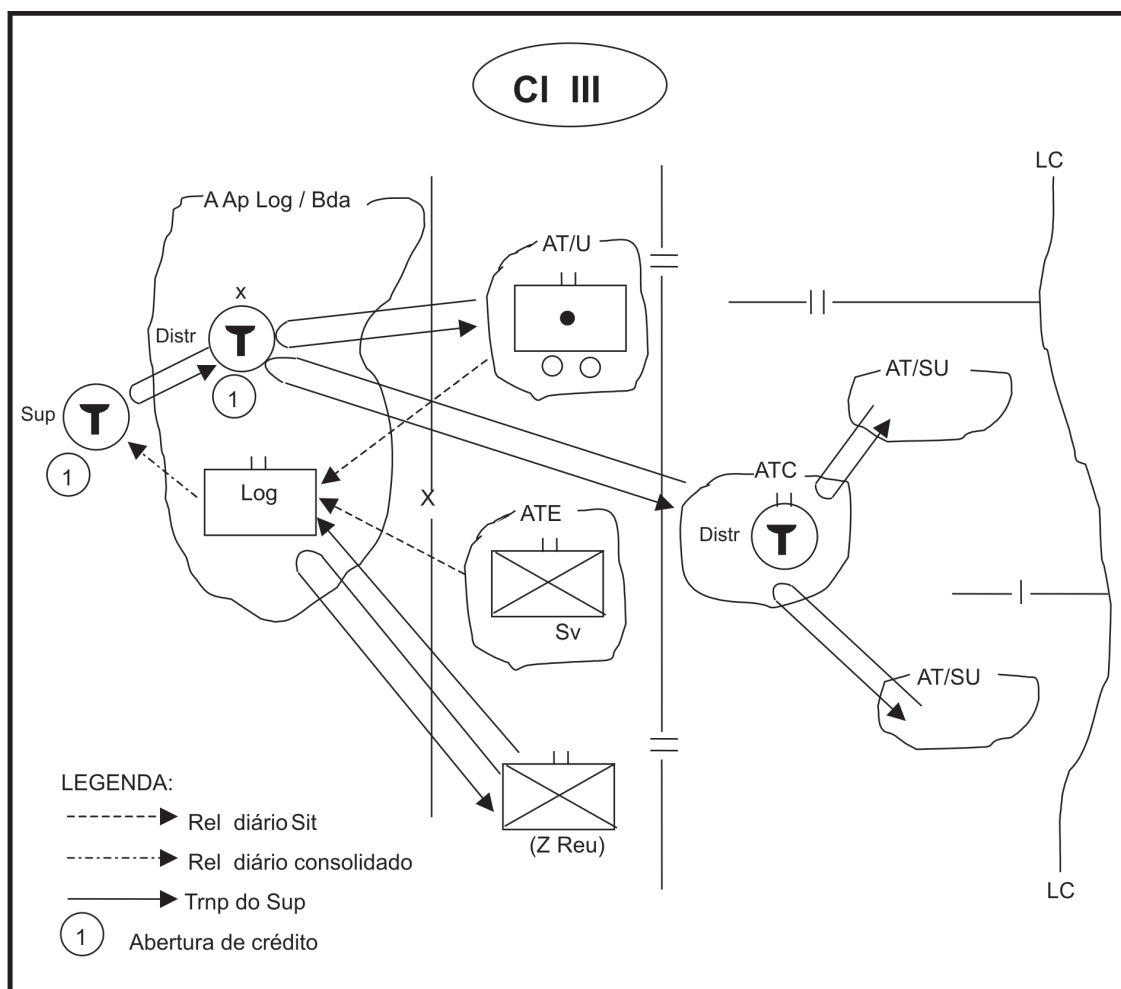
Entrega do suprimento CI III

O Batalhão Logístico recebe o suprimento na instalação do escalão superior que apóia a Brigada e/ou Divisão de Exército e o transporta para o seu posto de entrega de suprimento classe III, desdobrado pela Companhia Logística de Suprimento na área de apoio logístico. O escalão superior fornece este suprimento à Brigada e/ou Divisão de Exército, realizando a troca de viaturas-cisterna ou enchendo as viaturas-cisterna vazias a ele apresentadas.

As viaturas e os reboques-cisterna da Companhia Logística de Suprimento são empregados para transportar a reserva orgânica de suprimento classe III da Brigada e/ou Divisão de Exército. As viaturas do Pelotão de Suprimento CI III e V constituem o posto de entrega de suprimento classe III na área de apoio logístico da

Brigada e da Divisão de Exército e, quando vazias, são trocadas ou enchidas nas instalações de suprimento classe III do escalão superior. O suprimento das unidades apoiadas poderá ser feito com o combustível da reserva orgânica, tendo em vista permitir a renovação do combustível, sendo, então, as viaturas da Companhia Logística de Suprimento recompletadas ou trocadas no posto de suprimento classe III do escalão superior.

- As unidades da Brigada e da Base Divisionária se suprem no posto de entrega de suprimento classe III da área de apoio logístico. Este suprimento se faz pela troca de viaturas-cisterna ou pelo enchimento das mesmas.
- Nas unidades e nas subunidades é adotado o processo de troca de camburões (20 litros) e/ou de tambores (200 litros) nos respectivos postos de entrega.



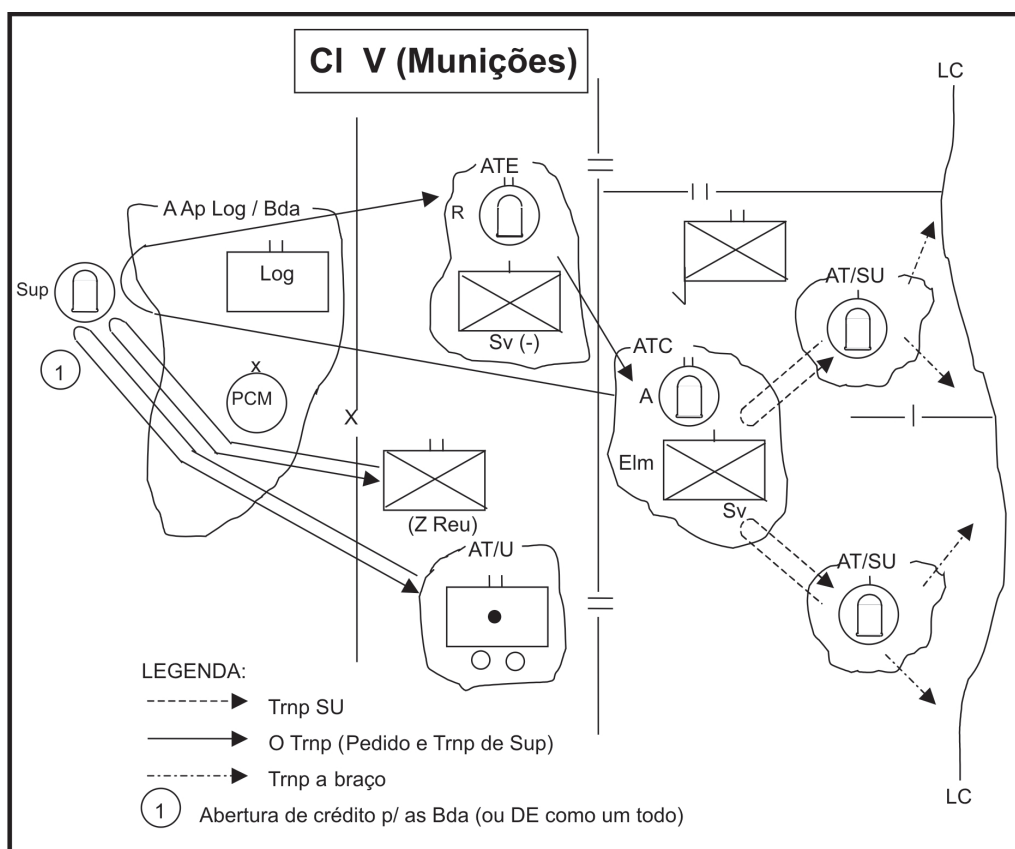
Distribuição de Sup CI III.

Entrega do suprimento Cl V (M)

- As unidades e subunidades independentes transportam suas DO. Vão à instalação de suprimento classe V (M) do escalão superior. Nessa instalação, a munição é carregada e, em seguida, transportada para os postos de remuniciamento das unidades e subunidades. Em princípio, recebem a munição que necessitam para recompletar suas dotações orgânicas e/ou para consumo imediato.

Não é normal a existência de uma instalação de entrega de suprimento classe V (M) na área de apoio logístico. Quando isto se tornar necessário, a Brigada ou a Divisão de Exército deve receber o apoio do escalão superior, que pode desdobrar e operar um posto de suprimento classe V (M). Neste caso, o posto de controle de munição se justapõe a esta última instalação.

- Dotação orgânica é a quantidade de cada item de suprimento classe V (M), expressa em tiros por arma ou em outra unidade de medida adotada para a distribuição, que determinada organização militar deve manter em seu poder, para atender às necessidades de emprego operacional.



Entrega de Suprimento Classe V (M).

j. Companhia Logística de Manutenção

É a subunidade do Batalhão Logístico que proporciona apoio de manutenção de 3º Esc à Brigada ou à Base Divisionária, exclusive o apoio de manutenção dos equipamentos de engenharia e de comunicações e guerra eletrônica pertencentes, respectivamente, às unidades e/ou às subunidades de engenharia de combate, de comunicações e de guerra eletrônica. Realiza, também, a evacuação do material salvo e capturado, no âmbito da Bda ou da DE.

Desdobra-se em uma faixa central, adjacente à Companhia Logística de Suprimento.

Os elementos da Companhia Logística de Manutenção, que se desdobram na área de apoio logístico da grande unidade, operam o posto técnico de material bélico, o posto de coleta de salvados e o posto de distribuição de suprimento de peças e conjuntos de reparação das classes II, IV, V(Armt), VI, VII, IX e X.

Cabe ao Pelotão de Comando da Companhia, além de executar os encargos de administração da Companhia, instalar e operar um posto técnico de material bélico, ao qual compete receber todo o material destinado à manutenção.

Cabe ao Pelotão de apoio, além de transportar e controlar o suprimento destinado à reposição imediata, realizar a evacuação do material salvo e capturado. Para isso, instala e opera um posto de coleta de salvados e um posto de entrega de peças e conjuntos de reparação na área de apoio logístico.

l. Companhia Logística de Recursos Humanos (Pessoal)

A Companhia Logística de Recursos Humanos é a subunidade integrante do B Log que proporciona apoio em recursos humanos à Brigada ou à Base Divisionária. Será ativada, em princípio, em caso de operações.

A Companhia Logística de Recursos Humanos opera com a maioria de seus meios na área de apoio logístico, desdobrando-se na sua parte posterior em relação aos Elm a apoiar.

m. Companhia de Segurança

É a subunidade do Batalhão Logístico que proporciona segurança ao PC do Batalhão, à Cia Log Sau e à A Ap Log como um todo, além de participar da DEFAR na área de segurança da A Ap Log. É oriunda de

uma unidade de combate do Grupamento Logístico ou Base Logística do escalão apoiador.

Desdobra-se na A Ap Log, disseminada, tendo seu PC justaposto ao da Cia C Ap.

Organiza-se em uma seção de Comando e três pelotões de segurança.

Desdobramento Logístico

1. Área de Retaguarda

- a. Denomina-se área de retaguarda o espaço geográfico (porção da zona de ação atribuída ao escalão considerado) compreendido entre os limites de retaguarda dos elementos subordinados de primeiro escalão e o limite de retaguarda do escalão considerado.
- b. Área de retaguarda de divisão de exército – Destina-se ao desdobramento da reserva, dos elementos de apoio ao combate e de apoio logístico.

Comentário

Devido ao aumento do alcance da artilharia de foguetes inimiga e à distância de segurança necessária para desdobrar os meios logísticos, a A Ap Log / Bda situa-se na A Rtgd da DE.

- c. Área de retaguarda de brigada – Destina-se ao desdobramento da reserva e dos elementos de apoio ao combate. Excepcionalmente, incluirá o espaço necessário para o desdobramento de seus meios de apoio logístico.

Comentário

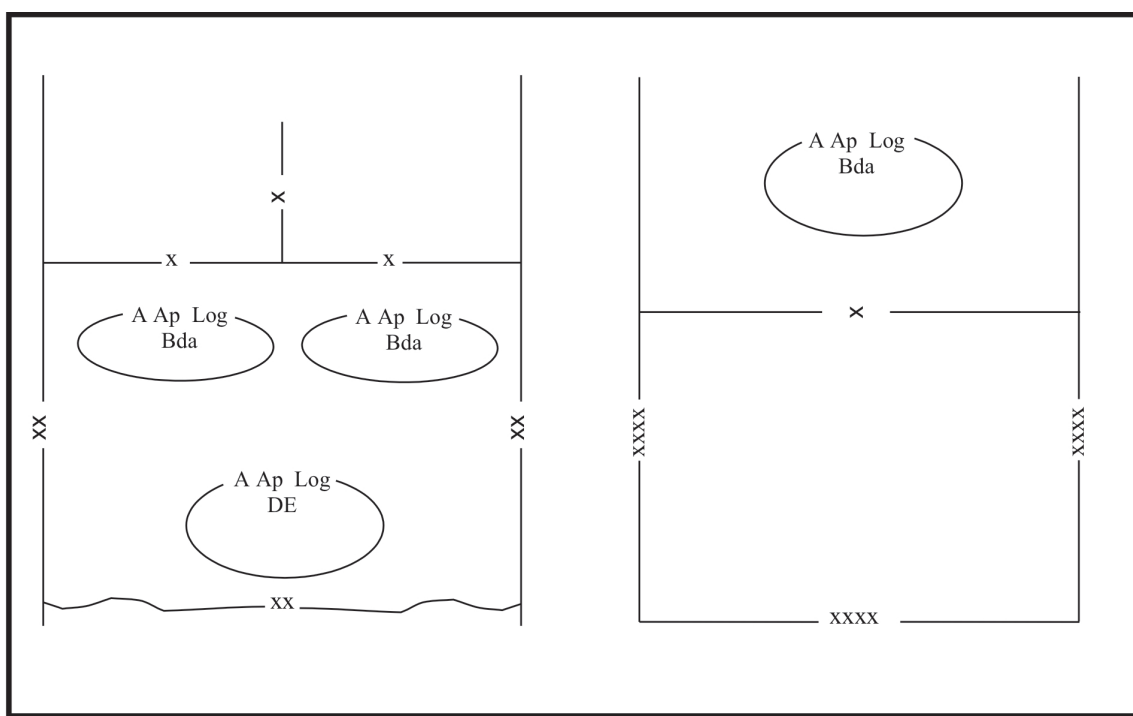
Os fatores para a localização da A Ap Log podem fazer com que a A Ap Log se desdobre, excepcionalmente, na A Rtgd da Bda.

2. Limites

São as linhas definidoras das responsabilidades territoriais de um determinado escalão.

a. Limite de retaguarda

- 1) Seu traçado deve satisfazer às condições que se seguem:
 - a) delimitar o espaço essencial para a manobra e para a localização das instalações logísticas.
 - b) deixar para o escalão superior boa estrada transversal, a fim de facilitar o apoio aos elementos vizinhos e o deslocamento lateral de suas reservas;
 - c) ser traçado o mais à frente possível, para reduzir os encargos territoriais; e
 - d) ser facilmente identificável.
- 2) É proposto pelo E4 ao comandante da divisão de exército ou da brigada, após a necessária coordenação de estado-maior. Uma vez aprovada, a proposta é submetida ao escalão superior. Este limite deve ter sua mudança planejada com antecedência, a fim de permitir os planejamentos e reconhecimentos necessários.



Limite de Retaguarda de Divisão de Exército e de Brigada.

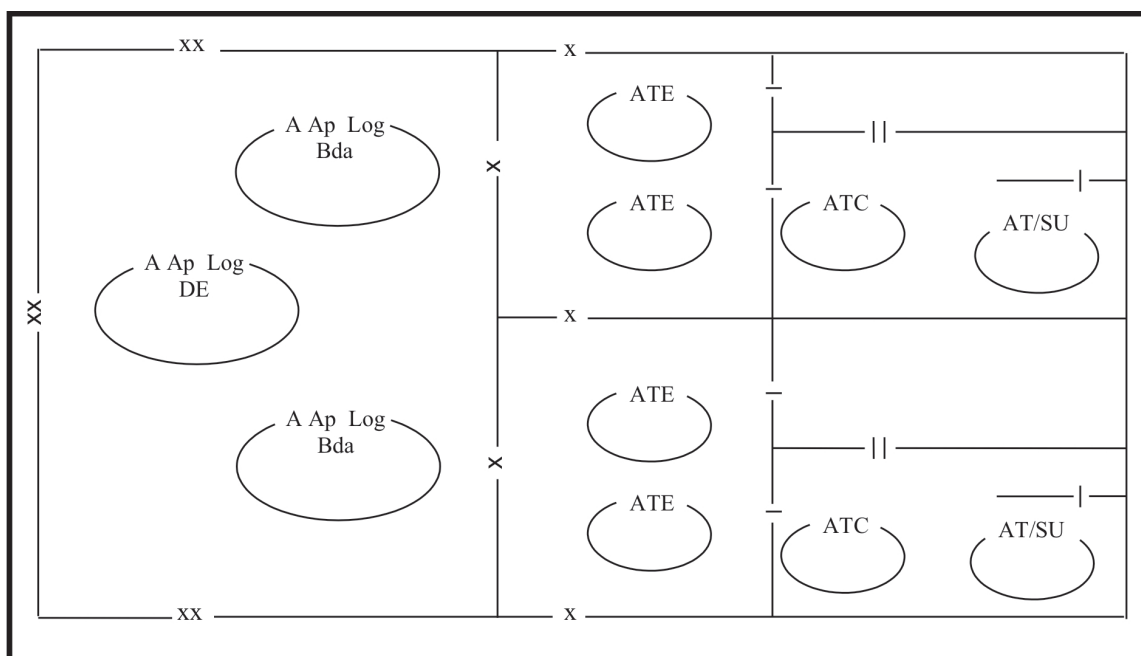
b. Limites laterais

- 1) Seu traçado deve satisfazer às seguintes condições:
 - a) permitir espaço essencial para a manobra e para a localização das instalações de apoio logístico;
 - b) preservar, para o escalão considerado e para os elementos vizinhos, a rede rodoviária necessária para o deslocamento das reservas e para o apoio logístico;
 - c) propiciar a diminuição dos encargos territoriais; e
 - d) ser facilmente identificável.
- 2) Cabe ao E3 propor os limites laterais que correspondam aos interesses operacionais, ficando a cargo do E4 a proposta de seus prolongamentos até o limite de retaguarda.

Os limites não são barreiras às operações de apoio logístico. Mediante coordenação entre os comandos responsáveis, as instalações e operações de apoio logístico de um comando podem estar presentes na área de outro.

3. Desdobramento dos Meios Logísticos na De/Bda

Para cumprimento de suas missões, os meios de apoio logístico desdobram-se em áreas, conforme mostra a figura.



Desdobramento dos Meios de Ap Log.

4. Área de Apoio Logístico

Denomina-se área de apoio logístico a região destinada ao desdobramento da maioria dos elementos de apoio logístico do escalão considerado e de elementos sob seu controle. Em algumas situações, podem nela se desdobrar, também, elementos de apoio logístico do escalão superior.

Comentário

Como exemplo de apoio logístico do escalão superior, é possível citar o Posto de Suprimento Classe V Avançado.

O Batalhão Logístico desdobra seus meios, para o cumprimento de sua missão, em uma área de apoio logístico (A Ap Log) e, se for o caso, em uma subárea de apoio logístico (SA Ap Log) ou em um Destacamento Logístico (DL).

a. Localização

- 1) Em princípio, a A Ap Log da DE situa-se em sua própria área de retaguarda e a A Ap Log da Bda situa-se na A Rtgd da DE que a enquadra, admitindo-se exceções em casos como:
 - a) operações de movimento, quando os Lim Rg estão sujeitos a frequentes variações, em curto espaço de tempo (movimentos retrógrados, aproveitamento do êxito etc.); e
 - b) operações com características especiais, sob condições especiais de ambiente ou onde a definição de uma A Rg se torna inviável ou dispensável (operações aeroterrestres, aeromóveis, ribeirinhas, de garantia da lei e da ordem etc.).
- 2) Para a localização da A Ap Log (Bda ou DE), o E4, em ligação com o Cmt B Log, realiza o estudo de situação de logística (2ª fase), posterior à decisão tática, devendo considerar, para cada região previamente selecionada, os fatores que se seguem:
 - a) a manobra tática do escalão considerado;
 - b) as características do terreno nos locais das prováveis áreas de desdobramento;

- c) as condições de segurança para as instalações e para o fluxo de apoio;
 - d) a situação logística existente;
 - e) outros fatores.
- 3) O E4 realiza, a partir de então, uma análise comparativa, baseada em critérios práticos e não vinculados a um raciocínio matemático, buscando a adequação dos vários enfoques possíveis, tais como: preponderância de um ou mais aspectos sobre os demais, a importância relativa de um ou mais fatores em face da missão ou do tipo de operação que se realiza, a excessiva vantagem ou desvantagem de determinado aspecto e a diretriz do Cmt.
- 4) Após o reconhecimento detalhado do terreno, o E4 prioriza as regiões selecionadas, ratificando ou retificando a análise dos fatores e aspectos, e apresenta a proposta de desdobramento ao Cmt da Bda ou da DE.
- 5) Depois da decisão do Cmt Bda, a prioridade das regiões selecionadas é remetida ao Cmdo DE que decidirá sobre os locais de desdobramento das A Ap Log de suas brigadas integrantes. Quando, excepcionalmente, a A Ap Log da Bda for desdobrada em sua própria A Rg, a decisão caberá ao Cmt Bda.

Torna-se importante saber a localização da A Ap Log devido ao constante deslocamento de viaturas dos elementos apoiados à retaguarda, visando apanhar, principalmente, suprimento CI III e V (Mun).

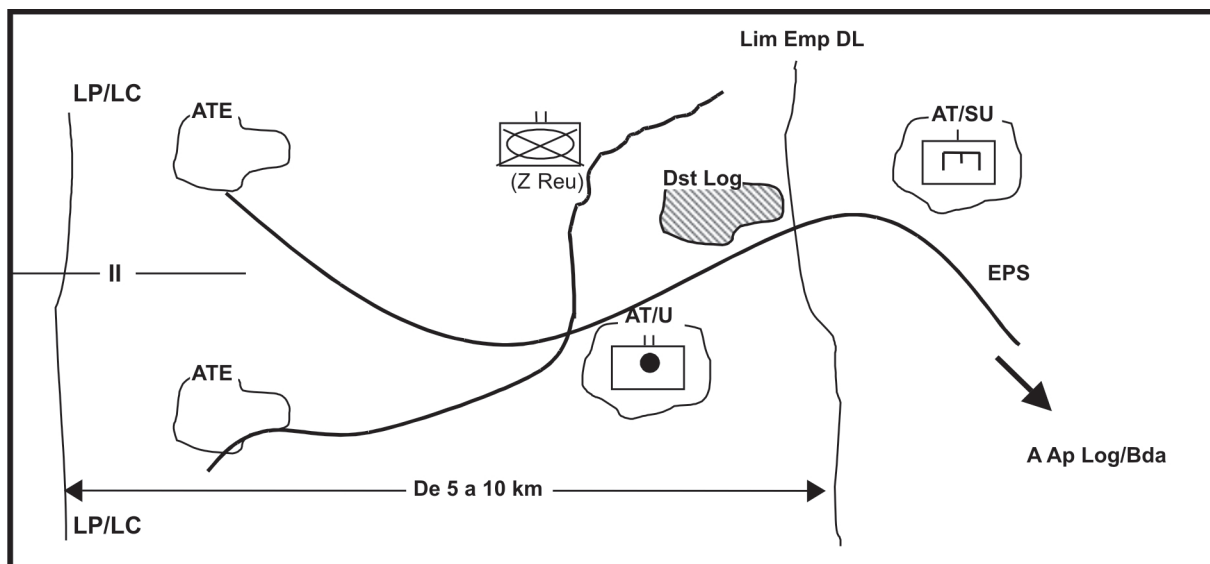
b. Localização das instalações na Área de Apoio Logístico

O desdobramento dos meios de apoio sofre injunções do terreno, particularmente da rede rodoviária no interior da área de apoio logístico.

A figura a seguir apresenta um desdobramento esquemático dos elementos de apoio logístico, no interior da área de apoio logístico, na Brigada e na Divisão de Exército.

5. Destacamento Logístico Avançado

- a. É a instalação logística que visa a proporcionar apoio cerrado e contínuo aos elementos de primeiro escalão de uma Bda ou DE, realizando atividades das funções logísticas suprimento, saúde e recursos humanos, essenciais à manutenção do poder de combate do elemento apoiado.
- b. Dosagem básica
 - 1) um por B Log de DE e Bda Inf Mtz.
 - 2) um a dois por B Log de Bda Bld e Mec.
 - 3) um a três por Bda Inf SI, Inf Pqdt e Inf L.
- c. Quanto ao desdobramento, o Dst Log apresenta as seguintes particularidades:
 - 1) Em princípio, o Dst Log não desdobra instalações de campanha tipo barraca ou toldo. Sua operação é realizada, exclusivamente, a partir de viaturas de média capacidade (5 a 12t), preferencialmente, as dotadas de relativa proteção blindada;
 - 2) Em seu desdobramento, deverá fazer ampla utilização de áreas construídas, observando os aspectos de dispersão por tipo de instalação.



Esquema de Desdobramento do DLA.

6. Apoio Logístico no Âmbito das Unidades e Subunidades

O apoio logístico nas unidades e subunidades independentes se processa a partir das áreas de trens, que se constituem em regiões fundamentais para esse apoio. Complementarmente, o apoio se prolonga até as áreas de trens das subunidades incorporadas.

Comentário

O Apoio logístico do B Log termina, normalmente, na área de trens das Unidades e Subunidades independentes. O apoio às SU incorporadas trata-se da logística interna das U e SU.

7. Áreas de Trens

- a. Os meios de apoio logístico das unidades são reunidos numa subunidade de serviços.

Comentário

No Batalhão de Infantaria, no Batalhão Logístico e no Batalhão de Engenharia de Combate, são reunidos na C C Ap; no Regimento de Cavalaria, são reunidos no Esqd C Ap; no Grupo de Artilharia, na BC e na Cia Com, no Pel C Ap.

Os elementos de combate, valor unidade, quando empregados em primeiro escalão, dividem esses meios em trens de estacionamento e trens de combate. Elementos de combate, valor unidade, em zona de reunião, elementos de apoio ao combate e elementos de combate independentes, valor subunidade, desdobram seus meios em uma única área de trens.

- b. Para mais detalhes, devem ser consultados os manuais específicos das U e SU de combate e de apoio ao combate.

8. Área de Trens de Estacionamento de Unidade de Combate

Área de trens de estacionamento é a porção da área de retaguarda da brigada onde estão reunidos os trens de estacionamento das unidades de combate.

a. Localização dos trens de estacionamento.

- 1) Para a localização da área de trens de estacionamento (ATE) são considerados fatores semelhantes aos indicados para a localização da área de apoio logístico. Tal localização é atribuição do S4 da unidade/subunidade, em estreito entendimento com o E4 da brigada/divisão de exército.
- 2) Os trens de estacionamento das unidades localizam-se na área de retaguarda da brigada e fora da área de apoio logístico. No entanto, em algumas situações onde haja a necessidade de adotar medidas de segurança mais acentuadas e nas operações defensivas, os trens de estacionamento podem localizar-se nas proximidades da A Ap Log.
- 3) A localização dos trens de estacionamento das unidades, fora da área de apoio logístico da brigada, busca atender a sua atividade-fim, que é, dentro de determinadas condições de segurança, prestar um apoio cerrado à sua unidade. Entretanto, quando as condições de segurança forem ameaçadas, é natural que a área de apoio logístico acolha, em seu interior, os trens de estacionamento.

b. Instalações

Os elementos de apoio logístico orgânicos das unidades, na área de trens de estacionamento, basicamente, instalam e operam:

- 1) um posto de remuniamento recuado;
- 2) uma área de cozinhas;
- 3) uma área de estacionamento de viaturas;
- 4) um posto de coleta de salvados (em caso de necessidade); e
- 5) postos de distribuição de suprimento de CI I e CI III recuado, dependendo da situação.

c. Cabe ao comandante da subunidade de comando e apoio o controle da área de trens de estacionamento.

9. Área de Trens de Combate de Unidade de Combate

- a. Área de Trens de Combate (ATC) de unidade é a porção da zona de ação da unidade onde são reunidos elementos de apoio logístico necessários para prestar um apoio mais cerrado.
- b. A ATC é comumente localizada nas proximidades do posto de comando da unidade considerada, junto aos seus elementos de comando (companhia ou esquadrão de comando, estado-maior, comandante etc.).
- c. A subunidade de comando, ao se desdobrar nas proximidades do posto de comando da unidade, conta com alguns elementos de apoio logístico (próprios e recebidos em reforço), a fim de proporcionar um apoio mais cerrado à unidade.
- d. Na área de trens de combate, em geral, são desdobradas as seguintes instalações:
 - 1) um posto de remuniciamento avançado;
 - 2) um posto de socorro;
 - 3) uma área de manutenção de viaturas e armamento;
 - 4) uma área de cozinhas;
 - 5) uma área de estacionamento de viaturas;
 - 6) um posto de coleta de mortos; e
 - 7) postos de distribuição de suprimentos de CI I e CI III avançado, dependendo da situação.
- e. Cabe ao S4 da unidade, auxiliado diretamente pelo subcomandante da subunidade de comando e apoio, o controle da área de trens de combate.

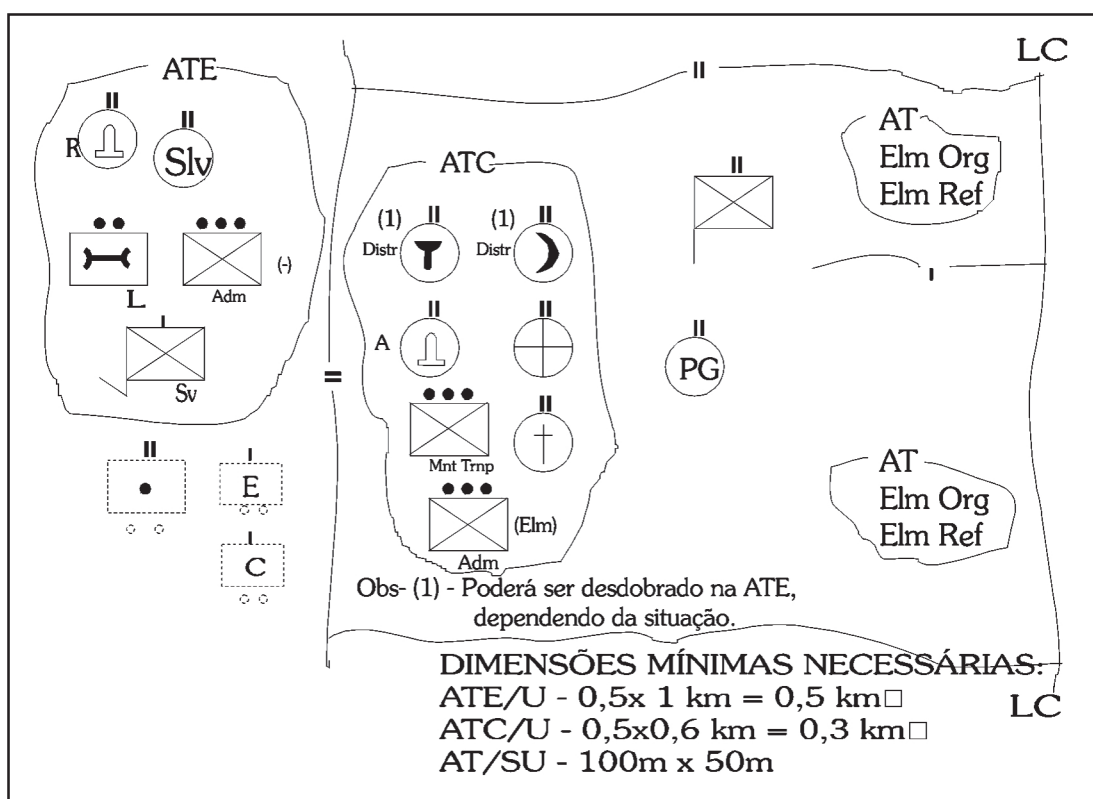
10. Área de Trens de Subunidade Incorporada

- a. Normalmente, as subunidades em primeiro escalão reúnem seus meios de apoio logístico em uma região designada como área de trens de subunidade, quase sempre localizada nas proximidades do posto de comando da subunidade considerada.
- b. Em algumas ocasiões, aqueles meios ou parte deles, podem ser desdobrados em uma área de trens de combate ou mesmo em uma área de trens de estacionamento de uma unidade de combate.

- c. Os trens de subunidade proporcionam apoio logístico contínuo a todos os elementos da subunidade.

Comentário

Na área de trens da SU basicamente instalam e operam um Refúgio de Feridos, um Posto de Remuniciamento da SU e uma área de cozinhas.



Desdobramento dos Trens de Unidade e Subunidade

11. Área de Trens de Unidade de Apoio ao Combate e Subunidade Independente

- a. É normal que as unidades de apoio ao combate e subunidades independentes, devido às peculiaridades de suas formas de emprego, não realizem a divisão de seus meios de apoio logístico em áreas de trens de combate e de estacionamento. Ficam, assim, os meios reunidos

e localizados, quer seja próximo ao posto de comando da unidade considerada, quer seja em sua zona de reunião, ou, ainda, em uma área de trens de estacionamento de uma unidade de combate ou, mesmo, em uma área de apoio logístico de brigada ou de divisão de exército.

- b. Cabe aos elementos integrantes dos trens das unidades de apoio ao combate e subunidades independentes prestarem o apoio logístico contínuo às suas unidades e subunidades enquadrantes.
- c. De um modo geral, os elementos de apoio logístico constituintes dos trens das unidades de apoio ao combate e subunidades independentes são semelhantes àqueles que se encontram nas unidades e subunidades de combate.

Referências Bibliográficas

- C 100 - 5-Operações, 3a Edição-1997.
- C 100 - 10 - Logística Militar Terrestre.
- Publicação de Organização e Emprego das Armas da EASA.